

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA
MESTRADO EM ANTROPOLOGIA

VIVER A DOIS É UMA ARTE?

Um estudo antropológico da homoconjugalidade
masculina na Região Metropolitana do Recife

ANDERSON VICENTE DA SILVA

RECIFE, 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA
MESTRADO EM ANTROPOLOGIA

VIVER A DOIS É UMA ARTE?

Um estudo antropológico da homoconjugalidade masculina na
Região Metropolitana do Recife

ANDERSON VICENTE DA SILVA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora
do Curso de Pós-Graduação em Antropologia
da Universidade Federal de Pernambuco como
requisito para a obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Dra. Lady Selma Ferreira Albernaz

RECIFE, 2008

ANDERSON VICENTE DA SILVA

**VIVER A DOIS É UMA ARTE? UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO DA
HOMOCONJUGALIDADE MASCULINA NA REGIÃO METROPOLITANA DO
RECIFE**

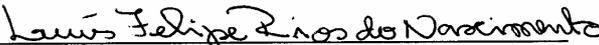
Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-graduação em Antropologia da
Universidade Federal de Pernambuco como
requisito parcial para a obtenção do título de
Mestre em Antropologia.

Aprovada em: 29/02/2008.

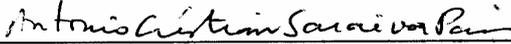
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Lady Selma Ferreira Albernaz
(Orientadora/UFPE)



Prof. Dr. Luis Felipe Rios do Nascimento
(Examinador Titular Interno/UFPE)



Prof. Dr. Antonio Cristian Saraiva Paiva
(Examinador Titular Externo – UFC)

Dedico este trabalho a meu companheiro
e amor Silvio Romero.

Averso

*Nós já temos encontro marcado
Eu só não sei quando
Se daqui a dois dias
Se daqui a mil anos
Com dois canos pra mim apontados
Ousaria te olhar, ousaria te ver
Num insuspeitável bar, pra decência não nos ver
Perigoso é te amar, doloroso querer
Somos homens pra saber o que é melhor pra nós
O desejo a nos punir, só porque somos iguais
A Idade Média é aqui
Mesmo que me arranquem o sexo, minha honra, meu prazer
Te amar eu ousaria
E você, o que fará se esse orgulho nos perder?*

*No clarão do luar, espero
Cá nos braços do mar me entrego
Quanto tempo levar, quero saber se você
É tão forte que nem lá no fundo irá desejar*

(...)

*O que eu sinto, meu Deus, é tão forte!
Até pode matar
O teu pai já me jurou de morte
por eu te desviar
Se os boatos criarem raízes
Ousarias me olhar, ousarias me ver
Dois meninos num vagão e o mistério do prazer
Perigoso é me amar, obscuro querer
Somos grandes para entender, mas pequenos para opinar
Se eles vão nos receber é mais fácil condenar
ou noivados pra fingir
Mesmo que chegue o momento que eu não esteja mais aqui
E meus ossos virem adubo
Você pode me encontrar no avesso de uma dor*

*No clarão do luar, espero
Cá nos braços do mar me entrego
Quanto tempo levar, quero saber se você
É tão forte que nem lá no fundo irá desejar*

(...)

AGRADECIMENTOS

Aos interlocutores, que tão gentilmente se disponibilizaram falar para mim pouco sobre suas vidas conjugais e abriram as portas de suas casas para que pudesse realizar este trabalho.

À professora Dr^a. Lady Selma Ferreira Albernaz, minha orientadora nesta Dissertação, minha mais nobre gratidão pela capacidade de acolhimento generoso e inteligente, cujo estímulo para a realização deste trabalho foi imprescindível em momentos diversos, especialmente quando as incertezas pessoais e as inseguranças ameaçavam a continuidade da longa jornada acadêmica.

Ao professor Dr^o. Luís Felipe Rios, que me auxiliou nas leituras mais específicas sobre a temática desta investigação, além de está sempre disposto a tirar todas as minhas dúvidas acerca do mar teórico que mergulhamos quando nos propomos a elaborar um trabalho como esse.

Aos professores Luiz Mello e Cristian Paiva, que me auxiliaram na descoberta de novos olhares investigativos em torno da homossexualidade. Vocês possibilitaram encontrar novas e proveitosas formas de estudar esse complexo tema. Muito obrigado mesmo.

A todos os professores do Mestrado em Antropologia, em especial à professora Judith Hoffnagel e Marion Quadros, que acompanharam de perto o projeto que resultou neste trabalho, contribuindo com dicas valiosíssimas para um melhor encaminhamento da pesquisa. Obrigado por tudo!

À Regina Leão, recepcionista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia, pela paciência e dedicação com que me tratou durante todo percurso que fiz, desde a seleção de ingresso até a elaboração desse trabalho.

Às minhas três grandes amigas e companheiras: Daniela Santos, Eneida Gomes e Rejane Maria; que me confortaram com palavras de carinho e afeto quando me encontravam confuso e perdido diante do volume de informações e tarefas acadêmicas. Obrigado por todo carinho e atenção. Vocês são especiais em minha vida.

À diretora e vice-diretora da Escola Municipal 12 de Março, onde sou professor: Maria Lucinéa e Maria Betânia; pela atenção e força que deram quando informei que iria me afastar para cursar o Mestrado em Antropologia. Agradeço também a vocês, por terem compreendido e dado toda a atenção e carinhos aos meus projetos de vida. Obrigado por tudo!

À Faculdade de Formação Professores de Nazaré da Mata, pela oportunidade que me deu em trabalhar com o Ensino Superior e, com isso, ganhar experiência no Ensino de Antropologia. Agradeço em especial aos professores: José Maria, Kalina Vanderlei, Sandra Montenegro e Alberon Lemos; pelas orientações, sugestões e oportunidades, que ampliaram os meus conhecimentos e minhas experiências como docente. Vocês são pessoas importantes na minha formação. Obrigado!

Aos meus colegas de curso, que compartilharam comigo as angústias e tristezas da vida profissional e acadêmica: Graça, Lilica, Drica, Sávio, Leo, Hugo, Jamerson, Jane, Carol, Chris, Luciana, Silvana e Mônica. Obrigado pela companhia e amizade.

À Sônia Maria Costa Barbosa, minha professora e orientadora da Graduação, que contribuiu bastante para que eu chegasse aqui. Muitíssimo obrigado.

Aos meus familiares, especialmente aos meus pais, Matilde e Ademilson, pela vida e por terem me ensinado a viver. À minha irmã Edilani. À Dona Suely, que é minha sogra e também mãe, e que tanto me auxiliou nas tarefas do dia-a-dia durante todo tempo que estive dedicado ao curso de Mestrado.

A Silvio Romero pelo companheirismo, paciência e amor. Este trabalho é o produto de uma etapa que passamos juntos na busca de nosso maior sonho. Que nosso sonho maior seja realizado com a força do amor que temos um pelo outro. Obrigado por tudo!

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo compreender os aspectos da vida cotidiana a dois, que os homossexuais da Região Metropolitana do Recife constroem em suas relações. Este estudo busca também analisar como esses homossexuais vêem o reconhecimento social dessa relação a partir das interações que o casal estabelece com os vizinhos, amigos e familiares. Para tal, foi utilizada uma pesquisa qualitativa através de visitas realizadas nas residências do casal homossexual. Na perspectiva de aprofundar algumas questões percebidas durante as primeiras impressões coletadas na minha relação com os casais foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas com um dos membros da díade. Imerso neste universo de sentidos, os diversos atores que participam do debate a respeito das idéias acerca de um relacionamento duradouro entre pessoas do mesmo sexo acabaram trazendo para o centro da discussão valores, significados e representações sobre a homossexualidade no contexto social. No intuito de fundamentar esses discursos e representações, realizou-se uma breve revisão das principais abordagens teóricas acerca da homossexualidade e conjugalidade e que relações são estabelecidas entre esses dois aspectos na vida cotidiana dos sujeitos. Finalmente, o estudo aqui apresentado busca compreender um pouco dos arranjos cotidianos e de sociabilidades empreendidas pelos homossexuais na constituição de relações conjugais entre pessoas do mesmo sexo.

Palavras Chaves: Homossexualidade, Conjugalidade, Reconhecimento, Enamoramento, Família.

ABSTRACT

This dissertation has for objective to understand the aspects of the daily life the two, which the homosexuals of the Region Metropolitan of Recife construct in its relations. This study it also to analyze as these homosexuals see the social recognition of this relation from the interactions that the couple establishes with the familiar neighbors, friends and. For such, a qualitative research through visits carried through in the residences of the homosexual couple was used. In the perspective to deepen some questions perceived during the first impressions collected in my relation with the couples' interviews half-structuralized with one of the members of couple had been used. Immersed in this universe of directions, the diverse actors who participate of the debate regarding the ideas concerning a lasting relationship between people of the same sex had finished bringing for the center of the quarrel values, meanings and representations on the homosexuality in the social context. In intention to base these speeches and representations, one became fulfilled one brief revision of the main theoretical boarding concerning the homosexuality and conjugalidade and that relations are established between these two aspects in the daily life of the citizens. Finally, the study presented search here to understand a little of the daily arrangements and sociabilities undertaken for the homosexuals in the constitution of conjugal relations between people of the same sex.

Words Keys: Homosexuality, Conjuality, Recognition, To fall in love with, Family.

RÉSUMÉ

Cette dissertation a objectif comprendre les aspects de la vie quotidienne à deux, que les homosexuels de la Région Métropolitaine du Recife construisent dans leurs relations. Cette étude cherche aussi analyser comme ces homosexuels voient la reconnaissance sociale de cette relation à partir des interactions que le couple établit avec les voisins, amis et parents. Pour tel, est utilisée une recherche qualitative à travers des visites réalisées dans les résidences du couple homosexuel. Dans le risque d'approfondir quelques questions perçues pendant les premières impressions rassemblées dans ma relation avec les couples ont été utilisées des entrevues semi-structurée avec un des membres de díade. Immergés dans cet univers de sens, les divers acteurs qui participent du débat concernant les idées concernant des relations durables entre des personnes du même sexe ont fini en apportant pour le centre de la discussion des valeurs, significations et représentations sur homossexualité dans le contexte social. Avec l'intention de dese baser ces discours et représentations, s'est réalisé un brèves révisions des principaux abordages théoriques concernant homossexualité et conjugalité et que des relations sont établies entre celui-là deux aspects dans la vie quotidienne des sujets. Finalement, l'étude ici présentée recherche comprendre un peu des dispositions quotidiennes et des sociabilités entreprises par les homosexuels dans la constitution de relations conjugales entre des personnes du même sexe.

Mots Clés : Homosexualidad, Conjugalité, Reconnaissance, Passionnement, Famille.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	V
RESUMO	VII
ABSTRACT	VIII
RÉSUME	IX
INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I	
MARCO TEÓRICO: PENSANDO O OBJETO	21
1.1 - Sexualidade, Gênero, Família e Relações Homossexuais.....	22
1.2 - Roteiros da vida a dois: os <i>scripts sexuais</i>	40
CAPÍTULO II	
METODOLOGIA: PENSANDO A PESQUISA	47
CAPÍTULO III	
TRAJETÓRIA E ESCOLHAS DE PARCERIAS: UMA VISÃO HOMOSSEXUAL	63
3.1 – Trajetória de vida: percursos da sexualidade.....	66
3.2 – Trajetória do Enamoramento.....	76
3.3 – Escolha do Companheiro atual.....	86
CAPÍTULO IV	
CASAMENTO HOMOSSEXUAL: ARRANJOS E PRÁTICAS COTIDIANAS	91
4.1 – Onde vamos morar? Localização estratégica da residência do Casal....	95
4.2 – Mantendo a casa em pé: Administração da vida a dois.....	98
4.2.1 – Divisão das tarefas domésticas.....	100
4.2.2 – Administração das despesas.....	106
4.2.3 – Momentos de descontração: atividades de lazer.....	109
4.3 – Mantendo a chama acesa: sobre os arranjos e práticas afetivas.....	111
4.3.1 – “Meu amor”: formas de tratamento do casal.....	112

4.3.2 – “Relatório” cotidiano das atividades do companheiro.....	115
4.3.3 – Vamos discutir a relação? Aspectos importantes.....	118
4.4 – Fiel ou Leal? Eis a questão! As várias opiniões.....	120

CAPÍTULO V

REPRESENTAÇÕES DO RECONHECIMENTO SOCIAL DO CASAL HOMOSSEXUAL: AS HOMOSSOCIALIDADES.....

	126
--	-----

5.1 – Relação do casal homossexual com as famílias.....	129
5.2 – Casal homossexual e suas relações de vizinhança.....	135
5.3 – Relações de amizade do casal homossexual.....	139
5.4 – Representações do reconhecimento social do casal.....	143

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....

	148
--	-----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....

	155
--	-----

APÊNDICES.....

	162
--	-----

ANEXOS.....

	168
--	-----

INTRODUÇÃO

*“O amor é que é essencial
O sexo é só um acidente
Pode ser igual
Ou diferente.
O homem não é um animal:
É uma carne inteligente,
Embora às vezes doente”.*

Fernando Pessoa

O objetivo dessa dissertação é compreender os arranjos e práticas cotidianas nas relações entre homossexuais masculinos e como esses estão ou não relacionados com a necessidade de reconhecimento e aceitação social do casal homossexual. Para tanto foram considerados os roteiros cotidianos construídos pelos casais e, diante do levantamento desses aspectos, buscou-se destacar as opiniões construídas pelos homossexuais acerca dos mecanismos de aceitação/reconhecimento da relação pela sociedade.

A despeito das uniões entre pessoas do mesmo sexo ser uma prática que sempre esteve presente na história da humanidade (FOUCUALT, 2006 e WEEKS, 1985), obedecendo a várias regras e normas estabelecidas por estas mesmas sociedades, nas quais estas práticas se realizam, a conjugalidade homossexual é um tema ainda recente nos estudos antropológicos. A discussão dessa temática inicia-se com os estudos sobre as novas configurações familiares, que tentam desnaturalizar e desmistificar a idéia de família nuclear e da heterossexualidade como o modelo a ser seguido pelos indivíduos¹.

Essas reflexões fundamentaram alguns estudos. Essas abordagens definem as relações homossexuais, bem como as heterossexuais como vínculos baseados nos valores fundantes das vivências familiares contemporâneas, ou seja, o carinho, o “amor”, o companheirismo, o respeito e/ou reconhecimento do casal pelos vizinhos e por parentes² instrumentaliza os homossexuais na construção e

¹ Para um melhor aprofundamento acerca das discussões sobre parentesco e casamento gay ver Butler (2003). Esse texto também traz um debate acerca da heterossexualidade compulsória presente nos novos arranjos conjugais. Porém, quero deixar claro que essa abordagem não será tomada como central no meu trabalho diante das possibilidades de arranjos conjugais construídos pelos homossexuais.

² Sobre os valores fundantes dos novos arranjos conjugais (familiares), ver Durham (1982), Kartz (1996) e Mello (2005).

manutenção de suas relações. Portanto, a conjugalidade ganha evidência a partir dos estudos da transformação da família, que colocou em evidência o reconhecimento do casal gay como elemento de reflexão acerca da realidade afetivo-sexual dos homossexuais brasileiros³. Nesse sentido, a aceitação das *relações estáveis*⁴ entre homossexuais é influenciada pelos papéis conjugais que estão presentes nas representações e práticas sociais, referentes à família e que, segundo Mello (2005, p. 46) possui uma relação com a generalização do divórcio e da monoparentalidade presentes na sociedade contemporânea (DIAS, 2003).

É através dos estudos de conjugalidade homossexual que nos deparamos com a idéia de estabilidade nessas relações. Segundo Heilborn (2004) toda relação estável ganha um status de aceitação e reconhecimento da sociedade, possibilitando à díade sua inserção nos diferentes grupos sociais. Essa autora confirma a colocação de Rubin (1989) quando elabora o conceito de hierarquia sexual na sociedade ocidental. Ela diz que a aceitação de um casal homossexual perpassa pela constituição de comportamentos e práticas cotidianas próximas daquelas vivenciadas pelos heterossexuais casados, monogâmicos e procriadores, que se enquadram na classe das práticas normais ou saudáveis. É esse desejo, individual e/ou coletivo, de inserção num grupo, que os membros do casal buscam alcançar para que tenham garantidos os direitos e deveres correspondentes a

³ Sobre a vida sexual dos brasileiros ver Parker (1991). Esse autor, analisando a sexualidade dos brasileiros, concluiu que a ideologia do erótico dá ênfase aos corpos e prazeres. Esse sistema compreende as práticas sexuais em termos das possibilidades de prazer que ele oferece, formando conceitos como excitação, desejo, sensualidade corporal, sensações de prazer e satisfação. Segundo esse autor, ao criar essas noções, a ideologia do erótico permite a elaboração de arranjos que vai de encontro com as regras da vida cotidiana, ou seja, o erótico rompe em certos momentos com os discursos impostos pelo dispositivo de sexualidade criando outros novos discursos, mais livres e criativos em relação à repressão e ao controle exercido pela sociedade.

⁴ É importante destacar aqui o conceito de relações estáveis que norteia o meu trabalho. Para construir uma definição próxima da temática apresentada me fundamentei em estudos antropológicos que tratam de parcerias afetivo-sexuais e da Lei nº. 9.278/96, também chamada de Lei dos Conviventes e, que trata da formação de relações estáveis. Portanto, estou entendendo Relação Estável entre Homossexuais a convivência duradoura (no mínimo um ano de relação e coabitação), pública (entendida como a notoriedade da relação por parte de familiares, amigos e vizinhos) e contínua, estabelecida com o objetivo de constituição de família (FERNANDES, 2004).

construção e manutenção de laços afetivo-sexuais (HEILBORN, 2004 e GOMES, 2003).

Diante dessa visão, em que estabilidade pode ou não levar a aceitação e/ou reconhecimento da conjugalidade entre pessoas do mesmo sexo, os homossexuais masculinos, segundo Matos (2000) e Heilborn (2004)⁵, dão sentido aos aspectos da vida cotidiana mediante a consolidação de arranjos e práticas conjugais, tais como: a divisão do trabalho doméstico, o cuidado com a relação e a construção do respeito mútuo. Esses roteiros possibilitam o estabelecimento de laços afetivo-sexuais fundados em uma representação do que é construir e manter uma relação estável baseados nas construções de parcerias heterossexuais. É nesse contexto que o problema referido anteriormente se coloca.

Existem vários estudos que tentam dar conta dos diferentes aspectos da homossexualidade. Destacam-se aqui as abordagens que buscaram mostrar como os homossexuais foram representados pelas sociedades ocidentais nos vários períodos da história sócio-cultural da humanidade. Um exemplo desses estudos são os trabalhos de Green (2000), que tratam das representações que as instituições brasileiras do século XX faziam do homossexual.

No final do século XIX e início do XX o autor observou certa liberação das relações sexuais entre homens, quando o espaço urbano se apresentava como de fundamental importância para encontrar parceiros sexuais e socializar-se com os amigos. Surgiram neste contexto também as primeiras comunidades homossexuais⁶, que vão ganhar força com as reações médico-legais nas décadas de 30 e 40 do século XX e que possibilitará uma contra-reação dos homossexuais na manutenção

⁵ Ver Heilborn (2004), Matos (2000) e Gagnon (2006) acerca dos roteiros construídos nas interações cotidianas, que será aprofundado no Referencial Teórico.

⁶ Para ampliar as discussões e os conceitos de comunidades homossexuais, ver os textos de Haraway (1994) e Rios (2003).

de suas relações afetivo-sexuais, bem como tentativas de aceitação por parte da sociedade.

Fry (1982) aponta para a influência que a medicina teve durante os anos de 30 e 40 e ainda tem sobre a homossexualidade. O primeiro feito dessa ciência foi tirar essa orientação sexual da condição de crime, tornando-a doença. Nesse processo, médicos e cientistas criaram as mais diversas teorias. De acordo, com esses estudos há dois tipos de homossexuais: os 'invertidos', considerados doentes sem culpa de seus desejos sexuais; e os 'pervertidos', que apresentam desvios de caráter, escolhendo ter relações sexuais com pessoas do mesmo sexo biológico. O indivíduo, que possui práticas sexuais com outro homem considerado 'ativo' passa a ser classificado também como homossexual pela medicina. Sendo o homossexual um doente oriundo de desvios psicológicos e hormonais, ganha a possibilidade de cura mediante os diversos tratamentos oferecidos pelos cientistas.

Na década de 1980, os homossexuais são novamente atacados pelas normatizações médicas, agora com o estigma de que são pertencentes a um grupo de risco que transmite uma doença fatal: a AIDS. O advento da AIDS proporcionou, em larga medida, que a medicina reassumisse o poder de medicalizar novamente esta prática sexual, que desde os anos 1960 – com a revolução sexual – vinha perdendo boa parte de sua configuração negativa (Cf. GREEN, 2000 e VOGT, 1982). Isso possibilitou aos médicos de certo modo retomarem as concepções médico-legais de homossexualismo dos anos 30 e 40 que definiam a condição homossexual como doença. Neste sentido, os homossexuais dos anos de 1980 foram forçados a re-estudar este paradigma e enfrentá-lo com novas soluções (GREEN, 2000; BARBOSA, 1991 e VOGT, 1982). Para isso, intensificou-se a organização de grupos de gays reunidos em torno da bandeira contra a

discriminação e criação de novos direitos sexuais. Na esteira dessas novas estratégias de lutas da década de 1990, estabeleceram-se discussões transparentes sobre as questões de conjugalidade e parentalidade entre homossexuais (HEILBORN, 2004; MELLO, 2005 e UZIEL, 2002).

Nesse contexto notamos que surge uma nova ênfase em um dos aspectos das relações homossexuais: a conjugalidade⁷. A idéia de conjugalidade, a partir da modernidade, passa a pressupor a constituição da intimidade entre os parceiros, destacando-a como condição para uma relação baseada na complementaridade entre os homossexuais e instrumentalizando a legitimação do “eu” a partir do “nós”⁸. Essa categoria é acompanhada por uma discussão sobre o casamento entre pessoas do mesmo sexo que ganhou força com a luta dos movimentos gays pela legalização da parceria civil desde 1995⁹ (MELLO, 2005).

Assim, pensar em casamento e/ou parceria civil entre homossexuais significa pensar também nos arranjos dessas relações. Compreender o que representa esses aspectos nas relações amorosas entre pessoas do mesmo sexo talvez seja uma oportunidade singular para entender que fatores são construídos pelo próprio casal para a criação de condições que assegurem o bem-estar físico e emocional dos membros da díade (Cf. HEILBORN, 2004; MELLO, 2005; KARTZ, 1996 e POLLAK, 1987). Essa temática aponta também para uma compreensão dos elementos, que representam os discursos dos homossexuais acerca daquilo que eles entendem por reconhecimento/aceitação por parte dos grupos de sociabilidade

⁷ Estou entendendo **Conjugalidade Homossexual** como uma relação social que se institui em um par e que faz opção por uma determinada gestão da vida a dois. A conjugalidade será aqui enfocada também como a constituição de experiências de novos mecanismos sociais que permite a formação de configurações plurais de família. Para compreensão dessa conceituação, ver textos de Heilborn (2004, p. 14) e Matos (2000, p. 104).

⁸ Ver as discussões de Melo (2005) e Paiva (2007).

⁹ Ver no anexo n.º. 2 o Projeto de Lei n.º. 1.151/95, criada pela Deputada Marta Suplicy acerca da parceria homossexual que ainda tramita no Congresso Nacional desde 1995. Segundo Mello (2005), várias mudanças foram executadas neste projeto de lei, mas permanece ainda engavetado no Congresso por falta de um interesse político comprometido com esse segmento da sociedade civil.

(amigos, familiares e vizinhos). Esta questão ganha relevância porque há no senso comum uma associação entre homossexualidade e promiscuidade, sendo esta última significada como a múltipla-parceria sexual.

O debate contemporâneo sobre o casamento/conjugalidade homossexual é um elemento importante na compreensão do lugar que ocupa a díade homossexual em nossa sociedade, além de levantar discussões acerca do papel da instituição casamento em nossos dias. Portanto, questões como: será o casamento homossexual a solução para o estigma social dos homossexuais? e: Não será esse arranjo conjugal uma forma de controle social oriunda das transformações empreendidas pelos sujeitos nos últimos anos? Ganham força nas discussões levantadas pelos pesquisadores e serão pensadas ao longo dos capítulos dessa dissertação.

Portanto, a experiência de viver a dois é uma arte, pois os traços, os contornos e as cores de uma relação entre homossexuais masculinos são trazidos por discursos emoldurados em individualidades singulares que constitui o dia-a-dia dos homossexuais pesquisados.

Para apresentar os resultados incitados acima, o trabalho está dividido em cinco capítulos. Abaixo serão destacados os aspectos mais importantes encontrados em cada uma das partes aqui divididas.

O capítulo 1, **Marco Teórico: pensando o objeto**, apresenta a discussão das teorias que fundamentam esta dissertação. O sistema de Gênero e de sexualidade como instrumentos de formação dos arranjos conjugais entre os homossexuais é o foco desse capítulo. Traz ao longo das discussões algumas abordagens acerca das formações familiares no cenário brasileiro, que permitiram construir um olhar mais representativo em torno do casal homossexual enquanto

família. Destaca-se também aqui uma discussão acerca dos roteiros sexuais construídos pelos casais homossexuais para estabelecimento de relações cotidianas além das representações formuladas pelo casal em torno desses roteiros.

No capítulo 2, **Metodologia: pensando a pesquisa**, descrevo o percurso de construção dessa dissertação. Ela se desloca desde a escolha do grupo investigado, passando pelos instrumentos de coleta de dados, até os procedimentos da análise do material conseguido. Nela também faço as considerações sobre as dificuldades encontradas durante todo trabalho de campo e as possíveis soluções empreendidas para o bom andamento dos resultados encontrados.

O terceiro capítulo, **Trajectoria de vida e escolhas de parceria: a visão homossexual**, descreve um pouco das trajetórias de vida de cada um dos informantes e como esses iniciaram suas relações homossexuais, além de mostrar que aspectos são levados em consideração na escolha do companheiro para a formação da parceria homossexual.

No quarto capítulo, **Casamento homossexual: arranjos e práticas cotidianas**, trato das discussões acerca dos arranjos diários do casal para manter os aspectos financeiros e afetivos da parceria, além de levantar as opiniões das díades sobre dois pontos controversos e complementares das relações conjugais, que é a fidelidade e a lealdade.

No quinto capítulo, **As representações do reconhecimento social do casal homossexual: as homossocialidades**, buscarei mostrar como o casal homossexual se relaciona com as famílias de origem, com os vizinhos e com os amigos. Este capítulo trata também das representações que os homossexuais fazem do seu reconhecimento social.

Finalmente, nas **Considerações Finais**, apresento o conjunto das interpretações que me foi possível encontrar ao longo das discussões. Suas inter-relações, e pertinência para construção do conhecimento antropológico e da homossexualidade. Aponto também as possibilidades de novas investigações indicados pelos resultados apresentados.

CAPÍTULO I

MARCO TEÓRICO: PENSANDO O OBJETO

“(...) mesmo os que se orgulham de sua praticidade e de sua falta de teoria geralmente têm muitas teorias: uma para cada ocasião na qual atuam. A teoria não é uma distração supérflua, mas uma necessidade. É o que identifica o problema e interpreta as informações no processo de pesquisa (...) Isso vale principalmente durante um período de mudança de paradigma, quando ocorre não só uma crise metodológica, mas também uma crise em um campo. É por esse momento que passam as Ciências Humanas - um momento de dúvida, no qual a questão não é apenas como se sabe ou o que se sabe, mas se é possível saber”.

Parker e Gagnon (1995)

Neste capítulo apresento, de forma sucinta, a discussão teórica que possibilita e norteia a análise dos dados e sua aplicabilidade na investigação acerca da homoconjugalidade masculina. O modelo teórico aqui apresentado destaca algumas abordagens acerca da sexualidade e como esta se articula com o gênero na formação de configurações familiares diversificadas, fugindo dos padrões tradicionais de família¹⁰. Tomando esses sistemas como referenciais para pensar numa família homossexual (com ou sem filhos), é importante destacar que esse debate será ampliado com a inclusão dos estudos acerca da roteirização da vida cotidiana. Esse tema é pertinente já que a vida a dois traz idéias e opiniões sobre o que é aceito e/ou reconhecido pela sociedade na formação de casais homossexuais.

1.1 – Sexualidade, Gênero, Família e Relações Homossexuais

A investigação das relações de conjugalidade homossexual conduz, inicialmente, a uma análise do contexto histórico e sócio-cultural no qual se situam. Para empreender esse tipo de compreensão são revisitadas algumas teorias numa tentativa de ampliar as discussões acerca dos diferentes arranjos conjugais e das suas repercussões sobre a homossexualidade.

Nessa discussão destaca-se a abordagem de Michel Foucault (2005 e 2006) acerca da sexualidade humana, que enfatiza o caráter histórico das transformações da subjetividade, desconstruindo a idéia de um sujeito universal

¹⁰ Podem-se destacar também os estudos de Heilborn (2004), Matos (2000) e Mello (2005).

moderno. Para o autor, a problemática da sexualidade na modernidade reside na crença de que o sujeito deve buscar, no seu íntimo, a verdade do seu ser libidinal.

A partir dos séculos XVI e XVII, com a ascensão da burguesia, nota-se na sociedade ocidental uma multiplicação de discursos sobre o sexo que, ao defini-lo, acabaram por ocultá-lo, criando mecanismos que permitiam um controle dos sujeitos. Essa colocação de Foucault (2006) vai de encontro ao senso comum que prega que, até o século XIX, o sexo era reprimido, ocultado e negado pela sociedade¹¹. Observa-se com isso que a sociedade ocidental procurou criar um projeto de iluminação de todos os aspectos do sexo com o objetivo de produzir verdades sobre ele.

No século XIX, momento historicamente crítico para a burguesia, esse projeto alia-se a um plano científico, comprometido com as idéias evolucionistas e racistas características desse período. Esse plano científico ganha forma nos discursos médicos, que dão origem à medicina do sexo. Esta se associa fortemente à biologia da reprodução¹², que sob a roupagem da neutralidade científica, produz crescentemente verdades sobre o sexo, sendo estas últimas ligadas a uma moral de assepsia e conexão entre o que era patológico e pecaminoso¹³. A associação do discurso sobre o sexo com o discurso científico deu a ele maior legitimidade.

Foucault (2006) afirma que as tradições da *ars erotica* dos séculos XVI e XVII possibilitam a formação de uma *scientia sexualis*¹⁴, ou seja, atribuiu-se a essa

¹¹ Sobre a hipótese repressiva do sexo, ver o segundo capítulo do livro “*História da sexualidade*” de Michel Foucault (2006).

¹² Aqui se pode destacar os estudos evolucionistas de Darwin in *A origem das espécies*.

¹³ É importante destacar aqui a discussão que Foucault (2006) empreende acerca da *Scientia Sexualis* que, ao buscar enumerar as estratégias usadas pela sociedade para extorquir a verdade sexual de maneira científica, enfatiza o poder do discurso e a produção de saberes sobre o sexo.

¹⁴ Foucault (2006) define *Ars Erotica* como a busca do saber sobre o prazer com o objetivo de ampliá-lo. Para o autor essa prática era um saber de dentro, onde a verdade sobre o prazer é extraída do próprio saber. Já *Scientia Sexualis* é definida por Foucault (2006) como uma prática de confissão dos prazeres. A confissão na abordagem foucaultiana estabelece uma relação de poder onde aquele que confessa se expõe, produz um discurso sobre si, enquanto aquele que ouve analisa e interpreta o discurso, redime, condena, enfim, domina.

prática a tarefa de produzir discursos verdadeiros sobre o sexo, e isto tentando ajustar, com certa dificuldade, os antigos procedimentos da confissão às regras do discurso científico (FOUCAULT, 2006).

Como podemos observar, o autor desenha a sexualidade correspondente ao processo histórico da ascensão da burguesia e sua disciplinarização, considerando a questão da intimidade e a valorização do privado, no processo de interiorização do sujeito. Para os indivíduos, que são tidos como resultado da revolução burguesa, o lar passa a ser um lugar de proteção, em contraposição ao espaço do trabalho. É no lar, no seio da família, que os indivíduos encontram apoio emocional, buscando fugir da disciplina imposta pelo trabalho. Mas essa instituição também é disciplinarizada pela sexualidade. Um exemplo dessa influência são os métodos de contracepção que surgem na família com o objetivo de controlar o seu tamanho. Isso mostra a transformação que marcou profundamente a transição da vida pessoal para a vida conjugal. Observa-se aqui que a sexualidade se diferenciou das exigências de reprodução e se tornou uma propriedade do Estado, mas possibilitando de alguma maneira a formação de arranjos desvinculados das normas impostas pelo poder hegemônico¹⁵ (FOUCAULT, 2006 e 1985).

É no século XVIII que torna-se desejável o desenvolvimento do amor após o casamento. Aos poucos, o erotismo passa a fazer parte da união conjugal (PARKER, 1991; ALBERONI, 1999 e MAGALHÃES e FERÉS-CARNEIRO, 2003). Contudo, ao revisitar a literatura sobre a relação entre amor e paixão, que toma forma no erotismo; nota-se que essa relação tem início de forma ardente, floresce, mas desaparece rapidamente, sendo considerado pela sociedade ocidental um risco

¹⁵ Ver a discussão sobre conjugalidade disciplinarizada em Magalhães e Féres-Carneiro (2003) em seu artigo intitulado: Conjugalidade e subjetividade contemporâneas: o parceiro como instrumento de legitimação do “eu”, publicado no II Encontro Mundial de Estudos Gerais da Psicanálise no Rio de Janeiro em 2003.

para a estabilidade do vínculo conjugal (ALBERONI, 1999 e MATOS, 2000). Observa-se aqui que a exigência de uma durabilidade nas relações é acrescida de uma monogamia e indissolubilidade, que, ao ser atribuído aos parceiros, obriga os mesmos a preencherem necessidades afetivas e sexuais que, anteriormente, não eram concentradas na relação conjugal.

Mas, é no século XIX, quando o casamento passa a incorporar o amor conjugal como atributo valorizado para a relação familiar saudável, que a escolha conjugal se torna o ponto central para a higiene social. Constroem-se critérios de seleção acerca do cônjuge saudável e a hereditariedade, o corpo, a vida sexual e a moral se legitimam possibilitando a formação de vínculos amorosos que fogem das relações de linhagem e da nobreza do nome, ligadas à formação de núcleos familiares nos séculos anteriores.

As discussões sobre dispositivos de sexualidade, empreendidas por Michel Foucault (2006), podem ser aplicadas para entender os fatores que norteiam a definição de uma relação homossexual estável¹⁶, a qual parece ocorrer através da formação de um discurso próprio, cujos dispositivos regulam a sexualidade entre pessoas do mesmo sexo. Tendo em vista as discussões de Foucault¹⁷, considera-se aqui uma relação estável entre homossexuais como um conjunto de trocas afetivo-sexuais e um estilo de vida cotidiana, caracterizado por práticas de interação que visam à manutenção da vida a dois (Cf. FOUCAULT, 2006).

Pensar os dispositivos de sexualidade requer primeiramente uma reflexão sobre o conceito de poder foucaultiano. Este autor conceitua o poder como

¹⁶ Retomar a definição de relação estável entre pessoas do mesmo sexo, construída na nota de rodapé número quatro, na Introdução desse trabalho. Este conceito norteia o estudo aqui empreendido.

¹⁷ É importante, para compreender outros aspectos da teoria de Foucault acerca da sexualidade humana, ver os dois outros volumes sobre a História da Sexualidade (vol. II - o uso dos prazeres e vol. III - o cuidado de si); que foram utilizados nos capítulos posteriores por tratarem de questões pontuais sobre o vínculo homossexual. A medida que a discussão caminha os rumos da compreensão das relações de conjugalidade de Homens que fazem Sexo com outros Homens (HSH) farei uso desses textos.

um fenômeno social que é difuso e presente em várias dimensões da sociedade. Essa idéia de poder faz Foucault (2006) estabelecer uma relação entre discurso e sexualidade que amplia e recria o poder já existente na sociedade. Sobre isso o autor afirma:

Dizendo poder, não quero significar 'o Poder', como conjunto de instituições e aparelhos garantidores da sujeição dos cidadãos em um Estado determinado. Também não entendo poder como modo de sujeição que, por oposição à violência, tenha a forma de regra. Enfim, não o entendo como um sistema geral de dominação exercida por um elemento ou grupo sobre o outro e cujos efeitos, por derivações sucessivas, atravessem o corpo social inteiro. A análise em termos de poder não deve postular, como dados iniciais, a soberania do Estado, a forma da lei ou a unidade global de uma dominação; estas são apenas e, antes de qualquer coisa, suas formas terminais. Parece-me que se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais. (...) O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares (FOUCAULT, 2006, pp. 102-103).

Então, ao concluir que o poder provém de todas as partes, o autor, destaca que as relações, oriundas desse poder difuso, são dinâmicas, móveis que mantêm ou destroem grandes esquemas de dominação. É neste contexto que entra em cena a sexualidade que, segundo Foucault (2006), mostra ser um dos elementos mais eficazes de controle dos sujeitos. A respeito disso esse autor afirma que:

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, à formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (FOUCAULT, 2006, pp. 116-117).

Nota-se aqui que esse sistema de sexualidade funciona de forma flexível e associada às diversas configurações que toma o poder, em troca ele cria uma extensão permanente de domínios e das formas de controle.

Assim, para Foucault (2006) esse sistema da vida sexual dos sujeitos é definido como um conjunto de práticas discursivas e não discursivas, saberes e poderes que visam normatizar, controlar e estabelecer verdades a respeito do corpo e seus prazeres. Esse dispositivo dita, segundo suas verdades e valores, o que deve ser praticado, interferindo nas subjetividades e nas construções individuais referentes aos desejos e prazeres. Esta atuação se dá em todos os sujeitos que não se desprendem deste dispositivo, sejam eles heterossexuais ou homossexuais¹⁸. A concepção de uma sexualidade discursiva adotada, segue um padrão fálico, em que o prazer sexual está intimamente conectado ao ato sexual e, principalmente, à penetração, em ambas as relações sexuais citados anteriormente (FOUCAULT, 2006). Ou seja,

O dispositivo de sexualidade tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global (FOUCAULT, 2006, pp. 118).

Nota-se aqui, que o dispositivo de sexualidade tem o poder (na concepção foucaultiana) de tornar o sexo possuidor de uma verdade sobre as subjetividades. É através desse sistema, que se pode alcançar, segundo Foucault (2006), as profundezas do ser.

A partir dessas idéias pode-se compreender a conjugalidade homossexual tomando o conceito de dispositivo de sexualidade foucaultiano apresentado anteriormente. É baseado nessa discussão e no que observei nos casais homossexuais, que estou entendendo esse arranjo social como produto da elaboração de discursos acerca das imposições construídas pela sociedade, possibilitando a díade homossexual ou proliferar ou inovar as interações impostas

¹⁸ Sobre isso ver a discussão sobre as genealogias dos conceitos de homossexualidade e heterossexualidade elaborados por Katz (1996).

pela sociedade. Neste contexto se destacam os discursos médicos, as ideologias religiosas, as abordagens sexológicas, entre outros discursos (FOUCAULT, 2006; RUBIN, 1989 e GREEN, 2000) como forma de disciplinarização desse arranjo conjugal.

Mas, segundo Foucault (2006), é no contexto dos dispositivos de sexualidade que a homossexualidade foi produzida historicamente. De acordo com o autor, o desejo sexual entre pessoas do mesmo sexo biológico foi tomado pela psiquiatria como objeto de análise médica na segunda metade do século XIX (FOUCAULT, 1979). Paralelos ao discurso médico sobre a homossexualidade, surgiram manifestações homossexuais com o objetivo de mostrar a realidade desse grupo social marginalizado pela sociedade. Essa “resistência”, de acordo com Foucault (1979), é importante para o surgimento dos movimentos homossexuais politicamente organizados, porém não institucionalizados pelos dispositivos de sexualidade:

(...) está certo, nós somos o que vocês dizem, por natureza, perversão ou doença, como quiserem. E, se somos assim, sejamos assim e se vocês quiserem saber o que nós somos, nós mesmos diremos, melhor que vocês. Toda uma literatura da homossexualidade, muito diferente das narrativas libertinas, aparece no final do século XIX: veja Wilde ou Gide. É a inversão estratégica de uma “mesma” vontade de verdade (FOUCAULT, 1979, p. 234).

Com essa análise Foucault (2006 e 1979) está interessado nas formas de resistências contra todos os discursos que se apresentam como verdades absolutas acerca da homossexualidade. Pode-se entender isso como uma “inversão” do discurso, da vontade de saber, onde o sujeito inicia suas relações sociais do mesmo ponto, mas seguem e chegam a caminhos diversos. Com isso, o autor não nega a repressão que pode surgir dessa possibilidade de resistência, pois

já que o poder é um processo descentralizado e fluído, pode se apresentar também nos mecanismos de resistência.

Assim, o discurso de ruptura, de revolta, contra o processo repressivo se transforma em mercado, que oferece aos consumidores aquilo que foi considerado rebelde, revolucionário.

Se o corpo e a sexualidade revoltam-se a partir de sua própria exposição, intensificando os dizeres sobre o sexo e saturando a sociedade com uma sexualidade desmedida, o poder ressurgue e torna a adequar esta resistência aos seus discursos (LIMA e DINIS, 2007, p. 51).

Então, a homossexualidade não pode ser a busca de uma identidade delimitadora de práticas, mas sim uma forma de construção de estilos de vida próprios (Cf. FOUCAULT, 2007; LIMA e DINIS, 2007). Foucault (2006) sugere que não se deve lutar por uma identidade homossexual, pois se corre o risco de cair nas “garras” da norma, assim como foi com a medicina e a jurisprudência, que estabeleceram características próprias do desvio. Louro (2001, p. 544) diz que:

O discurso político e teórico que produz a representação ‘positiva’ da homossexualidade também exerce, é claro, um efeito regulador e disciplinador. Ao afirmar uma dada posição-de-sujeito, supõe, necessariamente, o estabelecimento de seus contornos, seus limites, suas possibilidades e restrições. Nesse discurso, é a escolha do objeto amoroso que define a identidade sexual e, sendo assim, a identidade *gay* ou *lésbica* assenta-se na preferência em manter relações sexuais com alguém do mesmo sexo.

Foucault (2007) aponta como alternativa para sobrepor as repressões que podem surgir na formação da resistência um “modo de vida homossexual” centrada na amizade. Essa última, segundo o autor, pode ser alcançada através de uma ascese individual, no sentido de um cuidado de si (Cf. FOUCAULT, 1985) e de uma dessexualização das relações, no sentido de uma ruptura com o modelo fálico da sexualidade.

Ortega (1999) analisando a teoria foucaultiana sobre amizade diz que, esta se refere às possibilidades de construção e reconstrução de uma estética da

existência e de um modo de vida homossexual próprio. Segundo esse autor, Foucault (2007) via na amizade uma forma de “atualização da estética da existência” destinada à “cultura homossexual”, onde os homens que fazem sexo com outros homens construiriam suas performances sexuais. Para Ortega (1999), a busca por esse aspecto da vida em sociedade é possibilitada pela superação dos conceitos que organizam as relações sociais tais como: família, classe, matrimônio, conjugalidade, sexualidade, etc. De acordo com esse autor essas categorias foram superadas por novas formas de organização da dinâmica social. Com isso, surge diferentes estilos de vida, várias construções sociais e subjetivas; onde a homossexualidade ocupa um lugar estratégico, pois sua flexibilidade permite a formação de arranjos contrários àqueles propostos pela heterossexualidade (ORTEGA, 1999; FOUCAULT, 1985 e BUTHLER, 2003).

Para Foucault (2007) esse novo modo de vida pode superar as barreiras sociais e históricas impostas aos homossexuais uma vez que ele permite o seu partilhamento entre indivíduos de idade, estatuto e atividades sociais diferentes. Isso levaria a uma transformação do estilo de vida homossexual ligado ao orgasmo, possibilitando a formação de infinitos prazeres centrados em um único indivíduo.

Essa forma de pensar as relações homossexuais, que articula sexualidade e gênero, possibilita levantar algumas questões acerca do reconhecimento social das relações conjugais entre pessoas do mesmo sexo. Um desses questionamentos diz respeito ao motivo que levam os homossexuais lutarem pelo reconhecimento de uma forma de relacionamento que é criador de novos arranjos e/ou estilos de vida a dois, transpondo assim, os valores sociais tradicionais. A outra questão é por que estabelecer uma relação de conjugalidade homossexual, se ela é representada pela sociedade como possibilidade de liberação

sexual perniciosa ou como uma forma de vida amorosa diferente da heterossexual, permitindo a formação de estigmas e preconceitos? (Cf. MELLO, 2005; HEILBORN, 2004 e GOFFMAN, 1999). Observa-se que esses dois questionamentos negam a principal reivindicação dos homossexuais: a igualdade de direitos civis na esfera pública tanto para as relações heterossexuais como para as homossexuais. Sobre isso, Mello (2005) diz que as diferentes hierarquizações conjugais podem ser pensadas como expressões de injustiça erótica e opressão sexual¹⁹.

Rubin (1989) confirma essa discussão com o conceito de hierarquias sexuais nas sociedades modernas. Ela diz que as sociedades ocidentais modernas avaliam as práticas sexuais a partir de um sistema hierárquico, onde apresenta no ápice da pirâmide erótica, os heterossexuais reprodutores casados e monogâmicos, logo abaixo estão situados os heterossexuais monogâmicos não casados (pelas instituições legais), mas que constituem parcerias; em seguida, estão os demais heterossexuais. No outro extremo da pirâmide, ou seja, na base, estão localizadas as classes sexuais mais desvalorizadas pela sociedade, que incluem transexuais, travestis, fetichistas, sadomasoquistas, michês, atores pornô, prostitutas, etc.; essa classe é considerada pela autora a mais baixa de todas e é formada por aqueles que transgridem as fronteiras geracionais (RUBIN, 1989 e MELLO, 2005). Acima dessa classe, estão os homossexuais promíscuos, que são representados de forma negativa pela sociedade. Os casais homossexuais, que possuem uma relação estável, segundo Rubin (1989), estariam no limite da respeitabilidade ou como a autora coloca: próximo do bom sexo.

La mayor parte de las conductas homosexuales permanecen todavía en el lado malo, pero si es en parejas monógamas, la sociedad está empezando a reconocer que posee toda la riqueza de la interacción humana. (...) Este

¹⁹ Sobre as formas de classificar as práticas sexuais e a opressão sexual ver também o texto de Rubin (1993) e Rios (2004b).

tipo de moralidad sexual tiene más em común com las ideologías racistas que con la verdadera ética. Concede la virtud a los grupos dominantes y relega el vicio a los no privilegiados (RUBIN, 1989, p. 141-142)

Analisando as idéias de Rubin (1989) acerca da hierarquização que a sociedade constrói em torno das práticas sexuais, percebe-se que quanto mais o indivíduo se aproxima do topo da pirâmide sexual, maiores são as recompensas em termos do reconhecimento da saúde mental, da respeitabilidade, da legalidade e dos benefícios materiais que são concebidos aos sujeitos (Cf. RUBIN, 1989; GREEN, 2000 e MELLO, 2005).

Este texto de Rubin (1989) ajuda a operacionalizar as idéias de Foucault (2006), pois é através do diálogo entre estes textos que se compreende como os dispositivos de sexualidade possibilitam a construção de um sistema de hierarquias das práticas homossexuais dentro da sociedade. Essas possibilitam adentrar nos papéis assumidos pelos sujeitos diante das práticas sexuais, que ganham forma na construção de roteiros de interação (falarei sobre este assunto posteriormente).

A discussão de um reconhecimento da díade homossexual através das hierarquizações das práticas sexuais leva a uma análise dos papéis que os indivíduos adotam dentro de cada prática estabelecida pela sociedade. Esses papéis tomam forma na categoria de gênero. Como o conceito de gênero²⁰ é relacional, passa a lidar com as interações humanas simétricas ou assimétricas, hierárquicas ou igualitárias entre os sujeitos. Essa categoria diz respeito à construção social dos masculinos e dos femininos, que não determina *a priori* a existência de uma

²⁰ Sobre o conceito de gênero e a relação que esse estabelece com a sexualidade é importante destacar os estudos de Weeks (1999), Stolke (2004) e Vance (1995). Esses textos trazem uma discussão acerca da trajetória do conceito de Gênero nas Ciências Sociais e como ele buscou interpretar as relações estabelecidas entre homens e mulheres, além de, mostrar os diversos contextos históricos da construção desse conceito. Sendo assim, essas abordagens possibilitam compreender o foco das primeiras feministas acadêmicas ao tornarem evidente a opressão das mulheres na sociedade ocidental e sua genealogia histórica.

desigualdade inerente entre homens e mulheres (no sentido biológico); pois o gênero pode ser construído independentemente do sexo.

Nas Ciências Sociais os precursores desses estudos na Antropologia são: Malinowski (1993) e Mead (2003)²¹. Porém um desses estudos, que ganhou força na Antropologia e que saliento como importante para entender como se dá as relações de gênero na díade homossexual, foi aquele empreendido por Gayle Rubin (1993) acerca das concepções sobre o feminismo²² e sobre a origem da opressão das mulheres²³.

Segundo Rubin (1993) a divisão sexual do trabalho foi um artifício para estabelecer a dependência entre homens e mulheres, instituindo uma troca e garantindo a procriação. Para a autora, este artifício possibilitou que a heterossexualidade passasse a ganhar o estatuto de normalidade para as relações de gênero. As diferenças entre homens e mulheres, além das discussões de naturalidade, são formas de anular possíveis traços masculinos nas mulheres e femininos nos homens, visando a uma oposição reguladora entre eles.

Foi baseada nesta discussão e nas abordagens que tentavam compreender a sexualidade como sendo também um conjunto de discursos fundados no gênero, que a antropóloga Gayle Rubin (1993) propôs outro sistema, que conduz a vida social dos sujeitos: o sistema de sexo/gênero. Ela descreve esse sistema como um conjunto de arranjos sociais onde a sexualidade anatomo-

²¹ Vance (1995) sugere que, as produções de Malinowski e Mead estão incluídas em modelos de abordagens chamadas por ela de Influência cultural da sexualidade (1920-1990). De acordo com essa autora, neste modelo, a sexualidade é um material moldável sobre a qual a cultura possui um papel fundamental na formação de comportamentos e de atitudes sexuais que rejeitam os essencialismos e as universalizações. Os estudos dessa época apresentavam “*relatos etnográficos de sociedades singulares cujos costumes sexuais apresentavam um forte contraste com os do leitor euroamericano*” (p. 18). Essas pesquisas sempre traziam em primeiro lugar um relato do “sexo real”, passando depois às “variações”. É uma escrita dedutiva, ou seja, parte do que é geral para o que é variável (específico). Nota-se com isso, que os estudos antropológicos desse modelo são marcados por uma persistente ênfase na variabilidade.

²² Sobre uma das trajetórias históricas do feminismo ver Albernaz (1996).

²³ Como já foi salientado anteriormente, para compreender melhor o percurso histórico acerca dos primeiros estudos sobre a opressão das mulheres é importante observar os textos de Stolke (2004) e Vance (1995).

fisiológica é transformada em ação culturalmente construída e através dos quais as necessidades sexuais são satisfeitas (Cf. RUBIN, 1993, p. 2).

Rubin (1993, p. 7) afirma que em todas as sociedades as personalidades e os papéis sexuais são baseados nas relações de gênero. Entretanto, ela discute que essas categorizações são processos históricos instituídos pela sociedade e não construções imutáveis, estáticas. Nesse processo de “geração”, a homossexualidade, segundo essa autora, inerente a todos os sujeitos, é reprimida com o objetivo de garantir o estabelecimento do matrimônio entre o homem e a mulher (RUBIN, 1989 e 1993). Sobre isso Rubin (1993, p. 12) afirma:

Mais ainda, o tabu do incesto pressupõe um tabu prévio e menos explícito contra a homossexualidade. A proibição de algumas uniões heterossexuais implica num tabu contra uniões não-heterossexuais. Gênero não é apenas uma identificação com um sexo; ele também supõe que o desejo sexual seja direcionado ao outro sexo.

É através dessa análise que se pode pensar em culturas onde o matrimônio entre pessoas do mesmo sexo é possível, porém os papéis sociais que esse casal vai exercer são instituídos e regulados em termos do gênero ou como afirma a autora: *as próprias complexidades de um sistema de parentesco podem resultar em formas particulares de homossexualidade institucionalizada* (RUBIN, 1993, p. 12). A autora conclui essa parte da discussão dizendo que a eliminação do componente homossexual da sexualidade humana e, conseqüentemente, a opressão da homossexualidade em algumas sociedades é o resultado do mesmo sistema que oprimem as mulheres (RUBIN, 1993, p. 12).

Diante das abordagens de Foucault (2006 e 1985) e de Rubin (1989 e 1993), faz-se necessário levantar algumas discussões acerca das novas configurações familiares. Essas últimas são importantes na compreensão da

conjugalidade homossexual. Pensar a família no contexto das relações estáveis entre pessoas do mesmo sexo é um dos caminhos para visualizar a desessencialização do modelo tradicional de família, possibilitando aos novos vínculos afetivo-sexuais um objetivo comum, que não seja apenas a reprodução biológica da espécie.

Vários autores se dedicaram à revisão teórica sobre o desenvolvimento da estrutura familiar ao longo da história. Mas, neste trabalho irei apenas me concentrar nas implicações que o modelo tradicional de família exerceu na formação de vínculos familiares constituídas por pessoas do mesmo sexo²⁴.

É fundamental para compreensão dos aspectos que norteiam as relações de familismo entre homossexuais masculinos uma revisão teórica da estrutura familiar no Brasil ao longo de sua história. Um dos aspectos desse modelo é a família patriarcal. Therborn (2006, p. 29) diz que “*o patriarcado tem duas dimensões intrínsecas básicas: a dominação do pai e a dominação do marido, nessa ordem*”. Ou seja, o sistema patriarcal se refere às relações de geração (idades diferentes) e de gênero (o homem provedor controla a esposa e os filhos) entre os membros da família. O domínio desse modelo de família possibilitou, durante o século XX, um entrelaçamento dessa estrutura com a política e a economia do país e hoje é um aspecto bastante discutido nos estudos sobre família brasileira (MATOS, 2000 e THERBORN, 2006).

Esse quadro será fundamental para o surgimento daquilo que Therborn (2006) chama de pós-patriarcado. De acordo com o referido autor, o pós-patriarcado, surgido no século XXI:

²⁴ Ver o texto de Giddens (1993). O referido autor afirma que a família moderna é caracterizada pela transformação da intimidade. Esse aspecto é tido por Giddens (1993) como uma democratização do domínio interpessoal. Por isso, a transformação da intimidade é uma influência subversiva sobre as instituições modernas.

Significa autonomia adulta com relação aos pais e direitos de família iguais para homens e mulheres – não apenas como direitos proclamados, mas como direitos passíveis de reivindicação judicial. Essa é a principal mudança histórica, virtualmente desconhecida e não praticada antes em nenhum lugar. (...), contudo, não significa por si mesma igualdade de gênero. Homens e mulheres, como membros da família assim como em suas capacidade individuais, estão inseridos em relações sociais e econômicas de desigualdade, (...) (THERBORN, 2006, p. 190).

Trazendo essa discussão para a formação de parcerias homossexuais, encontra-se um conjunto de normas patriarcais sendo obedecidas em alguns momentos, mas com possibilidades de rompimentos com essas regras. O principal objetivo desses arranjos e rearranjos é tornar o casal mais visível e reconhecido socialmente. Para muitos autores, a formação do familismo homossexual se dá pela constante adaptação e/ou ruptura do modelo patriarcal de família transmitido aos membros da díade quando foram socializados na família de origem. Sobre isso Foucault (1985, p. 152) diz:

Não que se proponha impor ao casamento formas institucionais inéditas, ou que se sugira inscrevê-lo num quadro legal diferente. Mas procura-se, sem colocar em questão as estruturas tradicionais, definir um modo de coexistência entre marido e mulher, uma modalidade de relações entre eles e uma maneira de viver junto que são bem diferentes daquilo que era proposto nos textos clássicos. Pode-se dizer, como o risco de esquematizar muito e empregando um vocabulário um tanto anacrônico, que o casamento não é mais pensado somente como um “forma matrimonial”, fixando a complementaridade dos papéis na gestão da casa, mas também e sobretudo enquanto “vínculo conjugal” e relação pessoal entre o homem e a mulher. Essa arte de viver casado define uma relação *dual* em sua forma, *universal* em seu valor e *específica* em sua intensidade e força.

Goode (1970) destaca que a família possui um papel estratégico diante da função mediadora entre os seus membros e os outros segmentos sociais. Portanto, ao estabelecerem uma relação duradoura estável, os homossexuais buscam conquistar espaços sociais para serem reconhecidos como família,

geralmente satisfazendo às necessidades dos segmentos ao qual almejam tornar visível sua parceria²⁵.

Continuando as discussões acerca da estrutura familiar brasileira é válido destacar o movimento higienista e o discurso médico²⁶, que norteou as relações de parentesco oitocentista. O modelo de família desse período era baseado em arranjos do código de relações de gênero (MATOS, 2000), onde o vínculo afetivo-sexual se transforma em normas de saúde, ou seja, a vida familiar se centrou em uma nova regulamentação das práticas sexuais.

Baseado no modelo cristão de família, o discurso médico-higienista continua reprimindo o prazer sexual no casamento, porém se contradiz ao afirmar que, a vivência intensa da sexualidade pelos sujeitos é fundamental para a desejada manutenção dos vínculos conjugais (COSTA, 1999 e MELLO, 2005). Sobre isso Costa (1999, p. 229) diz:

O casal medicalizado devia ser plenamente sexualizado. Do bom desempenho sexual dos cônjuges dependia a saúde dos filhos, a moralidade da família e o progresso populacional da nação. O direito individual de gozar tornou-se, para a higiene, uma obrigação cívica. Entretanto, a preocupação patriótica com o orgasmo familiar nada tinha de libertina. Na ordem médica ninguém gozava impunemente. A instigação ao prazer sexual era uma ponte, uma pura baldeação na viagem do casal ao país do "amor".

Diferentemente das concepções religiosas, que pregavam a reprodução da espécie como uma obrigação para com Deus, o modelo familiar brasileiro do século XIX via a sexualidade como instrumento para reproduzir indivíduos para o Estado (MELLO, 2005). Todavia, o pré-requisito para a formação do casal higiênico era o amor conjugal, que se associa à sexualidade e à reprodução

²⁵ Ver também os textos de Mello (2005) e Durham (1982).

²⁶ Ver o texto de Costa (1999) que discute como a ordem médica construiu as regulações normativas da família brasileira na metade do século XIX.

para constituição da família ideal. Segundo Costa (1999, p. 238), *“o amor feminino e masculino só entravam em sintonia na vida conjugal fértil”*.

Esses arranjos entre sexualidade, amor, reprodução e cuidados com os filhos foram o outro aspecto das discussões do modelo familiar médico-higienista, onde masculinidade se associa a paternidade e feminilidade, a maternidade. Porém, todos os homens, que não podem ou não querem ser pais são considerados pelo discurso higienista como anti-homens²⁷, ou seja, *“são considerados uma ameaça permanente para o núcleo familiar conjugal”* (MELLO, 2005, p. 27). Um exemplo disso são os homossexuais masculinos, que ao fazerem opção por um arranjo conjugal com outro homem, rompem com o discurso higienista de ideal familiar.

Como foi visto até aqui, a família foi considerada ao longo da história como um grupo doméstico patriarcal, exclusivamente fundado no matrimônio e vivendo no âmbito do ordenamento estatal, com o fim precípua de procriar e educar os filhos; e que neste início de milênio, a humanidade vive momentos de profundas transformações científicas, tecnológicas, sociais, culturais e de costumes, fazendo surgir a família moderna, fundada na afetividade, no amor e na satisfação individual de cada um de seus membros, que tem mais valor do que a satisfação da comunidade familiar.

Levando essa discussão para o contexto da conjugalidade homossexual, deve-se destacar a importância que essa tem na compreensão dos aspectos socializadores das díades de pessoas do mesmo sexo, que contribuem para elaboração de projetos de formação de famílias baseados nos parâmetros dominantes da família moderna, mas com elementos singulares. Os estudos têm demonstrado que não há uma família definida em termo absoluto. O que

²⁷ Destaquei a caracterização do discurso médico-higienista apenas para os homens, por fazer referência direta ao objeto de estudo desse trabalho. Porém, é importante destacar que essa forma de pensamento via as mulheres que iam de encontro às normas do discurso médico acerca de família também como antimulheres.

encontramos em diferentes sociedades são tipos históricos específicos de associações familiares, influenciadas por vários aspectos sócio-culturais (MELLO, 2005). Diante disso, o casamento sofreu também as transformações necessárias para sua adaptação às novas configurações conjugais. Portanto, família e casamento são categorias culturais onde a universalidade deve ser relativizada, objetivando não cair no etnocentrismo (SALEM, 2004).

Os arranjos familiares constituídos por homossexuais masculinos contribuem significativamente para a transformação das representações, que a sociedade constrói acerca da sexualidade, do amor, do casamento e da família no contexto histórico atual. Esse processo tem permitido uma maior aceitação da conjugalidade homossexual (UZIEL, 2002 e MELLO, 2005). Porém, Mello (2005) diz que, as mudanças ocorridas nos modelos tradicionais de relações sociais contribuíram *para a constituição de uma sociedade em que as diversas formas de expressão do amor e do desejo sexual, entre pessoas que se escolhem livre e reciprocamente como parceiros conjugais, sejam respeitadas e valorizadas* (p. 50).

Sobre isso Hite (1995, apud MELLO, 2005, p. 39) afirma:

Toda família é “normal” – não importa se estão presentes pai ou mãe, ou ambos, se existe ou não crianças. Uma família pode ser formada por qualquer combinação de pessoas, heterossexuais ou homossexuais, que partilham as suas vidas de um modo íntimo (não necessariamente sexual). E as crianças podem viver tão felizes em uma família adotiva quanto com pais biológicos.

Por fim, a existência de novas práticas conjugais, como a dos homossexuais masculinos pesquisados, aponta para um processo de fragmentação das relações sociais. Portanto, as reflexões acerca das relações estáveis entre pessoas do mesmo sexo incorporam os valores fundantes das vivências familiares (MELLO, 2005) tais como a coabitação, o reconhecimento do casal pelos vizinhos e outros parentes, divisão das despesas, a concepção de sexo como prazer e não

apenas como meio de reprodução, etc. Porém, as díades homossexuais definem suas parcerias afetivo-sexuais e reivindicam um estatuto familiar baseadas também em arranjos conjugais específicos e singulares, que não deixa de se caracterizar como uma transformação do modelo tradicional projetados no vínculo amoroso entre dois homens.

1.2 – Roteiros da vida a dois: Scripts Sexuais

Paralelo aos três sistemas de entendimento da vida sexual discutidos anteriormente, uma outra abordagem se destaca e interage com esses na busca de uma compreensão dos aspectos cotidianos da díade homossexual.

Essa ferramenta de análise das relações homossexuais possibilita identificar os roteiros que são estabelecidos pelos parceiros na tentativa de compreender o que a díade concebe como relação estável e como esses arranjos influenciam na construção de um reconhecimento social do casal. Dessa maneira, é importante compreender o contexto das interações sexuais, que são socialmente construídas e que envolvem negociações extremamente complexas entre diferentes indivíduos (Cf. MELLO, 2005 e MATOS, 2000).

Para investigar o processo de construção dessa forma de conjugalidade, utilizo a abordagem criada por Simon e Gagnon (1999) que é definido por esses autores como *roteiros sexuais*. Esses roteiros são conceituados como aparatos socialmente construídos que dão sentido e constituem as interações entre os sujeitos. Para confirmar essa reflexão Gagnon (2006) diz:

O roteiro é aquilo que liga os sentimentos de desejo e prazer ou de repulsa e desintegração às atividades corporais associadas ao contato físico e aos sinais físicos de excitação. (...) A seqüência do que deve ser feito num ato sexual depende da existência prévia de um roteiro que defina o que deve ser feito com tal ou qual pessoa, em tal ou qual circunstância, em tal ou qual ocasião, e quais são os sentimentos e motivações apropriados a esse

evento (horror ou deleite, raiva ou incentivo). Ao mesmo tempo, o roteiro fornece orientação quanto ao que é ou não é uma situação sexual e contém os elementos que ligam à vida erótica à vida social em geral (GAGNON, 2006, pp. 219-220).

Segundo esses autores, a definição de roteiros sexuais precisa englobar cinco concepções importantes: 1) entender que a conduta sexual é criada e determinada pela história e pela cultura; 2) a compreensão da conduta sexual não está apenas na interpretação das atividades corporais dos sujeitos; 3) aquilo que chamamos de ciência do sexo²⁸ é determinada de forma igualitária pela história e pela cultura; 4) a sexualidade humana é regulada, reprimida, adquirida e mantida por todos em diferentes aspectos, mas para isso é criada pela cultura uma estrutura social própria que organiza tais aspectos; e 5) a sexualidade e o gênero são formas de comportamento apreendido e são diferenciados pela cultura. É importante destacar, que as concepções identificadas anteriormente são condutas baseadas em roteiros pré-estabelecidos, e que a roteirização não serve apenas para compreender a vida sexual, mas todas as formas de conduta social.

É baseado nas idéias de roteiro expostas acima, que estou entendendo esses aparatos culturais como relacionados à construção de personagens, à elaboração e determinação de lugares e horários para que as interações ocorram, além da eleição de recursos sociais e pessoais para formação de interações. *“No teatro da mente, o ator responde a um odor, a uma experiência prévia, ao corpo de outra pessoa ou a um objeto-fetichado que proporciona a motivação para um intercursos marital competente”* (GAGNON, 2006, p. 221). Porém, para dar movimento aos roteiros é necessário que sejam estruturadas cenas e tramas. Sobre isso, Gagnon (2006) diz que cena é a unidade básica de análise dos

²⁸ Aqui é importante retomar as discussões sobre a *Scientia Sexualis* empreendida por Foucault (2006) e que já foi debatida neste capítulo.

roteiros. O conjunto interligado de cenas é, segundo o autor, uma trama e os roteiros são regras importantes para prever, interpretar e reagir a um conjunto de cenas com o objetivo de administrá-las²⁹. Com isso, o autor conclui que “o roteiro é um organizador de subunidades de comportamento” (GAGNON, 2006, p. 267).

Vale ressaltar ainda que esses roteiros englobam os poderes e as hierarquizações de categorias de pessoas, de lugares e ações e de certa forma remetem aos modelos de Foucault (2006) e de Rubin (1989)³⁰, ou seja, os roteiros de interação são acionados para selecionar as práticas, ações, palavras ou gestos a serem vivenciados pelos sujeitos envolvidos nas interações, de forma que surjam parcerias homossexuais estáveis e/ou que práticas eróticas se desenvolvam.

Após ter definido os roteiros sexuais, é importante observar que Gagnon (2006) destaca três níveis de compreensão desses roteiros: o interpessoal, o intrapsíquico e o contexto cultural. Esses níveis são considerados pelo autor como uma descrição estática de um fenômeno social, ou como relações dinâmicas e interativas entre os níveis anteriormente expostos e o contexto cultural.

No nível interpessoal os roteiros se organizam com base nas interações sociais e se baseiam em comportamentos sociais estruturados. Neste sentido, os membros do casal homossexual são atores que atendem às expectativas de outras pessoas e norteiam suas condutas em termos da conduta alheia (GAGNON, 2006). Esse conceito de roteiros é o mais cognitivo e expõe as diferenças existentes entre a vida psíquica e a vida de interações. Já os roteiros intrapsíquicos dizem respeito aos conteúdos da vida mental, que segundo Gagnon (2006) são oriundos em parte dos contextos culturais em que os indivíduos estão inseridos e, em parte, independentes destes. Segundo esse autor, as formas como o

²⁹ Não posso deixar de destacar aqui as discussões acerca das representações e da realização dramática dos indivíduos empreendida por Erving Goffman (1999).

³⁰ Ver também o próprio Gagnon (2006) e a respeito dessas concepções, consultar Rios (2004b).

sujeito deve se comportar e as variações práticas desses comportamentos são armazenadas na cabeça dos indivíduos. Esses roteiros vão desde narrativas cognitivas estruturadas até frações de desejos, lembranças e planos de interações cotidianas.

Sendo assim, na relação entre a cultura e a vida mental, a díade homossexual é platéia crítica e revisora, a partir do instante em que o material dos cenários culturais é importado para os roteiros intrapsíquicos (GAGNON, 2006 e SIMON e GAGNON, 1999). É por meio desse nível que as relações afetivo-sexuais entre homossexuais são antecipadamente e imaginariamente experienciados através das várias posições que os atores podem assumir frente aos diversos desejos multifacetários da vida social.

Como alerta Simon e Gagnon (1999):

É claro que a relação entre os cenários culturais, os roteiros interpessoais e os roteiros intrapsíquicos é complexa, e difere não só nas diversas culturas e épocas, mas também dentro dos subgrupos culturais e entre os indivíduos das culturas e subculturas. Alguns indivíduos reproduzem fielmente, em sua conduta cotidiana, as instruções dos cenários culturais, sem incômodo e, muitas vezes, com entusiasmo. Outros consideram estranhas e perturbadoras as exigências da cultura e são incapazes de encenar os papéis exigidos, ou de criar maneiras de se isolarem das demandas da cultura ou dos papéis (SIMON e GAGNON, 1999, p. 228).

Seguindo a reflexão desses autores, eles destacam que esses elementos comuns dos cenários culturais convencionais da análise sobre o sexo permitem também discutir as roteirizações de violência que produzem problemas conceituais semelhantes. Para Gagnon (2006), a idéia de que o sexo e a agressão são impulsos cercados de controle e repressão, e de que ambos podem ser acionados por comportamentos provocativos ligados ao ambiente, possuem duas conseqüências que devem ser destacadas. A primeira delas é que, as pessoas envolvidas em transgressões de regras referentes à expressão de agressividade ou

da sexualidade são bombardeadas com estratégias de culpabilização social; e a segunda é que, as vítimas dessas agressividades podem ser responsabilizadas por serem autores das provocações que deram origem à violência.

Mas, Simon e Gagnon (1999) também lembram que os cenários e roteiros são, em sua maioria, muito abstratos para serem aplicados de forma concreta e pura em todas as instâncias da vida sócio-cultural. Por isso, só é possível levantar algumas hipóteses compreensivas sobre as motivações e contextos sociais que incentivaram um comportamento e não outro. Sobre isso Gagnon (2006, p. 264) reforça dizendo que:

Ver a conduta como “roteirizada”, nos planos interpessoal e intrapsíquico, confere ao comportamento a qualidade de uma narrativa em que a conduta se compõe de eventos ordenados no tempo, os quais ocorrem com regularidade suficiente para que os indivíduos os reconheçam em sua ocorrência, desejem participar deles com frequência e se recordem deles depois de encerrado. (...) Ao se unirem sexualmente, os indivíduos são solicitados a modificar o que fazem na prática e o que pensam a seu próprio respeito em consequência disso.

Enfim, analisar as relações estáveis entre homossexuais pela perspectiva da teoria da roteirização nos permite organizar e vincular o que os membros da díade homossexual pensam o que fazem e como são afetados pelo contexto sociocultural em que constroem suas relações.

Toda essa discussão não pode ser compreendida, entretanto, como um indicador de que os gays e as lésbicas estão necessária e unanimemente empenhados em um projeto de construção de arranjos conjugais baseados estritamente nos parâmetros dominantes da família heterossexual moderna. Ao invés, como bem salienta Giddens (1993), o mundo da homossexualidade tem funcionado ao longo do século XX como um verdadeiro laboratório pioneiro de vivências afetivo-sexuais alternativas ao conjunto de regras da conjugalidade heterossexual. Em função das variedades de padrões de comportamentos e de

hábitos sociais que lhes sirvam como modelo alternativo de vivência a dois e que são socialmente legítimas, os homossexuais têm atuado como atores criativos do cotidiano em termos de inovações nos relacionamentos amorosos, contribuindo para uma re-elaboração dos elementos integrantes das práticas socialmente definidas como amorosas e saudáveis³¹ e que são acompanhados pelos setores responsáveis pelo controle.

Por isso, é importante analisar como se constituem os roteiros e quais as suas aplicabilidades na vida dos casais homossexuais. Sobre isso, podem-se destacar as abordagens levantadas por Heilborn (2004, p. 150) que analisa os roteiros como:

Um poderoso fator de previsibilidade das ações, criando um esteio e estabilizando a realidade para o indivíduo e para o casal. Por meio da repetição [de um roteiro], consolidam-se os parâmetros que ordenam a vida, e que se constituem num conjunto de suposições e expectativas, permanentemente confirmadas por certas condutas.

As análises desses roteiros são enriquecidas pelas concepções de amor e família³² homossexual, anteriormente discutida, mas que serão investigadas com maior profundidade quando debatidas as interpretações dos dados coletados com os membros dos casais de homossexuais masculinos.

Essas reflexões iniciais podem levar a pensar sobre o surgimento de novos casais e de novas famílias homossexuais. Isso passou a influenciar a forma como a sociedade constrói as representações em torno das práticas sociais relativas à sexualidade, ao amor, ao casamento e à família. Esse quadro tem contribuído não apenas para uma maior aceitação da conjugalidade homossexual, mas também

³¹ Para essa discussão é interessante destacar os estudos já citados de Rubin (1989) acerca das hierarquias socialmente aceitáveis e das consideradas negativas e prejudiciais às interações sociais. Ver a seção anterior.

³² Para uma melhor compreensão dessas duas temáticas se faz necessário uma leitura atenta dos textos de Alberoni (1999), pois ao tratar desses assuntos busca localizar o enamoramento no contexto social mais amplo.

permitiu a construção de uma sociedade onde às diversas formas de expressão do amor e do desejo sexual, entre pessoas que se escolhem livre e reciprocamente como parceiros conjugais, são reconhecidas, respeitadas e valorizadas. Para aprofundar melhor essa discussão é importante destacar o estudo de Mello (2005) sobre as famílias homossexuais no Brasil contemporâneo. Para esse autor o processo de transformação pelo qual passaram as relações conjugais (em especial a família) nos últimos séculos, a singularização progressiva da escolha do parceiro e a exclusividade da relação levaram à exaltação do espaço íntimo³³ no casamento e formação de expectativas de preenchimento e complementaridade mútua conjugal. Portanto, para Matos (2000) a aceitação social das relações amorosas estáveis entre homossexuais masculinos está sendo influenciada pela evidente diferenciação de papéis conjugais, presente nas representações e nas práticas cotidianas roteirizadas referentes à família, e que são incorporadas pelas díades, através das experiências vivenciadas a dois.

Diante disso, é necessário destacar aqui uma última observação: ao longo da discussão e análise dos dados outros conceitos serão empregados para explicação e interpretação das teorias exposta anteriormente de forma sucinta. Também serão destacados resultados de investigações anteriores que fortalecem a argumentação e compreensão da temática dessa investigação, ou contrariam os achados demonstrados. De forma que, eles são colocados dentro dos próprios capítulos, em permanente diálogo com a teoria que dá suporte a este trabalho, acima expostos, como também com os resultados sugeridos pela análise.

³³ Sobre espaço íntimo ver também os estudos de Paiva (2007), Heilborn (2004) e Matos (2000).

CAPÍTULO II

METODOLOGIA: PENSANDO A PESQUISA

“Todo indivíduo ativo tem uma prática, mas não tem uma clara consciência teórica desta prática que, no entanto, é um conhecimento do mundo, na medida em que transforma o mundo”.

Gramsci

A motivação para estudar a temática aqui proposta se originou das minhas investigações para produção do Trabalho de Conclusão no curso de Graduação em Ciências Sociais. Iniciei meus trabalhos fazendo um levantamento acerca dos estudos sobre a homossexualidade. Notei com isso, que as abordagens antropológicas tratavam das relações estáveis entre pessoas do mesmo sexo sem destacar, com a devida profundidade, os aspectos do cotidiano dos casais. Diante do conhecimento sistematizado, que eu consegui identificar, acerca desse foco, percebi que estudos tratavam das dimensões sociais, culturais e psicológicas da homossexualidade, mas não problematizavam como os homossexuais masculinos entendem suas relações. Essas leituras me possibilitaram levantar diversas questões sobre a conjugalidade e práticas cotidianas entre homossexuais masculinos, que me ajudaram nesse trabalho de Mestrado.

Além disso, outro fato me incentivou pesquisar as díades de homossexuais masculinos. Ao fazer um levantamento de revistas, jornais e propagandas produzidas acerca da temática homossexual notei que, a mídia construiu, ao longo da história, representações singulares sobre a conjugalidade gay. Um exemplo disso são as novelas produzidas há alguns anos, pela TV Globo, que vem incluindo casais homossexuais em suas tramas. A meu ver esse processo, possibilita uma visibilidade e uma aceitação maior dessas parcerias. Portanto, ao olhar para mídia fiquei pensando se ela apresentava a sociedade, um quadro real do cotidiano vivido pelos casais homossexuais. É importante destacar, que muito se fala sobre as parcerias gays, porém não detectei estudos empíricos e específicos acerca da dinâmica desse tipo de conjugalidade. É baseado nisso, que me debrucei

nesse aspecto da vida a dois, como objeto de estudo dessa dissertação de mestrado.

Esses elementos motivadores me levaram a elaborar um ensaio acerca das relações de paquera entre homossexuais no Parque Treze de Maio³⁴. Durante minhas visitas ao parque para coletar dados pude entrar em contato, mais uma vez, com o campo e na medida em que ia observando e analisando as relações estabelecidas pelos homossexuais neste parque, fui levantando alguns questionamentos que me ajudaram na hora de buscar fontes importantes para compreender esse fenômeno social. Apresentei este trabalho à banca examinadora como requisito para seleção ao curso de Mestrado desse Programa de Pós-Graduação no final do ano de 2005.

Foi a partir desses primeiros contatos com o campo e com as discussões mais recentes acerca da homossexualidade, que busquei amadurecer meu objeto de pesquisa para estudos no curso de Mestrado. O meu primeiro passo foi construir um objetivo geral pensando nas diretrizes dessa dissertação:

- ❖ Investigar os elementos constitutivos da relação homossexual estável e como eles estão ou não relacionados com a necessidade de reconhecimento e aceitação social do homossexual.

Mas, eu precisava encontrar estratégias mais detalhadas, que me permitissem uma compreensão mais clara do objeto dessa investigação. Desse modo, pensei em quatro objetivos específicos. São eles:

1. Identificar os valores e idéias que norteiam a relação estável entre homossexuais masculinos;

³⁴ Este parque é localizado no bairro da Boa Vista, centro da cidade do Recife.

2. Investigar os arranjos e práticas cotidianas do casal, tais como: divisão das atividades, administração das despesas, práticas afetivas, etc.;
3. Compreender que fatores os homossexuais masculinos destacam como importantes para a formação do casal;
4. Investigar as representações construídas em torno do casal homossexual e como esse é reconhecido ou não pela família, pelos vizinhos e pelos amigos.

Outro passo seguido por mim na elaboração desse estudo, foi a seleção do método de trabalho. Escolhi, para investigar os casais homossexuais masculinos que possuem relações estáveis, o método qualitativo. Essa opção se deu levando em consideração o objetivo proposto por mim no início da pesquisa e já citado neste capítulo. Ao fazer um levantamento dos arranjos conjugais e das representações que os casais homossexuais constroem das suas ligações afetivo-sexuais percebi que isso produz conceitos, idéias e linguagens; que só uma recorrência dessas dimensões na fala dos informantes poderia torná-la evidente para mim.

Diante disso, evitei propositalmente elaborar hipóteses de trabalho para que, à medida que fosse obtendo as informações significativas, pudesse propiciar, durante a investigação, a inclusão de novos questionamentos e de respostas provisórias às discussões empreendidas por mim quando da posse de dados necessários à compreensão da conjugalidade homossexual. Essa estratégia foi importante para construção de hipóteses objetivas que fundamentassem o estudo de outros aspectos da conjugalidade não percebidos pela literatura revisada neste trabalho.

Ao refletir acerca dessas primeiras diretrizes, meu próximo passo foi pensar um pouco sobre os caminhos metodológicos, que seguiria na busca de informações mais aproximadas da realidade vivida pelos homossexuais na construção de suas relações conjugais. Nesse trabalho, dei ênfase a dois procedimentos metodológicos, pois os mesmos, quando articulados, possibilitariam alcançar os objetivos indicados para este estudo, além de permitir a elaboração de respostas às questões que foram levantadas por mim, pela literatura revisitada e pelo campo, ao longo da pesquisa. A primeira estratégia que utilizei foi a observação participante nas residências dos casais homossexuais e, em seguida, lancei mão das entrevistas com um dos membros da díade para apreender discursivamente, como as questões propostas neste trabalho eram tratadas pelos informantes.

O tamanho da amostra foi pensado, inicialmente, em 10 (dez) casais de homossexuais masculinos, que morassem juntos num período mínimo de um ano³⁵. É importante ressaltar que, além do casal coabitar há pelo menos um ano, levei em consideração alguns critérios na escolha desses casais, quais sejam:

- a) a residência do casal deveria estar localizada em uma das principais cidades da Região Metropolitana do Recife, segundo os critérios próprios do IBGE³⁶.
- b) os membros dos casais deveriam apresentar idade superior a dezoito anos. Os homossexuais entrevistados possuem idades entre 20 e 50 anos.

³⁵ Estou entendendo a coabitação dos homossexuais a pelo menos um ano como um dos aspectos da relação estável. Esta última já foi definida na introdução desse trabalho.

³⁶ O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística utiliza como critérios para definir os municípios mais importantes das Regiões Metropolitanas o Índice de Desenvolvimento Humano e a Arrecadação Tributária. Para maior apreensão dos municípios que se destacavam nesses dois índices procurei observar as tabelas com o IDH de 2000 fornecidas pelo IBGE e a tabela de Receita Tributária de 1999 fornecida pelo NUPESP – Núcleo de Pesquisas em Economia do Setor Público. Esses quadros apresentam como municípios importantes para a Região Metropolitana do Recife as seguintes cidades, em ordem de melhor IDH: Paulista, Recife, Olinda, Jaboatão e Camaragibe. Disponível em: << www.ibge.gov.br >> Acesso em: 20/08/2007.

O primeiro contato com os casais homossexuais ocorreu por duas formas. A primeira foi através de contatos e de conversas que tive durante minhas visitas nos espaços freqüentados por gays, no centro da cidade do Recife. Durante as observações exploratórias, ao entrar em boates e/ou bares, procurei identificar pessoas amigas que pudessem me revelar a existência de parcerias homossexuais no ambiente; quando isso não ocorria, procurava, mediante minhas experiências pessoais, identificar relações de conjugalidade entre homossexuais, buscando me aproximar para uma conversa acerca do ambiente ou qualquer outro assunto, no intuito de me certificar se tratar de um casal. Não é difícil perceber, que tive vários insucessos. O segundo procedimento que utilizei para me aproximar dos casais foi através do contato que alguns amigos, de minhas relações, possuíam com díades homossexuais. Procurei nesse momento, mostrar aos amigos os meus objetivos com o estudo que estava me propondo e requisitei aos mesmos que me comunicassem se, por acaso, conhecessem casais formados por pessoas do mesmo sexo. Essa atividade foi a mais proveitosa, pois me possibilitou numerosos contatos com informantes.

Porém, diante do campo me deparei com a dificuldade em localizar casais que quisessem, por livre e espontânea vontade, contribuir com o meu trabalho. Nos meus primeiros contatos muitos dos casais alegaram não ter tempo para me atender. Isso me fez descartar alguns casais e procurar outros, mas sabia que precisava pesquisar olhando o tempo que dispunha para apresentar os resultados dessa investigação e, então, passei a trabalhar com aqueles, que me mostraram interesse e disponibilidade de tempo para as atividades de pesquisa que eu precisava realizar. Portanto, ao fazer um levantamento mais apurado dos casais, que poderiam contribuir na elaboração desse estudo, percebi que estava de posse

de 05 (cinco) casais. Nesta delimitação não levei em consideração a representatividade estatística, porém ao ser destacada de um universo definido, pensei que esta amostra poderia garantir a compreensão acerca dos arranjos e práticas cotidianas constituídos por pessoas do mesmo sexo, e das representações que estes fazem acerca da relação estável e como isso está refletido no reconhecimento social dessa ligação. Esse quadro amostral permaneceu presente durante toda pesquisa até que os dados mostrassem suficiência. Os dados dessa amostra possibilitaram a categorização e interpretação dos mesmos, todavia ficou claro no projeto de pesquisa apresentado ao longo das atividades acadêmicas, que lançaria mão de novos informantes para enriquecer o estudo se assim fosse preciso, o que não se fez necessário.

Identificados os casais que se prontificaram em contribuir com esse estudo e definido o método de trabalho, realizei observações sistemáticas³⁷ nas residências da díade homossexual no período compreendido entre março e maio de 2007. Com a técnica de observação participante tive como objetivo captar um pouco dos arranjos e das práticas cotidianas construídas pelos casais de homens que fazem sexo com outros homens, e verifiquei alguns questionamentos elaborados nas observações exploratórias e/ou espontâneas, que havia feito durante meus primeiros estudos sobre a homossexualidade ainda na graduação³⁸. Também foi através dessas observações que obtive um contato maior com o contexto cultural dos casais escolhidos para esta pesquisa. Esse procedimento me revelou a necessidade de definir os aspectos importantes que seriam observados (ver roteiro

³⁷ Vale ressaltar que aqui utilizei várias técnicas para a observação, dentre elas a mais utilizada foram as conversas informais com os homossexuais, que me recebiam nas residências.

³⁸ Como propõe Pádua (2005, p. 80), as nossas observações espontâneas devem ser verificadas através da “*observação sistemática, para que se elabore então o conhecimento científico daquele aspecto do real que se quer conhecer*”. Neste sentido, a observação participante é seletiva, pois o pesquisador, segundo a autora, observa fragmentos da realidade social, a partir de sua proposta de trabalho e das próprias relações que o investigador constrói com os fatos reais.

de observação no apêndice A), pois a observação participante contribuiu para que eu pudesse elaborar as primeiras categorias necessárias à análise do fenômeno da conjugalidade homossexual na Região Metropolitana do Recife³⁹.

Vale ressaltar que durante a minha pesquisa nas residências dos casais gays adotei o papel de observador participante⁴⁰, ou seja, busquei durante meu trabalho de campo mostrar aos informantes os objetivos que tinha com as visitas em suas residências, bem como, deixei-os administrar as mesmas para que eles pudessem trazer as informações mais significativas para o trabalho ao qual estava me propondo executar. Todavia, foi importante para mim ter em mente as implicações e possíveis limites que esta forma de trabalho de campo poderia me impor.

Assumindo esse papel, de observador como participante, iniciei meu trabalho em cada uma das residências dos casais destacados para esta pesquisa. Entrava em contato com um dos membros da díade e expunha em linhas gerais o objetivo principal da minha investigação, questionando se o mesmo poderia contribuir para a realização do referido estudo. Sendo afirmativa a resposta, agendava uma data e um horário para chegar a sua residência. Vale destacar aqui, que os casais homossexuais requisitados para esta investigação aceitaram de pronto a minha solicitação, e se mostraram sempre disponíveis para com o trabalho que realizei, porém com uma ressalva: mesmo depois do agendamento todos afirmaram que gostariam de estar livres para desmarcar o encontro comigo, a qualquer momento, se por acaso precisassem se ausentar da residência. De certo

³⁹ Sobre a importância da observação sistemática na construção de categorias ver Pádua (2005).

⁴⁰ O observador como participante, segundo Junker (1991), possibilita uma interação mais significativa com os informantes, já que o mesmo se apresenta como um papel definido e: *“Esse é o papel no qual as atividades do observador são publicamente apregoadas desde o começo, são mais ou menos publicamente patrocinadas pelas pessoas na situação estudada, e intencionalmente não são ‘mantidas encobertas’.* O papel pode dar acesso a uma ampla gama de informações, e até mesmo segredos podem ser transmitidos ao trabalhador de campo quando ele se torna conhecido como bom guardador dos mesmos, e de informações confidenciais”.

que aceitei as condições, respeitando a disponibilidade de cada um dos casais pesquisados.

Diante disso, faz-se necessário um comentário acerca da dinâmica dessas observações como participante. Fiz ao todo quatro visitas a cada um dos cinco casais identificados para esta investigação, com duração de 2 (duas) horas em média. Esses encontros foram realizados com certa dificuldade, pois as visitas às residências dependiam muito do tempo disponível que eles tinham para me receber. Essa dificuldade é percebida quando, ao ler os diários de campo que fiz, nota-se a ausência de descrição de certos aspectos da vida do casal como, por exemplo, como as atividades são executadas por cada um e como esses homossexuais tratam separados e/ou juntos, os diferentes grupos de sociabilidade. Além disso, só consegui marcar as visitas com apenas um dos membros de cada uma das díades, pois as atividades profissionais ou pessoais impossibilitavam encontrar o casal em casa. Porém, de modo geral, as observações participantes empreendidas por mim, tiveram como objetivo contextualizar o trabalho realizado, buscando apreender, de forma mais significativa, os aspectos destacados no roteiro de atividades: localização da residência, estrutura interna da casa, arranjos cotidianos (atividades domésticas, atividades de lazer, etc.) e como são estabelecidas as relações entre esses casais e seus vizinhos, familiares e amigos.

Tentei corrigir um pouco as deficiências das observações ao elaborar e aplicar as entrevistas semi-estruturadas. A importância desse instrumento se remete, mais uma vez, aos objetivos já apresentados e discutidos no início desse capítulo. Elaborei um roteiro para investigação de maneira a não ter cortes repentinos nas falas dos informantes, mas também, por não ser possível, até pelo tamanho da

amostra, deixar o entrevistado falar livremente sobre os temas pesquisados, podendo perder com isso, o foco estudado.

O roteiro de entrevista (ver roteiro de entrevista no apêndice B) foi submetido a um teste inicial, que teve como objetivo principal operar algumas mudanças ou acréscimos de perguntas, mediante as exigências dos objetivos específicos já delineados. Realizei duas entrevistas para analisar as possíveis alterações que poderiam ser efetuadas. Neste roteiro fiz a audição das respostas dessa pré-entrevista direto do gravador e, posteriormente, executei as mudanças necessárias. Por exemplo, quando questionados acerca de suas relações com a família de origem, os entrevistados não detalhavam essas interações, exigindo uma reformulação das questões referente a família de origem e do companheiro de maneira que, em suas falas detalhassem os aspectos dessas interações. Outra mudança foi com relação aos conceitos empregados na entrevista. Os interlocutores não tinham idéias elaboradas acerca de alguns conceitos da vida a dois e isso me fez formular as perguntas de maneira mais objetiva e numa linguagem mais acessível aos interlocutores.

O roteiro de entrevistas constou de duas partes: uma de dados pessoais e outra de conteúdos mais específicos em torno das relações homossexuais. A segunda parte está constituída de quatro blocos de perguntas, sendo o primeiro um bloco inicial, que trata da trajetória de vida do entrevistado; o segundo diz respeito ao enamoramento e as escolhas dos homossexuais; o terceiro busca captar os arranjos e práticas cotidianas do casal; e o último bloco, refere-se ao reconhecimento social do casal homossexual. Levei em consideração, nessa estrutura, o grau de informações fornecidas pelos homossexuais nas respectivas partes, iniciando com questões mais pessoais e íntimas, e finalizando com

perguntas que envolvem o casal e as representações construídas pelos mesmos acerca das suas relações conjugais⁴¹. Busquei também trazer, com certa fluidez, as temáticas propostas no roteiro de entrevista na tentativa de estabelecer a confiança com o informante, principalmente para que ele se sentisse à vontade para dar suas sinceras impressões⁴² sobre o tema destacado neste estudo.

As entrevistas foram realizadas por mim e, conforme sugerido e aceito, combinamos o encontro na casa dos informantes, onde já havíamos coletado os dados iniciais através das observações; mas dois informantes marcaram a entrevista para locais indicados por eles, tendo diversos motivos para isso. Um informante do bairro dos Afritos em Recife marcou a entrevista comigo no espaço do campus da Universidade Federal de Pernambuco, pois segundo ele a mãe do seu companheiro, que mora em Porto Alegre, estava na residência do casal em férias e o mesmo não queria comentar questões particulares do casal diante da sogra. O segundo informante que marcou a entrevista comigo fora do espaço de sua residência, justificou esse procedimento dizendo que durante o dia ele estava trabalhando e à noite ia para curso de graduação. Ainda levantei a possibilidade de fazer a entrevista com ele no final de semana, mas o depoente diz dedicar o sábado e o domingo às questões religiosas; então, para não atrapalhar suas atividades e atender aos meus propósitos com a entrevista marcamos para nos encontrar na faculdade onde ele estuda no intervalo entre o final de seu expediente de trabalho e o início de suas

⁴¹ Ver também Geertz (1997) acerca do significado que os nativos dão as suas práticas na constituição de representações sociais. De acordo com o autor é necessário que os antropólogos observem o mundo a partir do ponto de vista dos nativos, que lhes põem limites nas suas análises. Isso permite a construção de uma “experiência-próxima” (GEERTZ, 1997, pp. 86-87) O autor define esse caminho interpretativo do pesquisador como o esforço do sujeito em definir aquilo que seus semelhantes vêem.

⁴² Queiroz (1991, p. 56) diz que “*pesquisador é sempre fator de perturbação para o informante, que pode ir ao ponto de anular a possibilidade da entrevista; quanto maior a distância social ou qualquer outro tipo de disparidade (idade, sexo), entre pesquisadores e entrevistados, mais se corre o risco deste obstáculo*”. Por isso, a importância de planejar uma entrevista onde o interlocutor possa se sentir o mais à vontade possível. Isso permitirá, que questões possam fluir e um diálogo se estabeleça na busca de uma compreensão mais precisa dos aspectos levantados ao longo da entrevista.

aulas. Antes de iniciar a entrevista, apresentei aos informantes um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver apêndice D) com o objetivo, a justificativa e o anonimato das informações transmitidas por eles nesta investigação.

O número e as pessoas entrevistadas foram definidos após as observações. Como já foi discutido por mim, anteriormente, durante as visitas às residências dos casais, eu só consegui me encontrar com um dos membros da díade. Isso permitiu definir o quadro dos informantes para essa segunda etapa na coleta de dados, constituído pelos membros do casal os quais eu ainda não havia conversado por diferentes motivos dentre eles: ou porque estava no trabalho, ou porque precisou visitar a família de origem, ou porque estava na faculdade ou porque tinha se ausentado da residência para resolver problemas referentes ao casal, etc. O tempo médio de cada uma das entrevistas foi de uma hora.

Encontrei maior dificuldade para executar as entrevistas nos horários e nos locais previamente combinados com os informantes, justificado pelas atividades cotidianas, que os requisitavam nos dias agendados por mim. Isso me levou a marcar de duas até três vezes com cada um dos homossexuais que compõe os casais investigados para execução das entrevistas.

No decorrer das entrevistas me senti à vontade para perguntar sobre questões mais íntimas, pois os depoentes construíram relações de amizade e confiança bastante significativas comigo. Por outro lado, minha condição de homossexual com uma relação estável há cinco anos, tornou-se bastante onerosa, emocionalmente, pela necessidade de abstrair-se da problemática enquanto pesquisador. Porém, é importante ressaltar, que essa mesma condição, foi fundamental em alguns momentos no levantamento de questões que nortearam essa investigação.

Ao transcrever as entrevistas enriqueci suas interpretações levando em conta às pausas, as hesitações, as superposições e as sobreposições, que no contexto do discurso permitiram inferir “verdades” que não eram tão facilmente explicitadas⁴³.

A respeito das relações com meus informantes no momento da entrevista, posso de antemão adiantar que, nesta fase da pesquisa, todos foram receptivos às entrevistas. Receberam-me em suas casas e/ou locais combinados pelos mesmos, reconhecendo a importância dos estudos de conjugalidade homossexual, desejando repassar de forma íntegra e objetiva as informações necessárias a minha investigação.

Considerando os indicadores contidos no roteiro das entrevistas, anteriormente citados, primeiro busquei construir similitudes e diferenças nos discursos, tendo em vista a teoria sobre homossexualidade já discutida e revista neste trabalho. Este foi o primeiro passo para construir os procedimentos de análise dos dados propriamente ditos.

Após a coleta de dados iniciei o processo de análise, classificação e interpretação das informações transmitidas pelos homossexuais acerca de suas práticas afetivas, sociais e sexuais⁴⁴.

Para executar este procedimento procurei seguir duas etapas importantes: na primeira, classifiquei e organizei as informações coletadas, e depois

⁴³ Na transcrição das falas dos depoentes levei em conta os aspectos levantados por Fairclough (2001, p. 280) ao afirmar que, “*um tipo de transcrição razoavelmente econômico, adequado para muitos propósitos, deve mostrar as justaposições entre falantes, as pausas e silêncios*”, que no contexto do discurso permitem inferir acerca de questões pouco exploradas pelo entrevistado. Segundo Alencar (2007, p. 65) essa “*prática baseia-se no princípio que privilegia a perspectiva ‘êmica’ dos participantes na interpretação dos dados, o que oferece uma orientação metodológica rigorosa*”. Embora a transcrição seja uma tarefa difícil, nas palavras de Fairclough (2001), ela constituiu neste trabalho uma expressão objetiva da situação registrada, possibilitando instrumentos de análise e interpretações iniciais acerca da problemática investigada por mim.

⁴⁴ Segundo Pádua (2004, p. 82): “*Esta não é uma etapa que se realiza automaticamente. Exige criatividade, caso contrário o trabalho não ultrapassa o nível da simples compilação de dados ou opiniões sobre um determinado tema. A análise dos dados é importante, justamente porque através desta atividade há condições de evidenciar-se a criatividade do pesquisador*”.

tentei estabelecer relações existentes entre os diferentes dados. Essas etapas foram vivenciadas tendo como referência os itens já levantados no plano provisório de assunto⁴⁵. Para que isso ocorresse, procurei captar dos mesmos as categorias construídas pelos homossexuais masculinos da Região Metropolitana do Recife acerca das suas relações afetivo-sexuais cotidianas. Essas categorias agrupam as idéias e as expressões utilizadas pelos homossexuais, que estou concebendo como uma aproximação através das representações da relação conjugal que eles estabelecem com seus companheiros.

Ao procurar regularidades e padrões bem como tópicos presentes nas falas dos homossexuais pesquisados, encontrei conceitos⁴⁶ capazes de abranger os aspectos das práticas e representações do cotidiano dos casais homossexuais estudados por mim.

Fiz ao longo do processo de investigação fichas de revisão bibliográfica, ou seja, as anotações teóricas, que me possibilitaram visualizar problemas com relação aos dados coletados através da observação e das entrevistas, permitindo correções e superações das deficiências percebidas.

Então, baseado nesses procedimentos técnicos e na leitura dos dados percebi os seguintes indicadores⁴⁷: 1) escolha do companheiro; 2) trajetória do enamoramento; 3) escolha da residência; 4) divisão das tarefas domésticas; 5) administração das despesas de casa; 6) arranjos e práticas afetivas; 7) visão acerca

⁴⁵ O Plano Provisório de Assunto, segundo Pádua (2004) diz respeito ao esboço preliminar dos capítulos e dos itens que estarão presentes no relatório final. Ainda, segundo a autora, este plano inicial se baseia no Projeto de Pesquisa já elaborado pelo investigador, nas abordagens teóricas sobre a temática e nas experiências que o pesquisador possui com o objeto estudado.

⁴⁶ Para ilustrar como isso é visto pela literatura metodológica destaco Pádua (2004, p. 84) que diz: “*Os conceitos são construções lógicas criadas a partir de impressões sensoriais, percepções ou mesmo experiências bem complexas. Nesta perspectiva, os conceitos são abstrações, que adquirem um significado, um sentido, somente dentro de um quadro de referência, de um sistema teórico, ou seja, a partir das teorias que orientaram a coleta de dados e que devem também orientar sua análise*”.

⁴⁷ É importante destacar, que as categorias trabalhadas neste estudo foram construídas tomando como base os indicadores apresentados acima.

da fidelidade e da lealdade; 8) relações estabelecidas entre o casal homossexual e famílias de origem; 9) relações entre o casal homossexual e os vizinhos; 10) relações de amizade do casal homossexual; e 11) opiniões sobre o reconhecimento do casal homossexual. Essas são expressões que nortearam minhas análises e interpretações acerca do objeto de estudo: conjugalidade homossexual. Porém, outras expressões ganharam forma nas falas dos entrevistados e apareceram durante o texto, quando destacarei trechos dessas falas para ilustrar ou para reforçar os meus argumentos.

Após o estabelecimento das categorias procurei destacar os dados mais relevantes para os objetivos e hipóteses pensadas nesta pesquisa. Para ter uma visão de conjunto dos dados coletados nas observações e nas entrevistas, elaborei um quadro referencial (ver modelo do quadro referencial no apêndice C) onde pude visualizar as principais informações recolhidas ou prestadas pelos informantes acerca de cada uma das categorias apresentadas anteriormente. Iniciei esta atividade fazendo uma leitura de todo material coletado, assinalando as principais fontes; e, a seguir, registrei os dados destacados por mim no quadro acima citado⁴⁸.

A partir da análise das informações contidas na tabela, pude estabelecer melhor as relações existentes entre os dados coletados e as teorias que orientaram toda a investigação. Essa estratégia me auxiliou na percepção e interpretação de pontos de divergência e/ou convergência entre as informações adquiridas e as teorias que abordam a questão da conjugalidade homossexual ou desta com a realidade estudada por mim.

⁴⁸ A respeito da construção desse quadro de referência é importante destacar o texto de Pádua (2004). A autora afirma que, a elaboração de um quadro de referência para tratamento dos dados é importante, pois ele permite que o pesquisador estabeleça relações entre a teoria e a hipótese de trabalho, tendo uma visão do todo pesquisado até aquele momento. Ver o modelo do Quadro de Referência utilizado neste trabalho no Apêndice C.

Esse quadro me ajudou também no momento de escrever os capítulos dessa dissertação, à medida que possibilitou enriquecer a síntese elaborada por mim durante a organização e classificação dos dados. É importante deixar claro neste momento que a utilização desses procedimentos não significou uma pretensão de elaborar grandes generalizações acerca da conjugalidade homossexual, já que o objeto de estudo desenvolvido por mim, é bastante complexo, exigindo por parte do pesquisador que se debruce nele por um período bem maior para uma apreensão mais completa dos aspectos que o compõe⁴⁹.

Finalmente, para analisar os dados das entrevistas e das observações levei em consideração os textos de jornais, revistas especializadas e sites na internet, que trouxeram algumas contribuições no sentido de perceber os aspectos culturais que envolvem a relação conjugal homossexual, além de fazer um levantamento acerca dos movimentos sócio-políticos ocorridos no Brasil no que se refere ao reconhecimento dos casais homossexuais pela sociedade e pela legislação do país.

Finalizando este capítulo, ressalto e até antecipo, que o estudo apresentado aqui, é parte de todo um universo de questões que podemos elaborar e investigar acerca das relações que pessoas do mesmo sexo constroem no dia-a-dia.

⁴⁹ Alencar (2007) afirma que quanto mais complexa e subjetiva for a categoria investigada, maior será o tempo despendido para analisar a mesma em sua totalidade. Mas é importante destacar aqui, que Alves (1984 apud Pádua, 2005, p. 85) diz que: *“As mudanças mais fundamentais em qualquer ciência comumente resultam, não tanto da invenção de novas técnicas de pesquisa [ou de grandes períodos], mas antes de novas maneiras de se olhar para os dados [por menor quantidade que seja], dados estes que podem ter existido por longo tempo”*. (grifo meu).

CAPÍTULO III

TRAJETÓRIAS DE VIDA E ESCOLHAS DE PARCERIAS: UMA VISÃO HOMOSSEXUAL

“Não se nasce homossexual, aprende-se a sê-lo”.

Michael Pollak (1987, p. 58)

Pensar nas trajetórias tomadas pelos homossexuais na constituição de suas relações afetivo-sexuais requer um esforço para compreender como o enamoramento influencia neste processo e, por sua vez, isso permite sinalizar como a sociedade formula as normas de aceitação/reconhecimento das díades homossexuais. Para isso, é pertinente iniciar este capítulo fazendo algumas descrições acerca do grupo investigado.

Veja-se abaixo um quadro descritivo com as principais características do grupo pesquisado:

Quadro I – Caracterização do Grupo Entrevistado

Entrevistados	CARLOS	PAULO	ROBERTO	GILVAN	FERNANDO
Dados dos Entrevistados					
Idade	29	38	31	37	31
Grau de Instrução	Superior Completo	Superior Incompleto	Superior Completo	Ensino Médio Completo	Superior Completo
Profissão	Professor	Militar	Professor	Auxiliar de Enfermagem	Sociólogo
Atividade Profissional Atual	Docência	Gerência de Pessoal	Agente Administrativo	Auxiliar Serviços Gerais	Estudante
Renda Mensal	De 500 a 1000 reais	De 1000 a 1500 reais	De 500 a 1000 reais	Menos de 500 reais	De 500 a 1000 reais
Religião	Espírita "Kardecista" ⁵⁰	Umbanda Racionalizada	Afro-Brasileira	Afro-Brasileira	Cristão
Casado com:	ANTÔNIO (30 anos)	SEVERINO (34 anos)	ELIAS (48 anos)	BRUNO (28 anos)	MATEUS (38 anos)
Tempo da Relação	5 anos	1 anos e 9 meses	10 anos	4 anos	2 anos e 9 meses

⁵⁰ O termo está entre aspas, pois os interlocutores afirmaram que utilizam essa expressão para se diferenciar dos praticantes dos cultos afro-brasileiros, mas, segundo os mesmos, o termo acima não é empregado entre eles. Kardecistas é um termo que se origina do nome do fundador da religião espírita: Kardec, e que segundo seus praticantes não pode ser associado o nome do fundador ao da religião já que a mesma é dos espíritos e não de Kardec.

O grupo pesquisado neste trabalho está composto por cinco casais de homossexuais masculinos, totalizando 10 (dez) sujeitos caracterizados da seguinte forma: três dos homens com práticas homossexuais investigados possuem idade entre 20 e 30 anos. Entre 31 e 40 anos foram pesquisados seis homossexuais masculinos. Elias é o único homossexual pesquisado que tem mais de 40 anos. Quanto ao grau de escolaridade dos entrevistados, três possuem o curso superior completo, um possui o superior incompleto e um o ensino médio completo.

Detectei que três dos casais pesquisados possuem renda mensal entre 500 e 1.000 reais. Um casal possui renda entre 1.000 e 1.500 reais e, apenas um casal disse receber uma renda menor que 500 reais por mês. No item religião, três entrevistados disseram ser praticantes de cultos afro-brasileiros, um disse ser espírita kardecista e um outro disse ser cristão. Durante a pesquisa esse último entrevistado comentou que não gostava de cultuar religiões, o que ele acreditava era em Cristo, por isso, se diz cristão.

Quanto à profissão, os homossexuais estão caracterizados da seguinte forma: quatro são Professores da Educação Básica, dois são Estudantes, um é Militar, um é Auxiliar de Enfermagem, um é Jornalista e o último é cabeleireiro. Mas, quando questionados acerca da atividade profissional que exercem no dia-a-dia, percebi que a maioria dos homossexuais pesquisados possui atividades ligadas as suas profissões de formação, apenas três disseram ter atividades profissionais distantes da sua formação, são elas: Paulo que é Militar, disse exercer a função de Gestor de Pessoal, Gilvan que se formou em Auxiliar de Enfermagem exerce o cargo de Auxiliar de Serviços Gerais e Roberto que é Professor de História por formação disse trabalhar como Auxiliar Administrativo.

O tempo de duração da relação atual foi outro item levantado nesta investigação. As respostas foram variadas: dois casais (Paulo-Severino e Fernando-Mateus) possuem uma relação mais recente⁵¹, estão juntos entre um e três anos. Gilvan e Bruno estão juntos há quatro anos, Carlos e Antônio, há cinco anos e Roberto e Elias já possuem uma relação duradoura há 10 (dez) anos. Isso denota a rica variação de duração da relação com que esta pesquisa trabalhou, possibilitando uma visão comum em alguns pontos e divergentes em outros.

Diante dessa caracterização dos sujeitos pesquisados, passo a apresentar abaixo a visão que homossexuais masculinos da Região Metropolitana do Recife elaboram acerca dos aspectos pertencentes as suas práticas conjugais e sociais.

3.1 – Trajetória de vida: percursos da sexualidade

Para compreender os roteiros construídos pelos meus entrevistados ao longo de suas vidas busquei levantar questões referentes ao seu estilo de vida durante a adolescência. Aspectos como relações com familiares, vizinhos e amigos foram destacados nessa investigação para ter uma visão mais ampla dos trajetos dos mesmos na construção de um “*descobrir-se*” homossexual. Fiz um resgate desse momento na tentativa de traçar as diversas visões dos homossexuais acerca do envolvimento no namoro e no casamento desses sujeitos.

Os meus interlocutores afirmam que a adolescência foi um momento influenciado por vários fatores oriundos das transformações que ocorreram dentro das suas famílias de origem como mudança de residência, conflitos com irmãos, separação dos pais e/ou por ser o único filho a estar em casa.

⁵¹ Estou chamando de recente a relação que possui um tempo de duração menor se comparado às outras relações, ou seja, entre um e três anos.

Ao serem questionados sobre sua adolescência, dois dos homossexuais entrevistados iniciaram seus discursos afirmando não terem tido grandes conflitos, que caracteriza essa fase do desenvolvimento humano. Vejam-se os exemplos abaixo:

“Minha adolescência foi normal, não tive aqueles conflitos que meus colegas homossexuais tiveram com seus pais. Brincava, estudava, mas a única coisa que meu pai não gostava era que eu saísse com amigos ou vizinhos, mas isso não me fazia brigar com eles... eu entendia... eles queriam me proteger”. (Carlos – 29)

“Então foi uma adolescência acho que normal, não teve grande, grande transformações, grandes conflitos, que pudessem causar algum tipo de transtorno, não. Consegui... né? Dentro do normal consegui sair ileso dessa fase da adolescência”. (Roberto – 31)

Porém, ficaram evidentes no transcorrer da fala desse último entrevistado, alguns conflitos pontuais que levaram ao desejo de rompimento⁵² com os laços familiares. Nota-se isso no exemplo a seguir:

“Eu tinha algumas dificuldades, afinidades com uns, né? desafinidades com outros, mas assim... num contexto geral eu eram bem quisto... pelo pessoal de casa”. (Roberto – 31)

Outro aspecto da adolescência que foi percebido no discurso de um dos homossexuais entrevistados foi a importância da mãe. Segundo ele, a mãe representou na adolescência uma figura significativa, pois ela tinha a função de confidente ou amiga, além de ser a pessoa que ele considera como suporte no momento do *“coming out”*⁵³. Isso pode ser confirmado no trecho abaixo:

“Ah! Minha mamãe é tudo pra mim. Tive, na adolescência, alguns conflitos com ela porque não concordava com ela quando nos batia para manter as ordens do meu pai, mas gostava muito de conversar com ela sobre tudo. Ela fazia de tudo pra me ver feliz. Lembro das vezes que ela me dava dinheiro para eu comprar coisas que desejava, ou às vezes ela mesma comprava o que eu queria. Minha mãe foi durante minha adolescência a mulher que dependia do marido e que por isso tentava a todo custo manter suas ordens... Mas isso tudo não foi o suficiente para que ela não ficasse

⁵² Essa análise é reiterada por Alberoni (1999) quando afirma ser o rompimento um momento importante para o enamoramento, já que este último se caracteriza em separar o que estava unido e unir o que estava separado.

⁵³ Este termo é utilizado por diversos autores para designar o momento em que o homossexual percebe que seu objeto de desejo é outra pessoa do mesmo sexo. Além disso, esses autores colocam o *coming out* como um revelar-se homossexual (HART e RICHARDSON, 1983; POLLAK, 1987 e SILVA, 2004) para si ou para os outros.

do meu lado, quando eu me assumi homo... Ela foi quem 'se atirou' na frente de todos para me defender. Ela sim, é minha amiga". (Carlos – 29)

Quando os mesmos foram questionados sobre as divisões das tarefas domésticas em suas residências durante sua adolescência, eles afirmaram ter pequenas responsabilidades domésticas como levar os irmãos à escola, participar das faxinas coletivas em casa, lavar sapatos e jogar o lixo. Porém, um dos homossexuais que conversei, disse ter assumido todas as tarefas de casa, pois seu pai trabalhava na roça da família e sua mãe era contratada por uma confecção e tinha atividades durante todo dia:

"Como eu era o único filho em casa fazia todas as atividades, eu cozinhava, limpava a casa, ajudava meu pai no plantio, que a gente morava em sítio, então assim, plantava milho, feijão; essas coisas, então limpava o quintal, então sempre dentro da área doméstica eu sempre estive presente nas tarefas. Na adolescência foi assim nesse período de, de, de que tava só em casa só, com meus pais, então, eu que ajudava mamãe, enquanto mamãe fazia as atividades dela, mamãe costurava, ela tinha uma pessoa que contratava ela, tinha uma confecção e trabalhava, em casa, então, mamãe passava o dia costurando e eu ia fazer a comida, limpava a casa, tudo, tudo da casa eu fazia". (Roberto – 31)

As interações, que os meus entrevistados estabeleceram durante a adolescência com vizinhos, segundo seus discursos, foram ausentes, não originando conflitos. Segundo eles, foram orientados pela família a manterem uma relação formal, apenas de cumprimentar superficialmente os referidos vizinhos. Dois informantes destacam em seus discursos esse aspecto com muita nitidez:

"Eu tinha pouco contato com os meus vizinhos quando era adolescente, porque meu pai não gostava que ficássemos conversando por muito tempo com vizinhos nas ruas e portas, pois segundo ele isso só terminava em confusão e ele detestava brigar com vizinhos. Por isso, o meu contato com os vizinhos foi, durante minha adolescência, limitado aos cumprimentos diários: bom dia, boa tarde e boa noite". (Carlos – 29)

"Morava muito distante dos vizinhos, mas quando tinha oportunidade e encontra eles, minha família sempre ensinou que deveríamos dar Bom dia, pois era educado, mas ficar com fofocas... não... eu não tinha tempo e meus pais não gostavam de muitos agarrados com eles [vizinhos] pois a gente já tinha visto várias brigas de vizinhos por causa de besteiras e eu tinha muitas responsabilidades em casa e isso não me dava tempo pra 'tá com grandes contatos, entende?" (Roberto – 31)

Percebe-se nas falas acima que essa distância dos vizinhos foi adotado pelos pais para manter certo afastamento dos “conflitos cotidianos” que podem surgir das interações entre as pessoas. Não se observa nas entrevistas desses homossexuais, que essa atitude dos pais estivesse ligada à orientação sexual dos filhos ou à condição sócio-econômica da família a que pertenciam.

Em relação aos amigos da adolescência, os entrevistados disseram possuir poucos. Suas relações se restringiam aos contatos de coleguismo. Porém, um interlocutor disse ter policiado as relações de amizade com outros homens, pois tinha medo de se apaixonar por eles. Isso sinaliza, nesse caso, uma consciência dos desejos cobiçados pelos entrevistados na adolescência, denotando um “*revelar-se gay a si mesmo*”, importante para a construção de uma identidade homossexual (Cf. HART e RICHARDSON, 1983). Veja-se um exemplo na fala desse interlocutor:

“Já minha relação com os amigos era bastante controlada, pois sempre me policiava para não me apaixonar por eles. Lembro de ter um amigo, amigão, até hoje, que sempre nos tratamos como irmãos. Frequentávamos o mesmo terreiro e compartilhamos alegrias e tristezas, mas isso... essa minha relação de companheirismo e fraternidade era só com esse amigo, o restante eram amigos de conversas de passa tempo ou referente às coisas do dia-a-dia, sabe?”. (Gilvan – 37)

No que diz respeito ao período de descoberta⁵⁴ da orientação homossexual dos sujeitos que conversei, extraí os seguintes discursos:

“Não sei como a gente descobre isso, entende? Eu era muito pequeno tinha seis anos... né? Quando comecei a brincar com meus primos de ‘safadeza’. A gente ficava nu e eles me faziam pegar no pênis deles e eu gostava daquilo, sentia uma coisa forte... acho que meus primos tinham em média 13 anos, não lembro bem... Quando chegava de noite, sabe, eu adorava brincar, pois era o momento em que eu ia vê eles e eles geralmente me chamavam para brincar de se esconder... isso acontecia com um primo diferente.... tu tá entendendo? Num momento me escondia com fulano e depois com beltrano... tudo isso para ficar com um diferente. Era muito bom. Mas ficava com muito medo que alguém descobrisse aquilo, pois sempre escutava de todo mundo que aquilo que os frangos faziam era errado...”. (Carlos – 29)

⁵⁴ Foucault (1985, apud PAIVA, 2007, p. 38) diz que os debates essencialistas e construtivistas acerca da sexualidade o faz ter apenas uma opinião sobre a origem da homossexualidade: deixar a cargo de cada um as explicações acerca do “tornar-se homossexual”, ao invés de procurar explicações vagas nas ciências médicas ou nas religiões.

“Hum... Aos dez anos... tinha... um rapaz que trabalha numa sorveteria, que você ia lá, colocava-se numa posição próxima a uma pequena entrada, ele ia lhe servindo o sorvete enquanto fazia carícias, por baixo do balcão... uma segunda experiência. Aos trezes, eh... algumas brincadeiras mais picantes com os colegas de rua... por cima... superficial ainda, por cima das roupas e meu primeiro contato foi mais ou menos aos quinze anos... primeiro contato não, a minha... eh... aceitação, não é, foi entorno dos quinze anos...”. (Paulo – 38)

“Eu lembro, que acho que foi com sete ou oito anos com um jardineiro lá no sítio. Não sei a idade dele, mas ele já era adolescente pra cima. A primeira vez foi com ele... E isso me fez pensar na idéia de ficar com um homem. Ficava entusiasmado quando via meus irmãos de cueca, essas coisa, ficava... né? mas... nada que... desde cedo pra mim considerava uma descoberta, eu me descobri. Fui construindo...”. (Roberto – 31)

Como se pode notar, os entrevistados destacam alguns momentos de suas infâncias, quando apresentavam desejos sexuais voltados para outros homens. De acordo com seus discursos isso ocorreu entre seis e dez anos. Observa-se nesses discursos um forte sentimento de prazer ao experimentar os primeiros jogos sexuais com outros do mesmo sexo⁵⁵. Nota-se também, que esses jogos ocorrem numa fase onde os homossexuais pesquisados não possuíam um entendimento da dinâmica sexual de sua orientação. Detectei que a consciência do “descobrir-se” homossexual para os meus entrevistados foi um processo paulatino, que ocorreu entre 13 e 18 anos de idade. Com relação a esse processo Hart e Richardson (1983, p. 137), coloca que *“descobrir-se diz respeito a esse complexo processo de passar de uma identidade confusa (cheia de questionamentos acerca de qual orientação sexual devia vivenciar) percebida pelo indivíduo em sua infância, para um sentimento forte, positivo e de aceitação da própria identidade como homossexual, (...)*”. Portanto, trata-se de uma experiência momentânea e muitas vezes obscura na vida dos homossexuais que pesquisei, embora durante o momento da entrevista não expressem tal sentimento. Segundo Rios (2004a, p. 118),

⁵⁵ É importante ver o texto de Rios (2004a) sobre as interações interetárias. Segundo esse autor, em sua grande maioria, os jovens pesquisados por ele relataram que as suas primeiras relações eróticas com experiências de penetração ocorreram, em geral, com homens (crianças, jovens ou adultos) mais velhos (chegando a diferença de idade entre parceiros a ser de em torno dos 10 anos). Essa discussão será melhor aprofundada posteriormente.

“O que os participantes consideram iniciação sexual, corresponde ao sexo penetrativo. Outras formas de excitação, ainda que impliquem introduções de partes côncavas em partes convexas do corpo, e que levem ao gozo, são consideradas ‘apenas preliminares’ – mais da ordem da sarração que do baco”.

Diante dos discursos coletados notei que os entrevistados vão desnaturalizando o comportamento homossexual de descoberta, pois demarcam com a origem dos seus desejos por pessoas do mesmo sexo, os aspectos de ordem sócio-interacional, excluindo as explicações dadas pela biologia para “justificar” sua orientação sexual⁵⁶.

Mas, em visitas para conversas informais, percebi que um dos meus interlocutores enfatiza bastante os conflitos psicológicos e sociais que sofreu ao se descobrir e se assumir homossexual para si e para família⁵⁷:

“Desde que eu fiz minha opção, foi legal... os conflitos existiram... não é? Eh! Porque você passa a ter uma vida noturna, não é, as baladas à noite... então, entrei em conflito com... minha mãe, que é que tava com a guarda, né, dos filhos. Num momento de desespero, haja vista que morávamos juntos, morávamos próximo da casa do meu pai, duas quadra;, ela o chamou às cinco horas da manhã, horário que eu cheguei de uma farra pra relatar, que eu estava com... más companhias, e que seria... tava se tornando inviável... naquele momento... é... foi quando eu assumi pro dois a minha opção sexual ...” . (Paulo – 38)

Por fim, detectei que “se descobrir” é uma questão complexa, que envolve vários fatores e não apenas um único. Esse momento está circunscrito pelo que foi observado em meu contato com os entrevistados, em três estágios bastante entrelaçados⁵⁸, são eles: 1) revelar-se a si mesmo; 2) revelar-se no mundo gay e; 3) revelar-se no mundo heterossexual. Ao revelar-se a si mesmo, à comunidade gay e ao ambiente propriamente heterossexual, os homossexuais masculinos que foram

⁵⁶ É importante fazer uma reflexão acerca dessa visão que os entrevistados destacaram, visitando a literatura acerca das explicações dada a Homossexualidade no Brasil pelas Ciências Médicas durante as três primeiras décadas do século XX. Dentre esses textos merecem visibilidade: Hart e Richardson (1983), Fry (1982) e Green (2000).

⁵⁷ Pollak (1987, p. 58) complementa esse discurso dizendo que “a carreira homossexual começa pelo reconhecimento de desejos sexuais específicos e pelo aprendizado dos lugares e dos modos de encontrar parceiros”.

⁵⁸ Esses estágios são citados por Hart e Richardson (1983) e foram percebidos em meu estudo com os homossexuais masculinos da Região Metropolitana do Recife.

pesquisados por mim desenvolveram um sentido de *self* (eu) consistente, além de construírem um reconhecimento e uma aceitação de sua identidade sexual por parte dos grupos sociais mais amplos. Isso refletiu de alguma forma nas escolhas e nos arranjos cotidianos que eles estabeleceram para constituírem suas parcerias.

Aproveitando que os homossexuais estavam reconstruindo seus passos na adolescência, questionei-os acerca de suas experiências no que se referiam as outras relações com pessoas do mesmo sexo. É refletindo sobre esses roteiros construídos pelos homossexuais sob a influência das normas e regras sociais, que podemos pensar sobre as trajetórias empreendidas pelos homossexuais por mim consultados, acerca de seu enamoramento com outros indivíduos do mesmo sexo. Essas relações foram roteirizadas de várias formas. Três interlocutores disseram ter encontrado a maioria dos seus parceiros em boates, onde trocavam olhares e por fim se aproximavam na tentativa de construir uma parceria, pois, segundo os mesmos, tinham a “ilusão” de que esses espaços eram locais institucionalizados na busca de um relacionamento duradouro. A frequência com que esses pesquisados visitavam esses locais variava de duas a quatro vezes por mês. Veja-se o que cada um dos homossexuais diz a respeito:

“Meus primeiros namorados, conheci numa boate no centro do Recife, eu acho que ela ainda existe, foi a Boate Sete Cores, na Boa Vista. Gostava de ficar trocando olhares até fisgar aquele que era interessante e bonito. Ah... conversamos muito, até descobrir que ele só queria transar, curtir; mas, alguns eu curtia numa boa, outros não. Eu não desistia e tentava todo sábado, que era o dia que eu ia para boate, conseguir alguém para um relacionamento sério...”. (Carlos – 29)

“Tive inúmeros, diversos, vários relacionamentos... [risos] Falar de cada um deles levaria... horas, não é, mas eu posso dizer... Eu gosto de ir a luta... entende? É... pesquisar, procurar a possível... presa... possível vítima... ou futura história, né, nos moldes antigos... jogo da sedução, olhares, conversa, em locais mais noturnos. Meu perfil, segundo meus amigos, eu sou uma puta apaixonada, uma puta romântica. É, pois quando estou só me permito... é... gozar dos mais diferentes prazeres, quando acompanhado”. (Paulo – 38)

“Gostava muito de ir a boates para paquerar, dançar, curtir um pouco; mas só agora depois de muitas decepções, descobri que ali não é um lugar para encontrar uma pessoa para ficar sério. (...) olhar, chamar o outro para

dançar ou beber uma cerveja é muito bom, dá aquele friozinho na barriga e depois dar o primeiro beijo para avaliar se ele é bom mesmo como eu tinha visto. Mas é interessante que todos os caras, que conheci fiz isso... era bom... Mas agora estou sério com meu companheiro e pronto!". (Gilvan – 31)

Em contra partida, os dois outros homossexuais entrevistados afirmaram ter conhecido a maioria dos seus parceiros em locais públicos como parques, supermercados, praias, templos religiosos:

"Eu não gostava do mundo GLS. Frequentava muito a praia de Boa Viagem para fazer exercícios e aproveitava para paquerar um pouco. Eu também posso dizer que era bastante olhado. Sempre gostei de lugares mais sociais, guetos para mim eram assustadores, pois minha família poderia descobrir e isso complicaria minha vida". (Fernando – 31)

"Sou praticante do candomblé e lá nas festas sempre rola uns olhares e quando estou na festa sem obrigações para fazer, gosto de olhar um pouco quem chega e por causa disso já tive alguns namorados. Foi bom, mas sei que não é muito correto..."

Porém, notei na fala desses dois últimos entrevistados, que os roteiros das práticas afetivo-sexuais nesses locais (trabalho, parques, praias, etc.) não são significativamente diferentes quando comparados às relações daqueles que conheceram seus parceiros em espaços classificados e reconhecidos socialmente por GLS⁵⁹. Iniciavam sempre com trocas de olhares, se aproximavam e começavam conversas "intermináveis" que levavam as trocas de informações e juras de novos encontros. O segundo encontro se dava sempre em locais diferentes do primeiro contato. Neles se obtinham as informações mais específicas da vida dos sujeitos envolvidos na ligação.

Os homossexuais investigados disseram ter tido, entre os 15 e 19 anos, várias relações esporádicas com homens mais velhos. Segundo Rios (2004a e 2004b), os sentidos atribuídos às diferenças de idade é um processo que orienta as

⁵⁹ Esses espaços são frequentados por homossexuais para interação afetivo-sexual, maquiados, muitas vezes, por um "ar de festa". Esses espaços ficam situados em locais estratégicos e permitidos pelo Estado para a roteirização homossexual (Cf. Rios, 2004a; Pollak, 1987 e Perlongher, 1987).

interações sexuais na infância e adolescência. De acordo com os interlocutores de Rios (2004a e 2004b) esses arranjos sexuais baseados nas parcerias em termos do mais velho e do mais novo tomam um padrão absolutamente natural: “*É natural o mais velho ensinar ao mais novo e inexperiente as artes do sexo*” (RIOS, 2003, p. 105). Diante disso, os meus investigados disseram buscar nessas ligações apenas prazer, satisfação sexual. Pode-se observar esse comportamento nas falas abaixo:

“Já... tive muitos, assim, alguns efêmeros, outros mais duradouros, mas muitos não passam de uma fé, né? aquela coisa meio homoerótica, era do erotismo e não só do sexo, né? já, já, ...É... eu me sentia assim... era interessante porque era uma coisa que mexia, que despertava interesse. Eu gostava dos homens mais velhos, pois achava que eles tinham mais experiência e saberiam me tratar bem, ou seja, saberiam me dar o prazer sexual que eu buscava naquele momento, entende?” (Carlos – 29)

“Ah! Tive sim... agora não foram relações duradouras, não, viu?! Foram só ficantes, entende? Eu sentia muito tesão em transar com um homem mais velho, pois sempre achava que eles faziam sexo gostoso, sabe, [risos]. Depois fui percebendo que isso era do homem, alguns tinha mais idade, mas não me acrescentava em nada, sabe, e outro tinha pouca idade e... nossa... eram verdadeiros vulcões...” (Roberto – 31)

Porém, ao observar mais de perto o discurso desses sujeitos, percebi que isso se dava por causa de uma idéia distorcida de que as interações sexuais com os mais velhos levariam a uma compreensão mais consolidada e madura de suas práticas sexuais. O prazer e a satisfação sexual estão, nos dois relatos anteriores, ligados ao corpo mais velho. Como diz Parker (1991, p. 162), *o corpo humano*, que neste caso é o mais velho, *é fonte de prazer capaz de satisfazer o desejo*. Além da satisfação do apetite sexual, Roberto (31) disse buscar nas relações com outros homens mais velhos, aquilo que Giddens (1993) chama de amor romântico:

“As pessoas com quem me relacionavam eram hetero, então assim,... meus amigos eram hetero, então minha paixão era uma paixão platônica, era um platonismo sem fim, tu ta entendendo? Então, só eu curtia. Já no final do 2º. grau foi que eu comecei me aproximar de outras pessoas, comecei a estudar à noite, na ETEPAM⁶⁰, então comecei a ter contatos

⁶⁰ Escola Técnica Estadual Professor Agamenon Magalhães, localizada no Bairro da Encruzilhada, Recife.

com outros homossexuais que tinham... as pessoas sabiam que eram homossexuais, né? (...). (Roberto – 31)

Embora o interlocutor tenha destacado que suas interações com outros homens eram orientadas por “*paixões platônicas*” por heterossexuais, nota-se ao longo do seu discurso uma tentativa de subverter as hierarquias sexuais impostas pela cultura, porém mediante uma retomada das formas de reprodução dos níveis sociais, quando reafirma o valor positivo da homossexualidade.

Outro aspecto que me chamou atenção foi o fato dos homossexuais pesquisados citarem, indiretamente em suas falas, a busca por um *príncipe encantado*⁶¹. Alguns estudos tentam dar conta de explicar analiticamente o momento de transição da adolescência para a fase adulta dos homossexuais como um período marcado por uma busca utópica de um outro homem, que os protejam da discriminação e das reações violentas sofridas pelos homossexuais ao longo de suas vidas. Por exemplo, nas análises empreendidas por Rios (2004a) acerca da construção dos roteiros de parceria que tomam forma nas interações que esses estabelecem com as categorias dicotômicas “*mocinho em perigo*” e “*príncipe encantado*”, transformadas em personagens importantes nas trajetórias de vida dos homossexuais masculinos. Segundo o autor, como num conto de fadas, os homens que ele entrevistou disseram estar à espera do ser amado; lutam para conquistar os homens dos seus sonhos, enfrentando vários problemas de ordem social para depois conseguir o almejado “final feliz” das histórias e novelas divulgadas pela mídia. Todavia, no transcorrer da minha pesquisa, como tratei de aspectos mais voltados para visão que esses possuem de suas relações, detectei certa idealização norteada da imagem do *príncipe encantado*.

⁶¹ Ver as discussões de Rios (2004a), que utiliza a expressão “príncipe encantado” como uma metáfora.

Para exemplificar, vejamos a fala de um dos interlocutores. Ele traz em suas respostas a busca desse parceiro, construído pelos grupos de socialização, ao dizer que teve, antes do seu atual companheiro, apenas paixões idealizadas e nunca correspondidas. Vejamos o que ele fala sobre esse momento:

“Eu acreditava, sabe, que um dia eu ia encontrar aquele homem que iria me fazer muito feliz, o homem perfeito, entende? Mas quebrei a cara. Fiquei com muitos homens que não prometiam nada, mas achava que daquela transa iria surgir uma relação bonita... pobre iludido...”. (Carlos – 29)

Dessa maneira, assimilando os resultados coletados acerca dos caminhos percorridos pelos meus entrevistados durante a adolescência, posso afirmar que as trajetórias de vida deles foram variadas e seguiram critérios sociais e culturais ligadas às condições estruturais de suas famílias de origem. Isso será importante quando se destacar os arranjos e as escolhas elaboradas pelos mesmos em suas interações cotidianas com seu companheiro atual e com os demais sujeitos sociais. Mas, estas relações parecem se compor dentro dos quadros já investigados antes por outros autores.

3.2 – Trajetória do Enamoramento

Analisar as construções amorosas entre homossexuais implica destacar algumas características das trajetórias do namoro e/ou casamento no intuito de traçar um esquema de roteiros afetivo-sexuais (GAGNON, 2006 e SIMON e GAGNON, 1999), baseados em regras sociais e pensados para formação e manutenção de relações estáveis entre pessoas do mesmo sexo. Bowlby (1990, p. 122) afirma que:

“O comportamento de ligação é concebido como qualquer forma de comportamento que resulta em que uma pessoa alcance ou mantenha a proximidade com algum outro indivíduo diferenciado e preferido, o qual é

usualmente considerado mais forte e (ou) mais sábio (...) Os padrões de comportamento de ligação manifestados por um indivíduo dependem, em parte, de sua idade⁶² atual, sexo e circunstâncias e, em parte, das experiências que teve com figuras de ligação nos primeiros anos de sua vida”.

Diante dessa discussão o autor levanta que a formação do vínculo conjugal é caracterizada pelo “apaixonar-se”, a manutenção, “amar alguém” e a perda de um parceiro como “sofrer por alguém”. Esses aspectos foram evidenciados pelos meus interlocutores durante as entrevistas e são devidamente analisados nas linhas abaixo.

Quando se percebe que um indivíduo “interessa”, assinala uma possibilidade para a relação. Neste contexto, nota-se a construção de modos particulares de se olhar, tocar, movimentar o corpo, falar com a pessoa “eleita”. Isso é percebido no discurso abaixo destacado:

“Como já disse, gosto muito de ficar olhando, olho para o rosto, os braços e desço até a bunda e o volume da frente. Acho interessante, então fixo o olhar até que ele faça um movimento que aceita meu olhar e nos aproximamos. Mas tenho colegas que são mais diretos, olham uma vez e já toca no cara ou solta uma cantada, se eles gostarem meus colegas avançam em cima [risos]...” (Carlos – 29)

A aproximação é um momento importante para Carlos (29). Segundo ele é nesse período que são analisadas todas as estratégias de sedução (olhares, toques, movimentos, etc.) percebidos anteriormente durante a paquera. É também o momento de “*entender o que um quer do outro*”. Ao ser questionado acerca de como se dava a aproximação afetivo-sexual dele com outros homens, o referido interlocutor disse:

“Eu sempre espero ele se aproximar, pois já indico com isso que sou passivo, pois acho que o passivo é que deve ser cortejado... e quero que ele, ativo, tome a iniciativa. Depois que ele chega gosto de sentir ele bem próximo, então eu reajo fazendo algumas carícias no ombro e no braço... não agüento e ‘taco’ um beijo demorado e espero a reação. Mas isso se for num espaço reservado. Se for num lugar público, prefiro ficar apenas nas palavras, mas aí sai àquelas palavras picantes e gostosas... Se ele curtir a gente estreita nossas relações, se não, ele vai embora me deixando disponível”. (Carlos – 29)

⁶² Cf. também Rios (2004a).

Nota-se nesta fala como o momento do primeiro contato com o outro é importante para definir o tipo de prática sexual que poderá ser estabelecida (ativo e/ou passivo) ao longo da relação:

A linguagem do corpo na vida contemporânea brasileira desempenha assim um papel crucial na construção do gênero como um fato social, mais que estritamente como um fato biológico. É através da linguagem que o corpo não apenas é categorizado, mas descrito e interpretado – investido de múltiplos sentidos e analisado em termos de valores diferenciais (PARKER, 1991, p. 72).

Contudo, após a aproximação se inicia um balizamento de questões comuns de interesses pessoal, que se assemelham significativamente às ligações heterossexuais. São elas: nome, local onde reside, o que gosta de fazer durante a semana, em que trabalha, entre outros. Segundo Alberoni (1999), esse “estado nascente” está atrelado aos arranjos sócio culturais da sociedade ocidental na constituição de relações reprodutoras da estrutura social, baseadas no casamento monogâmico e na conjugalidade, que busca unir em duas pessoas características normativas como casamento, reprodução e sexualidade:

Duas pessoas, num dado momento de sua vida, iniciam uma mudança, tornam-se disponíveis para se separarem dos objetos de amor anteriores, das ligações anteriores, para dar origem a uma nova comunidade. Entram então em estado nascente, num estado fluido e criativo, no qual se reconhecem reciprocamente e tendem para fusão. De tal modo eles formam um nós, uma coletividade de altíssima solidariedade e altíssimo erotismo (ALBERONI, 2003, p. 277).

No que diz respeito aos locais de enamoramento homossexual, observa-se que os espaços públicos são, em sua maioria, locais de encontro heterossexual, já que existe a idéia compartilhada coletivamente de aceitação e/ou valorização da possibilidade de encontro entre parceiros de sexo oposto. Porém, um aspecto desses espaços se destaca como comuns aos dois tipos de arranjo conjugais: o anonimato desses locais no período da noite. Como coloca alguns

autores⁶³, os encontros de parceiros hetero e homossexuais nesses espaços clandestinos se dão preferencialmente à noite, por representar o momento do dia em que há uma “permissividade” no extravasamento das emoções.

Nas observações de campo, percebi que os espaços públicos destinados ao enamoramento homossexual são sistematicamente restritos, negados. O centro da cidade do Recife reserva “zonas” possíveis de interação onde os homossexuais, em hora e dia marcado, se reúnem com vários objetivos. Esses locais são rotulados de “espaços urbanos segregados”⁶⁴, onde as interações amorosas podem ser “toleradas”. Os homossexuais entrevistados levantaram esse elemento como fundamental para entender a rapidez com que os seus enamoramentos se dão nesses locais. Deixam claro que esse é um momento significativo na busca por um parceiro, já que outros momentos vão sendo delineados ao longo dos contatos entre os sujeitos no trajeto da relação estável entre pessoas do mesmo sexo. No entanto, os interlocutores afirmaram ter conhecido seus companheiros longe dos espaços reconhecidos como ideais para esse tipo de ligação. Os locais de paqueras mais recorrentes em minhas entrevistas foram: no trabalho, no templo religioso, na praia⁶⁵ e no carnaval. É importante destacar aqui que novos espaços são eleitos pelos homossexuais na tentativa de driblar o olhar social da suas práticas e arranjos. Segundo Parker (2002, p. 100-101),

Pode-se interpretar esse processo social/sexual de várias maneiras. Ele pode ser interpretado como uma reprodução da opressão e da dominação da vida sexual tradicional (...). Mas esse universo também é passível de

⁶³ Ver em Perlongher (1987), Fry e Macrae (1991), Katz (1996), Matos (2000) e Parker (2002) as discussões sobre a vida noturna das pessoas que procuram neste período do dia prazeres longe do olhar repressor da sociedade.

⁶⁴ Utilizo esta expressão emprestada de Matos (2000), pois designa com mais propriedade esses espaços destinados pela sociedade às interações homossexuais.

⁶⁵ É importante destacar aqui que novos espaços são eleitos pelos homossexuais na tentativa de driblar o olhar social das suas práticas e arranjos. Ver Parker (2002).

uma segunda interpretação – a constante “homossexualização” do espaço hetero por meio de inumeráveis atos de transgressão.

Diante disso, percebe-se nas minhas investigações e na literatura utilizada neste trabalho uma busca por parceiros em locais considerados públicos. Como já destaquei, esses são espaços socialmente destinados em parte à paquera entre heterossexuais, porém esses locais tomam forma nas relações dos meus entrevistados, talvez por um anonimato necessário num primeiro momento para que a relação possa ganhar o estatuto de duradoura e, com isso, tomar a visibilidade necessária ao seu reconhecimento por parte dos grupos de socialização (trabalho, faculdade, escola, vizinhança, etc.).

Ao serem questionados acerca da primeira conversa que tiveram com seus companheiros para iniciar a relação, três dos homossexuais entrevistados por mim disseram que começaram o diálogo utilizando as estratégias observadas nas falas abaixo:

“Conheci ele na Escola. Nós fomos lotados para trabalhar na mesma escola (...) começamos a conversar um pouco sobre os curso que fizemos, onde morávamos, o que fazíamos quando terminava o turno de trabalho e outros assuntos, mas sempre nos olhando muito... depois de alguns meses ele começou a falar muito sobre ele me deixando a vontade pra falar sobre mim, entendeu? Ai... né, conversamos sobre nossas últimas desilusões com os namorados, né?...” (Carlos – 29)

“Ah! Foi no carnaval, nas ruas de Olinda. Foi exatamente assim: Ah! É... achando, dizendo que conhecia, que já tinha visto ele , descrevi a fantasia [de carnaval] dele, que ele tava, né? e a gente começou andar por Olinda., e... aí agente sempre conversando coisas assim do querer saber, dos gostos, do lazer, né? da vida, querer saber da vida um d’outro, né? e de particularidades e ele observando”. (Roberto – 31)

“Eu sou umbandista, sou membro de uma casa, ele começou a freqüentar e mesmo sendo um espaço tido por sagrado... rolou alguns olhares (...) Bom... Há quem afirme diferente, mas o olhar pra mim é revelador... não é? Então, troca de pequenas gentilezas, uma atenção especial vai se somando, vai fazendo o jogo de sedução, até que teve um dia que ofertei uma carona, ele aceitou... Percebi que ele estava muito... tava carente de alguém pra ouvir. Fiquei próximo a casa dele e ouvi um pouquinho da história de vida dele (...). Iniciamos uma conversa sobre os problemas dele na porta da casa dele. Eu escutei muito ele. Depois preferi não falar muito sobre mim, pois acho que ele estava precisando falar. No outro encontro esticamos um pouco pra minha casa e lá conversamos sobre tudo até chegar nas nossas vidas pessoais com outras pessoas... ai... não teve

jeito... nos beijamos pela primeira vez e daí transamos e ficamos o dia todo do sábado juntos, depois transamos novamente e de noite fui levar ele em casa... Foi muito bom! ”. (Paulo – 38)

Nota-se aqui, que os meus interlocutores iniciam seu enamoramento com conversas informais, que enfatizavam aspectos mais gerais da vida social como, lazer, formação, onde residem, onde trabalham etc. Após um conhecimento prévio de seus parceiros, os homossexuais entrevistados disseram tratar em suas conversas das questões de fórum íntimo de ambos envolvidos na paixão. Cada um traz para o diálogo inicial aspectos da suas interações anteriores a esse primeiro contato com outro homem. É uma “releitura do passado das outras relações”, cujo objetivo é a integração e/ou inserção do outro na própria história de vida. Questões como “*desilusões*”, sonhos, gostos pessoais e desejos são levantados na tentativa de conhecer, mesmo que superficialmente aquele por quem se está enamorando.

Esses dois momentos, na constituição da ligação dos homossexuais masculinos pesquisados, são importantes na manutenção da díade⁶⁶ já que os interlocutores afirmam que depois desses contatos foram surgindo aspectos de sociabilidade como companheirismo, respeito e honestidade. Esses valores sociais são destacados por vários autores⁶⁷ como necessários para a constituição e manutenção dos casais homossexuais, ou seja, a relação se inicia com a criação de um território complexo onde são divididas experiências que fortificam o vínculo de confiança, sobretudo, como já foi destacado, através da troca de conhecimentos cognitivo-afetivos de um sobre o outro. Neste momento, há um pequeno “desnudamento” diante do outro. Pequeno, pois ao longo da relação vão surgindo

⁶⁶ Heilborn (2004) diz que a história de um casal inicia no momento inaugural da “paixão”, fazendo-os percorrer um caminho que vai da simbiose (apego total) à necessidade de discriminação. Depois desse momento chega-se a um momento mais tranquilo (calmo), porém constituído ainda por duas individualidades em uma unidade, o casal.

⁶⁷ É importante destacar acerca dos valores incorporados pelas díades homossexuais, os estudos significativos de Heilborn (2004), Mello (2005), Matos (2000) e Pollak (1987).

vários aspectos da vida psicológica de ambos que só tomam forma a partir da convivência dia-a-dia.

Diante das análises empreendidas anteriormente, outro aspecto foi destacado pelos meus interlocutores, que considero relevante: traçar um roteiro na busca do companheiro ideal para uma relação conjugal. Nas minhas entrevistas, os homossexuais destacaram como características importantes para pensar em namoro e/ou casamento o companheirismo, proteção, monogamia e desfazer do companheiro anterior. Pode-se observar que esses são elementos, já produzidos e reproduzidos nos contatos afetivo-sexuais, demonstram uma busca idealizada pelo parceiro (*príncipe encantado*)⁶⁸. Esses elementos estão ligados às dinâmicas sociais fundados nas idéias de transformações das estruturas consolidadas pela sociedade ocidental. Por outro lado, percebo, nas entrevistas, comportamentos bastante subjetivos no que se refere aos aspectos eleitos pelos homossexuais para pensar em casamento com o atual parceiro. Foram destacados pelos mesmos nesses discursos o “sair da casa dos pais”, a “necessidade de apoio nas atividades profissionais”, o “estar livre e independente”, entre outras. Esses aspectos demonstram uma associação do casar-se com a idéia de liberdade/independência, que difere da concepção de casamento como prisão, caracterizado pelos homossexuais como comum aos casais heterossexuais. Isso demonstra um desejo pessoal/particular de romper com modelos de vida ligados à família de origem e um desejo de ajudar o companheiro e ser ajudado pelo mesmo na constituição de melhores condições de vida, e pode ser observado nos dois exemplos a seguir:

⁶⁸ Esse assunto já foi discutido anteriormente quando tratei da trajetória de vida dos entrevistados no item correspondente às relações que os mesmos estabeleceram com outros homens durante sua adolescência. É interessante, ver Rios (2004b).

“Foi uma coisa bem simples: companheirismo, proteção. Nós viemos de relações frustradas... entende? Então a gente precisava de alguém que desse atenção, carinho e apoio; tendo isso nós casaríamos, então eu queria... ele também queria, então ficamos juntos pra ver se era isso mesmo”. (Carlos – 29)

“... Eu acho que não teve uma decisão, né? foi isso. A gente... precisei dele no sentido de que.. precisaria ter um apoio aqui em Recife pra então... Foi a partir daí, foi uma coisa que foi... foi natural, não houve esse, essa não a partir de tal dia você vai morar comigo, não. Foi uma coisa que foi sendo construída, né. Foi fluindo normalmente, arranjei emprego, então, não podia morar em Aldeia⁶⁹, tinha que morar em Recife, né? Então, agente tinha 8 meses (de fevereiro a outubro) de relacionamento, então já tinha uma base, então foi... foi... não teve uma decisão, foi natural por assim dizer, naturalmente ocorrendo”. (Roberto – 31)

Continuando minhas reflexões acerca dos roteiros elaborados pelos homossexuais da Região Metropolitana do Recife para construir suas relações de conjugalidade com outro homossexual, procurei observar e analisar os motivos que os levaram a tomar a decisão de morarem juntos. Dentre esses o mais recorrente, nas falas dos meus entrevistados, foi a necessidade de estarem juntos sempre, sem encontros esporádicos e em locais estratégicos. Essa característica das relações homossexuais é evidenciada quando se observa os entraves sociais impostos a todos os sujeitos que violam os dispositivos normativos (FOUCAULT, 2006), fazendo esses indivíduos adotarem uma postura de reclusão e/ou clandestinidade nas suas relações. Isso leva os homossexuais a adotarem estratégias financeiras para construir um espaço próprio para o casal. Porém, outras características foram destacadas no processo decisório, que possibilitou a coabitação dos casais por mim investigados. Dentre eles identifiquei a vontade de sair da casa dos pais, evitarem passar apenas o final de semana com o companheiro e, principalmente, vontade de construir o próprio espaço. Esse último retoma as reflexões acerca da necessidade de uma durabilidade na relação conjugal, que será melhor discutida posteriormente.

⁶⁹ Região localizada no município de Camaragibe.

Quando questionados acerca dos fatores que contribuíram para estarem juntos dos seus respectivos companheiros eles destacaram: o companheirismo, o amor, o desejo, a compreensão, o carinho, o gostar, a honestidade e a cumplicidade. O companheirismo e a honestidade foram valores já citados pelos interlocutores quando falaram do primeiro momento do enamoramento, mas como se pode observar, eles continuam presentes na relação, funcionando como o “cimento” social e material que possibilita a duração das suas ligações. Pollak (1987) diz que as relações homossexuais resistem mal ao tempo de duração. Segundo o autor, essas relações duram em média dois anos e passam por diversos problemas como dramas, angústias e infidelidades. Porém, ele identifica como foco principal dessa problemática as regras impostas pela sociedade e sobre isso ele continua:

Superimposta pela norma heterossexual, e sem dispor de um modelo de vida social próprio, o casal continua sendo o ideal sentimental, apesar de fracassos sucessivos e quase inevitáveis. Como reconciliar a pulsões sexuais estimuladas por um mercado facilmente acessível, e quase inesgotável, com o ideal sentimental de um relacionamento estável? (POLLAK, 1987, p. 65-66).

Nota-se aqui, que os valores de sociabilidade são destacados pelos interlocutores, pois, segundo eles, são esses que permitem uma aproximação e uma durabilidade maior nas interações amorosas.

Muitos autores destacam que o enamoramento homossexual é constituído por elementos de resistência social diante de um enamoramento heterossexual em movimento, onde, para esses últimos, a sociedade prevê diversos rituais de iniciação e passagem, por exemplo, o noivado. Todavia, esse processo nas relações heterossexuais de hoje não é tão rígido como fora durante o século XIX e XX. Essa dinâmica não poderia ser diferente entre os homossexuais. Para uma compreensão mais detalhada de como se dá esse processo, é interessante visitar as

discussões de Alberoni (1999). O referido autor destaca que *“o motivo que torna o enamoramento homossexual mais difícil, mais espasmódico e, em muitos casos, mais fragmentado pelo ciúme é o fato de não poder converter-se, através de um filho, no amor estável do casal”* (ALBERONI, 1999, p. 69). Não estou totalmente de acordo com essas colocações de Alberoni (1999), pois ao me deparar com as observações do diário de campo, notei que a figura do filho é, em muitos casos, tida como não necessária para a constituição e manutenção do casal (UZIEL, 2002 e MATOS, 2000). Isso é justificado, diante dos objetivos e dos roteiros de enamoramento construídos pelos casais investigados, onde não se percebe essa importância exacerbada na idéia de reprodução (CORRÊA, 2003; UZIEL, 2002 e HIELBORN, 2004).

Mesmo diante das representações negativas formuladas ao longo da história acerca das relações entre pessoas do mesmo sexo, os casais homossexuais pesquisados têm buscado construir formas de interação voltadas para uma maior inserção dessa díade no contexto social mais amplo.

Essas características são observadas nos casais pesquisados e possibilitam uma gerência diferenciada em alguns aspectos e iguais em outros se comparado aos casais heterossexuais, a partir da forma como concebem e vivenciam os papéis na relação. Mas, essa discussão será empreendida no próximo capítulo. Os percursos tomados pelos interlocutores no envolvimento com uma pessoa do mesmo sexo possibilitam compreender outro aspecto na trajetória de vida dos homossexuais masculinos do Grande Recife: o que foi caracterizado pelos mesmos como importante na “seleção” do parceiro atual, mas esse tema será discutido na seção seguinte.

3.3 – Escolha do Companheiro Atual

Até agora foram analisados aspectos nas trajetórias de vida, que os homossexuais masculinos tomaram para roteirização de suas relações de namoro e conjugalidade com outros homens durante toda a adolescência e, também, na fase adulta. Neste item, busca-se levantar algumas notas acerca das características e dos roteiros utilizados pelos entrevistados para escolherem seus atuais companheiros. Isso possibilitará empreender uma reflexão acerca, não só dos fatores sociais e culturais de escolha dos parceiros, como também serão destacadas as diversas opiniões dos investigados sobre os caminhos percorridos nesta investida.

Este é um procedimento arriscado, pois ao tratar de um tema tão subjetivo como esse que estou propondo, corro o risco de trazer uma reflexão voltada para uma visão psicológica desse processo decisório. Mas, ao me deparar com essas questões, tentei trazer para a discussão os diversos autores⁷⁰ que tratam dessa temática.

Embora alguns estudos (HEILBORN, 2004 e FÉRES-CARNEIRO⁷¹, 1997) mostrem a existência de diferenças nas vivências de conjugalidade entre homossexuais e heterossexuais, não encontrei na pouca literatura sobre escolha de parceiros, abordagens que tornam essa visão empírica numa teoria generalizante. Diante disso, as considerações aqui expostas são apenas uma dentre as mais variadas conclusões a que um pesquisador pode chegar, quando toma como foco de investigação a opção que um indivíduo faz por outro.

⁷⁰ Podem-se destacar aqui os estudos de Salem (1989), Fry e Macrae (1991) e Heilborn (2004).

⁷¹ É importante destacar aqui que o texto de Feres-Carneiro (1997) é utilizado por conter alguns pontos de análise próximos daquilo que encontrei entre os discursos dos entrevistados acerca da escolha do parceiro, porém esse texto possui uma carga biologizante (naturalizante) desse processo. Ele busca através de uma análise qualitativa destacar os aspectos que levam os sujeitos a escolherem seus parceiros, quando a preocupação deveria ser com os aspectos qualitativo/subjetivos dessa escolha.

Como já foi discutido acima, boa parte dos meus entrevistados iniciam seu enamoramento com trocas de conhecimentos cognitivo-afetivos de um sobre o outro. Depois disso, vários aspectos são levados em consideração na hora de escolher com quem “ficar”. Porém, faz-se necessário evidenciar aqui, para fins didáticos, dois fatores que foram percebidos durante minha investigação com as díades homossexuais da Região Metropolitana do Recife. São eles: a atração física e os valores morais e éticos, que foram trazidos nos discursos durante a entrevista. Estes últimos, já foram analisados quando levantei uma reflexão acerca dos determinantes para pensar em casamento com seus respectivos companheiros. Destacaram, portanto, o companheirismo, o carinho, a proteção, a honestidade entre outros como importantes para construir uma relação de “casamento” com seus atuais parceiros.

Observei no discurso de todos os homens homossexuais entrevistados, que o atributo “atração física” foi bastante valorizado, demonstrando assim a importância de aspectos visuais na escolha de parceiros. A fala seguinte é exemplo para esse fato:

“Não sei... são tantas coisas [que chamaram minha atenção], mas acho que o que mais chamou minha atenção foi o corpo: alto, branco, forte; isso me deixou bastante interessado por ele, entende? (Carlos – 29)

Porém, um entrevistado além de destacar as características físicas do seu atual companheiro como importantes na aproximação dos mesmos, ele deixa nítido em sua fala um aspecto que enfraquece o discurso dos atributos físicos como necessários para escolher o atual companheiro: a diferença de idade entre eles. Isso retoma a discussão já empreendida anteriormente acerca dos roteiros geracionais entre homossexuais e que são evidenciadas pelos estudos de Rios (2004b). Veja-se o que diz o referido interlocutor:

“Gente! Eu acho que foi a compleição física, né? (...) então eu acho que foi a compleição física dele, sendo ele grisalho, essas coisas, por ser de mais idade. (...) eu tinha 21 anos quando começamos e ele tinha 38. Foi bom assim. A diferença de idade entre a gente é de 15 anos, 17 anos, então... eu acho que foi isso, acho não, tenho certeza”. (Roberto – 31)

Isso vem ratificar alguns trabalhos sobre a homossexualidade masculina, que ressaltam a prática sexual como um elemento que ocupa um lugar muito mais preponderante nos pares de homossexuais masculinos que as relações afetivo-emocionais. Esses valorizam intensamente a dimensão erótica da relação conjugal⁷². Constatou-se ainda que, esses fatores são bastante evidenciados pelos homossexuais pesquisados no processo de roteirização da escolha do parceiro. Porém, aqui cabe um questionamento: será que na heterossexualidade esse processo é diferenciado? Talvez essa reflexão em torno dos homossexuais se dê por causa das representações construídas ao longo da história na sociedade brasileira. Numa determinada época os homossexuais foram considerados grupo de risco (BARBOSA, 1991 e RIOS, 2003) e/ou promíscuos (PERLONGHER, 1987; HOCQUENGHEM, 1980; GREEN, 2000 e FRY E MACRAE, 1991). Então, ao serem identificados atributos físicos e eróticos no indivíduo, os homossexuais entrevistados afirmaram ter constituído o passo necessário para estabelecerem ligações de confiabilidade e respeito:

“Isso me fez perceber que ele tinha coisas bonitas dentro dele. Depois disso, ele foi muito compreensivo comigo, muito carinhoso, isso me deixou ainda mais apaixonado por ele. Até que não deu mais pra agüentar só amizade e... resolvemos namorar”. (Roberto – 31)

Diante das minhas análises não poderia deixar de levantar a seguinte questão: que relações são estabelecidas entre os valores sociais destacados pelos meus interlocutores e os atributos físicos que eles destacaram durante o enamoramento com seus respectivos companheiros e que lhe serviram como

⁷² É interessante visitar o texto de Fry e MacRae (1991) e Parker (1991).

critérios de escolha dos mesmos? Essa pergunta ganha força, partindo da idéia de que, ao ser questionado, o grupo investigado, respondeu de modo diferente a dois aspectos da roteirização da vida a dois: 1) a escolha do companheiro; e 2) os critérios exigidos para pensar em casamento com seus parceiros. No primeiro item, foi enfatizado, como já disse anteriormente, elementos eróticos oriundo dos atributos físicos, enquanto no segundo, percebi a presença de fatores mais ligados aos aspectos valorativos, exigidos pela sociedade como processo de interação⁷³. Então, para responder tal questionamento foi necessário aprofundar mais nossas análises, buscando nos dados oferecidos pelos interlocutores, as dicas necessárias para chegar às conclusões.

É perceptível que os homossexuais constroem um ideal de parceria que se reflete nos roteiros de escolha dos companheiros. Esses roteiros são alimentados por um erotismo revestido de relações de poder, que são veiculados pela sociedade na qual estamos inseridos. Observo que isso levou os meus entrevistados associarem em suas trajetórias conjugais as fronteiras dos valores socialmente reconhecidos como pertencentes aos vínculos entre os sujeitos e os atributos físicos, que não deixam de ser uma construção socialmente compartilhada. Acerca do advento das novas tecnologias, onde as fronteiras entre os animais e os seres humanos, entre o orgânico e o inorgânico, entre cultura e natureza entram em choque, é interessante ver o texto de Haraway (1994). Essa autora utiliza a metáfora do *ciborgue* como uma imagem condensada das transformações sociais e políticas do Ocidente na virada do século. Essas transformações dizem respeito, principalmente, aos desafios trazidos pelo binômio: ciência e tecnologia, tanto no que diz respeito à nossa percepção do mundo e de nós mesmos, quanto para as

⁷³ Ver Foucault (2006).

nossas relações sociais. *“A idéia do ciborgue pode ser, no fim, a forma que Haraway tem de nos mostrar como deixar que os caras sejam caras, em vez de marcá-los por meio de divisões arbitrárias e cruéis”* (Cf. KUNZRU, 2000, p. 35).

Portanto, selecionar um indivíduo dentre tantos para constituírem uma relação estável é um momento interessante para entender como a sociedade atua sobre nós, moldando nossas escolhas e incitando outras, na busca da “felicidade” a dois. Porém, não são apenas esses fatores que dão consistência aos casais de homossexuais masculinos. Na busca idealizada por uma relação duradoura, estável e fiel, outros aspectos da vida são levantados em consideração na formação de uma identidade social da díade⁷⁴ e que serão instrumentos de nossas análises no capítulo seguinte.

⁷⁴ Sobre a identidade social do casal é importante visitar o texto de Heilborn (2004).

CAPÍTULO IV

CASAMENTO HOMOSSEXUAL: ARRANJOS E PRÁTICAS COTIDIANAS

“O casamento como uma longa conversa. – Ao iniciar um casamento, o homem deve se colocar a seguinte pergunta: você acredita que gostará de conversar com esta mulher até na velhice? Tudo o mais no casamento é transitório, mas a maior parte de tempo é dedicada à conversa”.

Nietzsche (2000 apud PAIVA, 2007, p. 130)

Como visto no capítulo anterior, referente ao grupo estudado, o enamoramento homossexual segue roteiros constituídos de subjetividades e práticas sociais importantes na formação integral do sujeito, porém esses roteiros carregam consigo elementos que proporcionam uma maior duração nas relações entre pessoas do mesmo sexo⁷⁵.

Dando continuidade a essa discussão e ampliando outras, passo a analisar neste capítulo, teórica e empiricamente, como está equacionada a família no contexto social, trazendo para o debate os arranjos familiares entre homossexuais. Essas discussões serão levantadas através da análise dos diferentes aspectos vivenciados pelos casais homossexuais no cotidiano a dois.

Inicialmente, faz-se necessário definir o que vem a ser o termo família. Ao tentar definir família, segundo Bourdieu (1983), centra-se em algo que é comparado a uma descrição, mas que, na verdade, elabora a realidade social. Para Durham (1982, p. 32), *“famílias são grupos sociais, estruturados através de relações de afinidade, descendência e consangüinidade que se constituem como unidades de reprodução humana”*; e ganha forma de instituição.

Diante disso, nota-se que a palavra família possui duas características principais. A primeira diz respeito à família como grupo social concreto, que recebe legitimidade dos seus membros e da sociedade. Já a segunda, refere-se às regras, padrões e modelos culturais. Os grupos sociais concretos se utilizam dessas visões de mundo para organizar a vida coletiva. Portanto, *“a análise da família se move*

⁷⁵ É importante retomar os textos de Heilborn (2004) e Mello (2005) na tentativa de compreender melhor esses elementos.

necessariamente no plano das construções ideológicas e de seu papel na organização da vida social” (DURHAM, 1982, p. 32).

A família foi considerada durante muito tempo um grupo doméstico patriarcal, exclusivamente fundado no matrimônio e vivendo no âmbito do ordenamento estatal com objetivo único: reproduzir e educar os filhos. Therborn (2006) diz que patriarcado dominou todo o cenário social ao longo século XX. Para esse autor o modelo patriarcal se refere às relações familiares construídas sobre a base das interações geracionais (idade)⁷⁶ e de gênero (masculino e feminino). Porém, na primeira década do século XXI, observa-se que a humanidade vive momento de transformações no campo científico, tecnológico e de costumes; fazendo surgir a família moderna (GIDDENS, 1993). Esta é fundada na afetividade, no amor e na satisfação individual de cada um de seus membros, que tem mais valor do que a satisfação da comunidade familiar. Diante desse contexto, a perspectiva de configurações familiares constituídas por pessoas do mesmo sexo é peculiar. Isso se deve ao fato da família não ter apenas o fim precípua de procriar, embora as pessoas atualmente se unam para formar uma comunidade afetiva em busca do bem comum.

As abordagens que tratam de novas famílias formadas por homossexuais têm influenciado o processo geral de transformação das representações formuladas pela sociedade relacionadas à sexualidade, ao amor e ao casamento. Isso não vem só colaborar para uma maior aceitação da conjugalidade homossexual, mas também possibilita a construção de uma sociedade diversificada no que tange à expressão do amor e do desejo sexual.

⁷⁶ Ver as discussões que Rios (2004a) sobre a relação entre homossexualidade e idade.

Os estudos feministas tiveram um papel importante na desconstrução da idéia divinizada de harmonia e amor familiar. Como destaca Rubin (1993, p. 21), *“uma revolução feminista profunda libertaria mais do que as mulheres; ela possibilitaria formas de expressão sexual e libertaria a personalidade humana da ‘camisa de força’ do gênero”*, entretanto, o fim do gênero não pode ser constatado ainda, mas houve uma reconfiguração. Por isso, nos últimos anos, as divisões de trabalho por gênero e por idade têm contribuído para a alteração nas relações de poder dentro da família, permitindo novos arranjos, onde os níveis hierárquicos são dosados por tendências igualitárias na formação dos grupos domésticos (RUBIN, 1993; ARIÈS, 1987; SALEM, 1989; MELLO, 2005 e FOUCAULT, 2006). É notório, porém, que casais de homossexuais masculinos estruturam suas relações afetivo-sexuais baseados em diferentes arranjos do sistema de gênero⁷⁷, permitindo assim a formação de um conjunto de aspectos na vida cotidiana, que ganham força nas representações construídas em torno dos papéis de gênero, são eles: a divisão das tarefas domésticas, a gestão dos recursos financeiros, o exercício da parentalidade, a duração do vínculo conjugal, os acordos em torno da fidelidade e da lealdade entre outros. Segundo Heilborn (2004), os casais de homossexuais masculinos tendem a constituírem parcerias ligadas ao modelo heterossexual, em face da dicotomia atividade-passividade. Porém, segundo a autora, esses sujeitos buscam nas relações lésbicas aspectos mais domésticos na constituição das relações como a administração do lar:

O casal funciona por meio de uma delegação mútua de autoridade e ainda que seus integrantes não coabitem, ele se sustenta fundamentalmente

⁷⁷ Os estudos feministas tiveram um papel importante na desconstrução da idéia divinizada de harmonia e amor familiar. Como destaca Rubin (1993, p. 21), *“uma revolução feminista profunda libertaria mais do que as mulheres; ela possibilitaria formas de expressão sexual e libertaria a personalidade humana da ‘camisa de força’ do gênero”*. Por isso, nos últimos anos, as divisões de trabalho por gênero e por idade têm contribuído para a alteração nas relações de poder dentro da família, permitindo novos arranjos, onde os níveis hierárquicos são dosados por tendências igualitárias na formação dos grupos domésticos (RUBIN, 1993; ARIÈS, 1987; SALEM, 1989; MELLO, 2005 e FOUCAULT, 2006).

valendo-se de um arranjo cotidiano. (...) existe uma prescrição comum de condutas que dão suporte à unidade conjugal. Nesse sentido, são necessários certa cota de atividades compartilhadas e tempo despendido em comum para dar ao casal a sensação de existir (HEILBORN, 2004, p. 141).

Nota-se na análise da autora, que a díade homossexual traz na conjunção do “casamento”⁷⁸ e/ou vínculo conjugal, engrenagens sociológicas importante para entender como esses se articulam no processo de construção da identidade social do casal, ou seja, como se dá o reconhecimento de que dois forma um. Além disso, esses aspectos possibilitam compreender um pouco da dinâmica das representações que são construídas em torno desse novo arranjo familiar.

No presente capítulo, busco entender a importância de aspectos cotidianos que envolvem as relações afetivo-sexuais dos homossexuais masculinos entrevistados. Para tanto, debruço-me sobre a escolha da residência como espaço de formação da identidade social do casal; a administração da vida a dois; os arranjos e práticas afetivas do casal; os discursos acerca da relação e, por fim, as opiniões sobre fidelidade e lealdade. A análise das falas referentes a estas práticas dá força no entendimento das representações que os homossexuais fazem acerca da família e da conjugalidade.

4.1 – Onde vamos morar? Localização estratégica da residência do casal

O título desse item propõe uma reflexão acerca da casa como local onde os roteiros cotidianos do casal são construídos e reconstruídos proporcionando à díade a formação de uma identidade conjugal (HEILBORN, 2004).

⁷⁸ O termo está aqui empregado entre aspas para indicar um conceito de casamento, que está longe do sentido dado pelas instituições jurídicas e religiosas. A definição mais aproximada empregada neste trabalho é aquela referente à idéia de que as parcerias são formuladas tendo por base o amor, a sexualidade e, principalmente, a duração do vínculo afetivo-sexual.

As observações de campo permitiram detectar que a residência dos homossexuais masculinos foi escolhida obedecendo, principalmente, a critérios físicos e/ou geográficos. Ao olhar de perto os discursos dos homossexuais entrevistados, percebi que a satisfação na escolha da residência do casal passa, significativamente, pela situação geográfica, ou seja, a proximidade do local de trabalho, da faculdade, da rede de transportes, dos espaços de lazer oferecidos pelo bairro e/ou perto da residência dos familiares. Esses foram os principais aspectos exigidos pelos casais homossexuais na procura e na escolha da atual habitação. Pode-se observar isso na fala de um dos interlocutores:

“E agora, onde vamos morar?...O espaço de lazer era mais próximo, era mais arborizável, então a gente começou a perceber essas facilidades que o bairro oferecia, que era o Carrefour, o Hiper juntos... né? transporte... é até mais próximo do trabalho dele, então começou e aí se viu que tinha um edifício em construção e a gente comprou esse apartamento que estamos até hoje, há cinco anos. A sensação de pertencimento agora é os (...)”⁷⁹, é... porque a gente não pertencia aos outros bairros que moramos, porque agente não saía de dentro de casa. Nos ([ver nota 5]) a gente vai na locadora, no mercado a pé(...) Quando a gente sair dos ([ver nota 5]) a gente vai sair pra Aldeia⁸⁰, a intenção é essa, pra ter uma... em busca de uma qualidade de vida melhor”. (Roberto – 31)

Mas, ao longo dessa investigação e das conversas com os homossexuais masculinos, outra dimensão na escolha habitacional se tornou evidente. Notei que a “casa”, a “residência” não representa para os interlocutores apenas um edifício de tijolos e cimento. É também um sistema simbólico, onde os sujeitos, vivendo uma dada realidade, mergulham numa comunidade íntima (Cf. KAUFMANN, 1989). Sobre isso DaMatta (1997, pp. 24 e 25) diz que:

De fato, na casa ou em casa, somos membros de uma família e de um grupo fechado com fronteiras e limites bem definidos. Seu núcleo é constituído de pessoas que possuem a mesma substância – a mesma carne, o mesmo sangue e, conseqüentemente, as mesmas tendências. Tal substância física se projeta em propriedades e muitas outras coisas comuns. (...) Não se trata de um lugar físico, mas de um lugar moral: esfera onde nos realizamos basicamente como seres humanos que têm um corpo físico, e também uma dimensão moral e social.

⁷⁹ O termo suprimido se refere a um bairro do Recife de classe média. Localiza-se na Zona Norte da cidade.

⁸⁰ Aldeia é um bairro da cidade de Camaragibe, localizada na Região Metropolitana do Recife.

Podem-se verificar esses aspectos nos exemplos abaixo:

“A nossa casa é o nosso espacinho, é o lugar onde podemos nos beijar, nos abraçar, transar e muito mais. Gosto de chegar em casa e sentir que posso ficar a vontade, sabe? É muito bom... essa sensação só tem quem vive isso...”. (Carlos – 29)

“A casa é o santuário do casal e isso não permite que as pessoas entre na nossa residência de qualquer jeito, pois temos muitas coisas do ‘santo’ que precisam ser respeitadas... tem muitas coisas minhas que eu não gosto que todo mundo olhe... não gosto de muitas gentes dentro da minha casa, porque gosto de ficar agarradinho com meu ‘caso’ no sofá, entende, pra gente assistir televisão ou escutar um pouco de som... a nossa casa é nosso canto que a gente faz o que quer...”. (Gilvan – 37)

Observa-se nesses discursos, que as escolhas do espaço habitacional foram também determinadas, pelos casais homossexuais, por questões de imperativo social, de representação de certo estatuto sócio-cultural: *A gente começou a gostar do lugar que era mais sociável, as pessoas eram mais sociáveis.* Isto é, os entrevistados ou já possuíam a atual residência quando conheceram seus parceiros, ou encontraram um espaço habitacional onde os vizinhos e amigos sabiam da constituição conjugal dos mesmos. Veja-se a fala de um interlocutor que exemplifica essa reflexão:

“Quando a gente veio morar neste apartamento os vizinhos sabiam da gente, porque... é difícil acreditar que dois homens que moram juntos e saem pra trabalhar ou pra passear junto são apenas amigos, mas... não só por isso, é o nossos olhares e nosso comportamento... dá pra perceber... (...) já os nossos amigos e familiares já sabiam e deram um grande apoio...”. (Carlos – 29)

DaMatta (1997) confirma essa análise ao afirmar que a casa como espaço moral e diferenciado se expressa numa rede complexa de símbolos sociais que tomam forma na sociedade brasileira a partir de espaço definitivamente amoroso e harmonioso.

Após analisar as duas principais características na escolha da residência de um casal homossexual, observei durante as visitas as habitações dos casais, que as normas de disposição e organização dos móveis nos cômodos

implicam frequentemente um cálculo combinatório entre o par. Esse arranjo do espaço interior requer segundo alguns autores⁸¹, uma manipulação mental e abstrata por parte da díade que administram o universo doméstico, que se baseia num sistema de valores e gostos pessoais importante na construção da identidade individual e do casal. A invenção do cotidiano a dois passa também por classificações, onde há uma definição dos lugares das coisas, isto é, dos locais considerados adequados para os objetos adquiridos, que remete quase sempre para uma construção de competências dos sujeitos envolvidos na relação. Porém, essa discussão será empreendida nos próximos itens.

Por fim, minhas observações e as conversas que tive com meus interlocutores permitem concluir que o lar do casal homossexual pode ser encarado como um universo de relações sociais, que confere aos membros da díade uma dimensão de reconforto diante dos problemas enfrentados na rua (Cf. DAMATTA, 1997) e centramento dos aspectos afetivo-sexuais vivenciados pelo casal.

4.2 – Mantendo a casa em pé: Administração da vida a dois

Este item vem trazer uma reflexão mais próxima acerca dos aspectos da vida a dois entre homossexuais, que são sustentados pela distribuição igualitária ou não do poder decisório diante do cotidiano, isto é, existe uma determinação de comportamentos conjugais que dão sentido à unidade do casal. Para que isso tome forma, notei que os casais homossexuais masculinos separam um tempo para as atividades domésticas. Isso dá aos membros da díade, segundo Heilborn (2004), a

⁸¹ Sobre esse assunto é interessante ver os textos de Kaufmann (1989), Bowlby (1990) e Heilborn (2004).

sensação de existir socialmente e permite analisar os efeitos das normas sociais no processo de roteirização dessas relações burocráticas da vida a dois.

As relações de poder, que envolvem esse tempo disponível para a administração do casal são bastante relevantes no contexto das díades investigadas. O parceiro se torna a companhia ideal para todos os momentos, mas para atingir o patamar de satisfação é necessário que haja um acordo mais ou menos sistemático do que cada um deve fazer para que se tenha além do tempo para as atividades do lar, um tempo dispensado ao lazer do casal. Porém, isso só é concretizado quando se estabelecem normas criadas e fiscalizadas por todos que criam as relações de “poder”. Esse último é como define Foucault (2006), difuso e complexo exigindo certa compreensão acerca da dinâmica íntima do grupo pesquisado. Aqui tentarei apresentar um pouco de cada um dos aspectos que envolvem esses arranjos conjugais.

As atividades dos casais investigados são consideradas obrigações e são demarcadas por um dos interlocutores como um fator de isolamento social.

Veja-se o seu discurso:

“Antes ele [companheiro] não se importava com as atividades de casa, fazíamos quando dava e vivíamos de sair para festas, para casa de amigos, etc... mas, agora que comecei a assumir algumas responsabilidades dentro de casa, ele passou a criar desculpas para não sair... com isso, não temos mais uma vida social. Isso me deixa muito chateado. Já brigamos muito por causa disso. Nesta relação fiquei com muitas obrigações e isso nos afastou um pouco das badalações sociais, me isolou, até porque ele chega do trabalho cansado e usa isso como justificativa para não sairmos... mas anteriormente ele não se importava com isso e saíamos. Entendo... porém gostaria muito que ele mudasse, sabe? Mas eu vou conseguir fazer ele conciliar tudo: lazer, casa e trabalho”. (Fernando – 31)

Percebe-se aqui uma divisão clara de atividades, enquanto meu interlocutor administra o mundo da casa o seu companheiro incorpora o papel de provedor através das atividades profissionais exercidas fora da residência do casal (DAMATTA, 1997). Em minhas observações e conversas com esse casal, essa

divisão de tarefas são frutos de arranjos de gênero, observados muitas vezes em casais heterossexuais (HEILBORN, 2004). É importante destacar aqui que essa associação entre divisão de tarefas e arranjos de gênero não se remetem, no caso da relação de Fernando (31) com Mateus (38), aos papéis assumidos diante das práticas sexuais: *“isso não é feito porque eu seja passivo ou ele ativo, pelo contrário: eu assumo algumas responsabilidades com a casa, mas gosto de ser ativo”*. Outro aspecto que se pode destacar na fala do meu entrevistado é um desejo de mudar a visão que seu companheiro tem dessa forma de “manter a casa em pé”, buscando despende um tempo para atividades sociais e de lazer.

Mas, segundo Heilborn (2004), esses conflitos na organização do dia-a-dia das parcerias proporcionam a formação de estruturas conjugais que provê uma identidade social do casal, ou seja, um reconhecimento de que dois se torna um só.

4.2.1 – Divisão das tarefas domésticas

Discutir como os casais homossexuais dividem suas atividades domésticas é, antes de tudo, uma forma de compreender como os sujeitos pesquisados roteirizam seu cotidiano, proporcionando uma visão dos aspectos particulares desses indivíduos. Para que isso fosse significativo e representasse um desenho mais analítico desses elementos, utilizei as notas de campo que me permitiram olhar para a rotina dos casais e para as atividades que fazem juntos e separados. Isso possibilita como já disse compreender as negociações empreendidas pelos homossexuais na hora de executar as atividades domésticas.

Questionados sobre a rotina⁸² diária do casal os meus entrevistados

trouxeram os seguintes discursos:

“Não fazemos coisas diferentes das outras pessoas. De manhã meu companheiro e eu nos levantamos. Tomamos banho e ele vai pra cozinha fazer o café e eu vou trocar de roupa, depois nos sentamos e tomamos o café quando terminamos eu tiro tudo que ‘tava na mesa e coloco no balcão e aí ele vai trocar de roupa para trabalharmos. Saímos juntos pra trabalhar... Depois ele vai pra o segundo trabalho (outra escola) dele e vou pra casa. Em casa eu gosto de lavar os pratos do café e organizar alguma coisa pra eu comer no almoço. Quando termino o almoço vou lavar tudo, arrumar a casa e... descanso um pouco, entende? Então vou fazer alguma coisa que preciso resolver urgente naquele dia e tento fazer alguma coisa que gosto como ler, passear ... No final da tarde eu vou fazer o jantar pra quando ele [companheiro] chegar ‘ta tudo pronto, porque ele chega muito cansado... né? O dia todo trabalhando não é fácil. Ai... quando o meu queridinho chega ele toma banho troca de roupa e senta pra jantar...” (Carlos – 29)

“A nossa rotina?! Não tem MUITA rotina, certo, mas... eu trabalho, manhã e tarde e estudo à noite, não é, aí vem as atividades acadêmicas em horários distintos, não é? Ahm! Mas às vezes acordamos juntos, às vezes eu acordo, ele permanece dormindo (...)” (Paulo – 38)

“Então... dentro da casa a gente não tem... durante a semana praticamente a gente não... só se ver à noite. De manhã e de noite, porque... eu passo 8 horas (manhã), saiu de oito horas de casa. Trabalho até às 6 (noite). Meu companheiro começa a trabalhar a partir das 2 horas (tarde), chega em casa por volta das 10 horas da noite. (...) No final de semana, que aí a gente vai... vai fazer a feira, arrumar a casa, sai pra ir... pra um cinema, vai pra Aldeia... agora que terminei a pós, que meus sábados estão livres, pra poder retomar essa vida de, de ir pra um bar, num sábado, sai com as pessoas ao sábado, ir pra o mercado da Encruzilhada, essas coisas, que a gente... de lazer... vão ser retomadas, mas rotina, assim, dos dois não tem” (Roberto – 31)

“A rotina quando há é só no final de semana, não há... não é durante a semana. A gente... eu não almoço em casa, então o jantar... o meu jantar é o que sobrou do almoço do meu companheiro, né, às vezes eu nem janto, como uma fruta, uma bolacha e... Não existe uma rotina assim... marcada” (Gilvan – 37)

Apesar deles afirmarem que não têm uma rotina, há repetições de atividades no cotidiano. Nesse sentido, esses aspectos dos casais pesquisados sinalizam para a construção de roteiros importante na administração das atividades do lar. Analiticamente, esses esquemas cotidianos ganham forma nas rotinas

⁸² Rotina pode ser definida como o caminho já conhecido, em geral trilhado maquinalmente. São seqüências de atos, usos, etc., observadas por força do hábito (FERREIRA, 2001, p.653).

através da repetição das atividades do casal⁸³. Segundo Heilborn (2004), a repetição dá sentido aos parâmetros que determinam à vida a dois, construindo expectativas e suposições acerca das condutas de cada um dos sujeitos que compõe a díade. Isso é observado nas minhas conversas com os homossexuais masculinos e ganham sentidos quando essas características possibilitam a compreensão das relações de poder⁸⁴ construídas dentro da dinâmica do casal. No entanto, o conceito de poder nos casais que pesquisei é difícil de medir em termos empíricos, pois para que uma vontade se destaque é preciso levar em consideração as várias estruturas e dinâmicas do poder doméstico. Esse aspecto ganha sentido nas atividades, que os casais executam no seu dia-a-dia.

Essas rotinas diárias dos casais pesquisados por mim são compostas por atividades executadas em conjunto ou em separados. Acerca desse comportamento, Roberto (31) destaca o seguinte argumento:

“A gente faz... porque assim... a gente tem empregada, então né, quando a gente chega ta tudo feito. Então, quando acontece de ter alguma coisa para fazer é nos finais de semana, quando a empregada não vem, ai a gente... se não vai sair, a gente faz almoço no sábado, a casa ta... eu limpo ele faz o almoço, né, forrar... arrumo a casa, ele faz o almoço ou vice-versa. A gente vai fazer feira, vai junto, né... Agora distante do meu companheiro eu faço tudo e ele também... Enfim, as coisas que podem ser feitas são todas, assim como as coisas que são feitas separados”. (Roberto – 31)

No que se refere às atividades que os homossexuais executam juntos, o meu entrevistado traz à tona as características da vida doméstica do casal. Ele apresenta de forma descritiva os rituais que executa com seu companheiro nas tarefas do dia-a-dia. Percebe-se um dado momento que há uma divisão clara das atividades dentro do casal, mas há em sua fala uma tentativa de demonstrar

⁸³ Essa é uma reflexão extraída das observações e das entrevistas realizadas com os casais de homossexuais masculinos e com homossexuais solteiros. Estes últimos foram contatados ao longo das visitas que fiz nas boates e bares no centro do Recife.

⁸⁴ Aqui é importante retomar as discussões de Foucault (2006) acerca dos dispositivos de sexualidade. Porém, faz-se necessário observar as reflexões de Rubin (1989), Pollak (1987), Matos (2000) e Thorborn (2006).

igualdade nas divisões das atividades domésticas. Porém, Paulo (38) e Carlos (29) destacam em seus discursos aspectos dessas atividades a dois ligadas a questões íntimas e singulares associadas às práticas sexuais e a momento de lazer (que irei discutir posteriormente):

“Quando estamos juntos em casa a gente fode... É basicamente a prioridade... Agora separadamente fazemos tudo! Tudo!”. (Paulo – 38)

“Acho que programas de final de semana como praia, barzinho, casa dos amigos, cinema, teatro... isso pode ser feito juntos porque é legal ta pertinho do seu companheiro nos momentos sociais... eu me sinto seguro e feliz. Já fazer algo sozinho acho que tudo que se refere ao trabalho até porque o trabalho a gente não pode misturar, ele cuida das atribuições dele e eu das minhas, né?”. (Carlos – 29)

Isso denota uma busca de satisfações particulares, impregnadas de elementos sociais normatizadores, ou seja, o que o casal pode fazer juntos, deve fazer em local e hora apropriada, reiterando as normas sociais aos quais as parcerias afetivo-sexuais estão inseridas. Porém, quando questionei acerca das atividades que eles executavam distantes do seu companheiro, foram categóricos em afirmar que “tudo pode ser feito longe dele”. Isso denota a formulação de contratos decisórios, que articulam vontades e desejos dos membros do casal. Como foi dito anteriormente, essa característica é uma tentativa de destacar as vontades e gostos de um em relação ao outro. Para que esse processo se estruture e ganhe sentido, percebi em minhas observações de campo, que os homossexuais pesquisados constroem através de seus discursos uma visão idealizada de relação conjugal mais livre das convenções sociais construídas para os pares. Isso pode ser confirmado com os exemplos abaixo:

“Quando faço minhas atividades sem Antônio, eu gosto, mas sinto falta dele... mas penso que é necessário que tenhamos esses momentos de independência, pois permite que eu aprenda mais com sua ausência, além de fugir das regras que temos que seguir dentro da relação”. (Carlos – 29)

“Fora da casa... assim... nossos amigos... a gente procura... evitar o máximo misturar, né? os amigos são os meus amigos, os amigos dele são amigos dele. Óbvio que eventualmente nós temos amigos em comum,

então tudo bem, mas amigos de trabalho dele é o grupo dele, né? Então eu prefiro não ir para os encontros, pois eu não me sentiria bem. A mesma coisa acontece com os meus. Se são meus amigos da faculdade, meus amigos do trabalho... são meus, ele não vai também. Porque ir, dar uma sensação de tolhimento, de vigia, de vigilância". (Roberto – 31)

A principal atividade, que os meus interlocutores disseram fazer distante de seus companheiros é de ordem profissional. Observei em minhas investigações, que os membros das díades de homossexuais masculinos da Região Metropolitana do Recife, possuem certa independência financeira em relação ao seu companheiro causada pelo pertencimento desses ao mundo do trabalho. Isso proporciona, como podemos observar na fala abaixo, certa segurança em caso de rompimentos da relação, reflexo da visão idealizada de independência do par conjugal que possuem e que foi discutida anteriormente:

"Eu gosto, gosto, gosto, mas se me prender tanto eu vou embora e isso não me causa nenhum problema, pois não dependo dele pra nada. Tenho meu trabalho, meu dinheiro e consigo viver deles muito bem... Acho que minha dependência é só afetiva e... claro sexual". (Carlos – 29)

Porém, um dos entrevistados afirmou, anteriormente, em seu discurso que as atividades semanais são executadas por uma diarista, contratada por eles para preparar as refeições da semana e arrumar a residência. Aqui notei ao longo das minhas visitas, que o casal pesquisado não possui tempo, durante a semana, para se dedicar às atividades domésticas, caracterizando com isso uma inserção desses sujeitos no mundo trabalho, fazendo o mesmo se distanciar das atividades cotidianas do lar. Porém, a referida díade não deixa claro se essa dinâmica interfere na relação a dois. Roberto, que foi o interlocutor desse casal, não fez nenhum comentário a respeito quando foi questionado.

Embora se perceba a ausência de algumas horas dedicadas aos "afazeres" domésticos, analisado acima, levantei durante minhas entrevistas alguns discursos acerca de como os casais negociavam a divisão das atividades

domésticas. Sobre esse aspecto da vida a dois, os homossexuais que pesquisei me disseram que:

“A gente não organiza uma lista com as tarefas minhas e as tarefas dele... o que a gente faz é... é... a gente faz as coisas de casa e pronto! Se naquele momento eu puder ajudar ele, bem; se não puder também tudo bem, ele não se chateia nem eu me chateio se ele não puder me ajudar também. Os pratos estão sujos e ele vê, ele vai e limpa e tudo bem... entende? A gente não fica brigando pra ver quem vai lavar o banheiro ou fazer outras coisas. A gente não precisa decidir quem vai fazer isso ou aquilo, a gente faz, porque nós temos a idéia de que a higiene, os problemas do casal, a comida, as contas é dos dois e não só de um, sabe, meu companheiro faz apenas a administração do que foi gasto durante o mês pra gente não ficar sem dinheiro o resto do mês seguinte, mas fora isso tudo é feito sem reclamar ou fazer cara feia porque aquilo era pra ele fazer, entende?...”. (Carlos – 29)

“A gente se ajuda porque é uma questão de cumplicidade mesmo, de não gostar de ver o outro trabalhando e... né? então... se ele tá fazendo alguma coisa eu já procuro saber se tem outra coisa pra fazer, por exemplo: ele tá fazendo o almoço, pergunto se existe alguma coisa, cortar cebola, cortar alho, tomate, limpar alguma coisa, pra... naquela atividade, ajudar ele, né? Se não tem... então tá, eu vou ler, vou pro computador, vou procurar assunto, vou...”. (Roberto – 31)

“Meu companheiro é responsável por lavar o banheiro, e pelo fogão, mas às vezes o tempo que isso ocorria, a frequência que as atividades eram desenvolvidas, não satisfazia as minhas... expectativas... certo, e uma coisa que é incontrolável são os pratos na cozinha, então na última reforma administrativa que foi promovida por mim, eu decretei, por livre e espontânea pressão, que... o banheiro e fogão também ficariam por minha conta, certo, mas que um copo sujo, seja um copo lavado, um prato sujo seja um prato lavado, porque... (...) então estabelecemos que ele sujou, ele lave... e o resto eu que faço, não me incomodo... e a sujeira que ele espalha, eu joga no quarto da bagunça...”. (Paulo – 38)

Nas parcerias dos homossexuais entrevistados, a divisão das atividades domésticas é quase sempre negociada. Não se percebe, porém a presença de papéis, definindo posições de gênero no relacionamento diante dessa divisão. O que existe é um diálogo constante acerca dos “afazeres” domésticos para que não haja uma posição injusta diante do outro. Valores como cumplicidade, companheirismo e solidariedade estão presentes nesses discursos, denotando uma valorização da relação conjugal diante das tarefas cotidianas.

Neste contexto, o que esses discursos evidenciam é uma emissão clara das idéias defendidas pelos homossexuais investigados acerca de uma

conjugalidade ideal⁸⁵, que se assemelham as idéias de casal igualitário defendidas por vários autores. Segundo Heilborn (2004, p. 173), que é um exemplos desses estudos, esse processo *“leva à criação e à revisão de condutas na vida a dois, embora a prática do casal não reflita perfeitamente os valores aventados”*.

A partir daí, nota-se o estabelecimento de elementos importantes trazidos pelos sujeitos dessa investigação para a constituição daquilo que Matos (2000) chama de identidade de parcerias. Esta é definida pela autora como o resultado das identidades construídas na relação conjugal através das idiossincrasias de cada um dos sujeitos envolvidos no vínculo amoroso, unidas pela bagagem cultural de cada um deles. Essa identidade é construída nos casais que investiguei ao longo das suas vivências e experiências diárias. É a partir desse pressuposto que a rotina ganha significado na vida a dois.

O primeiro informante dos exemplos acima sinaliza em sua fala uma divisão das despesas transferida ao seu companheiro. Isso traduz uma importância dos aspectos financeiros para a constituição das díades conjugais entre homossexuais e heterossexuais, porém esse é tema para o próximo item.

4.2.2 – Administração das despesas

Pensar acerca da administração econômica do casal é bastante significativo, pois esse aspecto contribui para refletir sobre os arranjos de poder decisório na relação conjugal homossexual. Para entender melhor os aspectos da administração do lar, é importante observar as falas dos interlocutores abaixo, que

⁸⁵ Ver Heilborn (2004, p. 114) nos seus estudos sobre casal igualitário. Segundo a autora *“o casal igualitário professa, portanto um ideal de não-sujeição a regras sociais, em tudo solidário com a motivação psicológica que lhe dá origem”*.

ao serem questionados acerca de como dividem as despesas de suas casas apresentaram as seguintes respostas:

“Nós não dividimos despesas do tipo eu pago a água e luz e ele faz a feira e paga o telefone, não... Quando chega no final do mês meu companheiro pega a tabela de despesas que faz todo mês no computador e faz todas as contas... quando recebemos os nossos salários agente junta todo o dinheiro e distribuimos com as dívidas, pagamos tudo o que sobra fica guardado para usarmos durante o mês... entende? A sobra pode ser usada por mim ou por ele a hora que precisarmos, não tem isso de o meu salário eu gasto com aquilo que quero”. (Carlos – 29)

“Meu companheiro arca com as despesas da casa, né? Porque minha renda não permite contribuir. As minhas despesas são minhas, os meus gastos são meus. Ele paga o condomínio, porque o condomínio já envolve a água, né? mas aí a luz é por conta dele, o telefone por conta dele e a feira, mas aí eu contribuo no sentido de... não gastar... de economizar, tá entendendo? De não sobrecarregar, né?” (Roberto – 31)

“As despesas em casa, ele tem uma taxa fixa... não é, quando reflito sobre isso chego a conclusão, que meu parceiro não dá lucro... mas também não aperta prejuízo...”. (Paulo – 38)

O primeiro exemplo apresenta um discurso voltado para negociação da divisão das despesas do casal. Nesse par pesquisado, percebi a abolição da classificação de gênero nas divisões de atividades domésticas. Essa igualdade na administração das despesas domésticas possibilita também uma divisão das tarefas do lar em alguns aspectos, que se caracteriza não pela separação do que cada um deve pagar, mas pela soma das dívidas e do salário e, conseqüentemente, posterior gestão dessas dívidas. O que sobra desse dinheiro é disponibilizado para ambos. Não há um discurso de que esse “dinheiro é meu e aquele é seu”. Há, como se pode observar uma visibilidade constante do valor do salário que cada um recebe. Porém, não ficou claro se havia conflitos nessa administração das dívidas a dois, então, perguntei ao entrevistado se ele tinha alguma vontade de separar as contas. Ele respondeu que não gostava de administrar dinheiro, mas:

“Quando tem alguma coisa que queria ter muito isso passa em minha cabeça me deixando desejoso em dividir as contas para administrar e o que sobrar poder comprar o que quero, mas quando penso em fazer listas, planilhas, etc. para esticar o dinheiro do mês... fico muito feliz que ele está administrando as despesas”. (Carlos – 29)

Porém, é importante destacar que o fato de juntarem as despesas não significa que ambos administrem as mesmas. No casal pesquisado, o que se observa é uma concentração de poder decisório nas mãos do companheiro no que concerne a administração do que será gasto. Os conflitos que surgem, segundo meu interlocutor, são resolvidos no mundo intrapsíquico, buscando harmonia na relação com o seu parceiro (GAGNON, 2006).

Todavia, como foi anunciado no item anterior, os entrevistados deixaram claro em seus discursos, que possuem uma independência financeira, porém há um contrato de despesas baseado no maior salário, isto é, o membro da díade que possui um salário maior geralmente assume as despesas consideradas maiores como condomínio, água, luz, telefone fixo, feiras, etc. O companheiro, que possui um menor salário, fica com despesas pessoais ou, como eles chamam, pequenas despesas da casa como comprar produtos alimentícios que acabaram, pagar a entrega de água e gás. Isso é observado na fala de Roberto (31) destacada acima. As divisões das dívidas, observadas e trazidas nas falas dos entrevistados, não demonstraram conflitos “homéricos” em seus arranjos, porém uma relação de poder (FOUCAULT, 2006) contábil muito forte⁸⁶.

Ao ler novamente as várias opiniões acerca desses percursos conjugais, nota-se na fala de Paulo (38), que ele estabelece para Severino (34) uma taxa fixa mensal para pagar as despesas da casa. Isso caracteriza, como já foi observado no primeiro caso, uma administração centrada nas mãos do companheiro que detém o poder decisório do casal. Diante desse contexto, observei em outros entrevistados uma preocupação em economizar no sentido de não efetuar gastos,

⁸⁶ É interessante ver os textos de Heilborn (2004), Giddens (1993) e Fry e MacRae (1991).

que são tidos por eles como desnecessários. Isso ameniza as despesas do casal e mantém adormecidos os conflitos conjugais.

Essas coreografias da vida a dois permitem pensar acerca da sustentabilidade da díade numa perspectiva de trazer ganhos patrimoniais e sociais. Todavia, a companhia é, para os entrevistados, o bem maior que precisa ser conservado tomando como critério para tal a administração das contas financeiras.

4.2.3 – Momentos de descontração: atividades de lazer

O lazer⁸⁷ é um aspecto da vida dos homossexuais entrevistados bastante significativo e presente em qualquer relação afetivo-sexual, pois ele significa segundo alguns autores, o termômetro da ligação⁸⁸. Essa importância do lazer para as díades de homossexuais, é justificada pela necessidade de um reconhecimento social de suas atividades cotidianas ao lado de outro, pois é a partir dos momentos de relaxamento/descontração que o casal estabelece interações sociais com outros grupos (Cf. HART e RICHARDSON, 1982; MELLO, 2004 e MATTOS, 2000).

Durante as entrevistas perguntei aos sujeitos que atividades de lazer eles gostavam de praticar com seus respectivos companheiros. As respostas mais significativas estão destacadas abaixo:

“A gente gosta, a gente gosta de sair pra um barzinho durante o dia, de noite a gente não é muito noturno... não gosta... à noite a gente quer tá em casa, né? Então, durante o dia, nos sábados principalmente, porque já que a gente trabalha a semana a gente gosta de... a gente tenta fazer a feira cedo pra ficar livre o resto do dia, aí a gente vai pra um barzinho, vai pra Olinda, num barzinho que tem em Olinda, na beira mar de Olinda, no Varanda, não sei se você já viu. A gente gosta de ir pr’ali. Ai tem um amigo

⁸⁷ Lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (DUMAZEDIER, 1976).

⁸⁸ Ver o texto Paiva (2007); Mello (2005) e Heilborn (2004).

que liga: vamo pro Mercado da Madelena, vamo pro mercado da Encruzilhada, vamo... Vamo não sei pra onde, vamo, então... Agora o domingo é sagrado, domingo é Aldeia, na casa de papai... Domingo é sagrado". (Roberto – 31)

"São as mesmas que eu já disse: cinema, teatro, barzinho juntos ou com amigos, festas na casa de alguma amiga, shows de Maria Bethânia, passeio no shopping e praia. Adoramos praia, passamos nossas férias em casa de praia... é muito bom...". (Carlos – 29)

"Gostamos de sair para teatros, assistir comédias, de cinemas e passeios na praia, mas... o que nós gostamos mesmo é das micaretas... é muito bom, isso quando Mateus 'tá afim ou não está tão cansado". (Fernando – 31)

Notam-se nessas falas, que as atividades de descontração dos casais de homossexuais pesquisados estão ligadas basicamente às interações sociais com outros grupos, que se reúnem em locais considerados públicos para troca de sociabilidades (teatro, cinema, barzinhos, mercados públicos, etc.). Em contra partida, um dos homossexuais entrevistados disse:

"Gostamos de ir ao cinema ou a alguma festa de amigos, mas preferimos estar em casa nos curtindo... Mas boa parte do nosso final de semana... do... do nosso lazer curtimos na prática de nossa religião... né?" (Paulo – 38)

Esta fala demonstra um recolhimento social que o casal se impõe. Ao longo das minhas conversas com esse interlocutor, ele deixou claro, a necessidade de uma vida a dois ligada ao espiritual, ao sagrado⁸⁹. Buscam também aproveitar o tempo livre das atividades profissionais no envolvimento afetivo entre ambos. Durante minhas observações percebi que essas ligações afetivas são freqüentes quando estão com visitas. Acredito que isso se justifique, pois há uma necessidade, por parte dos homossexuais dessa diáde, de apresentar sua residência como um lugar de visibilidade de seus afetos.

⁸⁹ Acerca da relação entre homossexualidade e as religiões afro-brasileiras, é interessante ver o texto de Rios (2004a) e Fry (1982).

Portanto, o lazer se constitui um momento onde os homossexuais masculinos podem, não apenas demonstrar socialmente suas ligações, como construir novas relações de amizade. Isso se torna importante, já que é a partir desses roteiros de lazer que o casal ganha força na constituição de uma identidade social conjugal (Cf. HEILBORN, 2004).

4.3 – Mantendo a chama acesa: Sobre os arranjos e práticas afetivas

As parcerias conjugais que pesquisei apresentaram ao longo da minha investigação um desnudamento da dimensão íntima de cada um, resultando num processo de modelagem um do outro. Esse processo foi facilitado, como pude observar, pela estabilidade emocional num processo de “cultivo do nós” em alguns momentos e em outros do “cultivo do eu”, como forma de dar solidez ao contrato conjugal sem esquecer sua própria identidade. Nas palavras de Heilborn (2004), as pequenas investidas no gosto do parceiro como o tipo de decoração, as escolhas de amigos, o tipo de lazer ou a comida, podem funcionar como elementos reformadores do outro⁹⁰. Todavia, é importante ressaltar que essa espécie de modelagem do parceiro mediante mecanismo de influência e de poder⁹¹ forma estilos de existência baseados na dinâmica cultural da negociação.

Portanto, a linguagem amorosa e o monitoramento das atividades cotidianas do companheiro são elementos importantes para entender como

⁹⁰ Ver também o texto de Matos (2000).

⁹¹ Acerca da micropolítica homossexual, onde o poder ganha sentido e força num conjunto de cartografias sexuais, é importante refletir sobre as análises de Paiva (2007). O autor diz que, “fazendo uso de uma microssociologia, tentamos cartografar a experiência da ‘homossexualidade conjugal’, distinguindo-a no conjunto das homossexualidades, tentando anotar suas micropolíticas do cotidiano, a sociologia da reserva e da discricção, da invisibilidade na administração dos sentimentos, da convivibilidade, das redes familiares... Micropolítica que atravessa os aparelhos binários homo/heterossexualidade, masculino/feminino, as territorialidades do amor, do casamento e da família”. Diante dessa análise, pode-se afirmar que, essa micropolítica (poder difuso entre os membros do casal homossexual) possibilita à compreensão de como esses sujeitos gestam a intimidade.

microestruturas da relação a dois funcionam como “cimento social”⁹² preenchendo as lacunas existentes na vida íntima e buscando uma inserção mais significativa no mundo social.

4.3.1 – “Meu amor”: formas de tratamento do casal

Figueira (1978, apud HEILBORN, 2004) afirma que a linguagem íntima construída pelos casais é uma forma de ritualização da ligação afetivo-sexual. Aqui podemos citar os apelidos, que se configuram como formas de demonstrar o grau de intimidade e especialidade (HEILBORN, 2004) da relação conjugal. Isso pode ser exemplificado com as falas dos interlocutores a seguir que apresentam as diversas formas que os casais homossexuais se utilizam para se referir ao seu companheiro:

“Nos tratamos de painho e bebê. É carinho... Ele me trata da mesma forma...”. (Gilvan – 37)

“Eu trato ele como PAI, pois estava passando uma fase muito difícil quando nos conhecemos e ele me ajudou. Ele me trata também de PAI, mas com outro sentido, PAI é abreviação [segundo seu companheiro] de paixão”. (Fernando – 31)

“(...) eu chamo ele de painho e ele me chama de moinho, mas às vezes agente simplifica e chamamos um ao outro de inho, só inho... pronto!” (Carlos – 29)

“Ele é muito branco, por vezes eu o chamo de negão ou o chamo de ‘meu amor’⁹³ ou pelo nome... né?” (Paulo – 38)

Esses termos amorosos estão associados em sua maioria a elementos de dependência emocional⁹⁴, onde a linguagem emocional ganha “ares” de uma infantilização. Essas palavras diminutivas (painho, bebê, etc.) ou aumentativas

⁹² É interessante revisitar o texto de Pollak (1987), onde o autor defende a tese de que a ligação afetiva baseada nos “ritos de passagem” (namoro, noivado, casamento) entre homossexuais masculinos é importante para dar solidez na relação a dois, possibilitando uma maior visibilidade da díade.

⁹³ Esse termo é o título dessa seção e traz uma conotação mais geral acerca desse aspecto da vida a dois. Além disso, e, segundo Barthes (2003), a expressão acima formula um quadro cênico onde o *amor* é personagem principal e o *meu* é a indumentária, que veste o ator dando-lhe forma, cor e cheiro.

⁹⁴ Ver Heilborn (2004) que, ao trazer o depoimento de uma interlocutora analisa a linguagem dos afetos como proporcionadora de um retorno psicológico a infância. Essa idéia é compartilhada pelos entrevistados de Paiva (2007) que trazendo seus arquivos à tona, constroem rostos que apresentam a esfera íntima de cada um dos sujeitos envolvidos na relação conjugal possibilitando uma visão ampliada na esfera pública.

(negão, o nome do companheiro, etc.) demonstram, respectivamente, a necessidade de proteger ou de ser protegido, proporcionando assim um resgate das experiências da infância. Essas falas foram bastante recorrentes nas minhas conversas e observações nas residências dos casais investigados. Ao ouvi-los pronunciar essas designações afetivas, percebia sempre uma vontade constante de tornar visível o carinho que tinham pelo companheiro. Além disso, nota-se na fala de Gilvan (37) um tratamento amoroso que remete a diferença de idades entre ele e Bruno (28). Para alguns autores, essa forma de tratamento do referido casal levanta a discussão sobre a relação entre as palavras de carinhos (diferenciadas pela idade) e as performances de gênero (RIOS, 2004b e FRY, 1982). A dinâmica das relações de gênero mediadas pela linguagem íntima entre os parceiros homossexuais se remete aos arranjos de gênero, onde questões como atividade/passividade (FRY, 1982) e/ou bicha/bofe (RIOS, 2004b) estão presentes nas escolhas de interação sexual. Porém, é importante deixar claro, que a compreensão desse processo nos casais pesquisados não foi aprofundada pela ausência, nos discursos dos interlocutores, de aspectos que permitissem concluir acerca das vivências sexuais dos casais.

Isso me levou a questionar porque eles tratavam seus parceiros com esses termos. As respostas giraram em torno da palavra carinho. Para meus entrevistados, qualquer termo utilizado para se referir ao companheiro deve trazer uma conotação carinhosa e, por isso, em sua maioria utilizam palavras no diminutivo. Pode-se perceber essa reflexão nos exemplos abaixo:

“Nunca pensei sobre isso, mas acho que é porque a gente gosta de carinho e não existe nada mais carinhoso do que INHO, né?”. (Carlos – 29)

“Nunca me questioneei... para mim são formas carinhosas, porque o meu nome pra mim é um carinho, quando me chamam, né, o negão ou meu amor pra mim seria formas carinhosas, né...”. (Paulo – 38)

Porém, é importante destacar que um dos interlocutores disse não gostar de tratar seu companheiro com expressões afetivas (nomezinhos⁹⁵), pois não acha justo utilizar tantas designações amorosas com seu parceiro e depois, por causa de conflitos conjugais, tratá-lo com palavras desrespeitosas. Segundo esse mesmo entrevistado, o seu companheiro possui o mesmo raciocínio. Mas, é interessante ouvir o depoimento do mesmo acerca desse momento com seu parceiro:

“Eu chamo ele de DU. Assim... apelido redutivo, a redução do nome Du... só Du... (...) porque eu acho uma forção... Do que adiante eu tá fazendo esse tchu, tchu e por trás só lenhando⁹⁶, tu tá entendendo?”. (Roberto – 31)

Esses arranjos denotam, como se pode observar, um conjunto de elementos fonéticos tirados das gramáticas ou recriados das experiências vivenciadas ao longo da vida de cada um dos sujeitos investigados. Essa análise me proporcionou uma visão mais ampla da linguagem dos afetos como impulsionadora da conjugalidade entre os pares homossexuais reforçando papéis de gênero hegemônicos (a idéia de proteção daquele que é mais forte na relação) e/ou recriando (a palavra PAI como alguém que está apaixonado⁹⁷) termos na constituição conjugal. É nesse sentido que a idéia de administração dos bens conjugais ganha forma no corpo da confirmação do contrato relacional⁹⁸.

Porém, não posso deixar de destacar que todas essas expressões de designação afetiva estão associadas às histórias de solidariedade e sociabilidade dentro das parcerias homossexuais pesquisadas. A ligação afetiva construída por meio desses recursos sócio-psíquico-culturais cria símbolos representativos de

⁹⁵ Esse termo é utilizado pelo interlocutor para designar as palavras de carinho utilizadas no diminutivo.

⁹⁶ O termo lenhando, utilizado pelo meu entrevistado, denota uma pessoa que não possui respeito pelo seu parceiro quando usa expressões de teor depreciativo na ausência do mesmo.

⁹⁷ Ver as discussões já empreendidas neste trabalho acerca do enamoramento e do amor em Alberoni (1999).

⁹⁸ Ver o texto de Heilborn (2004), onde a autora trata em item específico sobre as coreografias da vida a dois.

relacionamento puro⁹⁹, proporcionando uma nova forma de estruturar a intimidade¹⁰⁰ entre os sujeitos de maneira que, o casamento institucionalizado pela sociedade¹⁰¹ se torna, nos depoimentos dos meus interlocutores, desnecessários; embora a legalização desse vínculo permita, de acordo com alguns autores¹⁰², que as díades homossexuais possam ter resguardados seus direitos de cidadão, negligenciadas pelas instituições normatizadoras.

4.3.2 – “Relatório” cotidiano das atividades do companheiro

O casamento constitui um conjunto complexo de arranjos que traz em seu bojo cálculos estratégicos designando uma contabilidade conjugal. Heilborn (2004) contribui para compreender esse processo no contexto dos casais de homossexuais masculinos pesquisados. Segundo a autora, esse aspecto da vida a dois cria uma espécie de relatório cotidiano das atividades realizadas fora das vistas do parceiro, denominada “monitoramento pessoal¹⁰³”. Nos casais que investiguei esses “relatórios” são denominados como uma prestação de contas das relações de sociabilidade operacionalizadas ao longo do dia. Para melhor entendimento dessas roteirizações é importante perceber o que os entrevistados trazem em seus depoimentos:

⁹⁹ Giddens (1993) defende a tese de que, o casamento e outros tipos de vínculos pessoais têm passado por transformações importantes em suas estruturas. Segundo ele, as relações afetivo-sexuais passam por rearranjos (Cf. BERQUÓ, 1998) da intimidade, além de um busca dos sujeitos por aquilo que ele define como sendo os relacionamentos puros, conceituados por ele como: “(...) *uma situação em que se entra em uma relação social apenas pela própria relação, pelo que pode ser derivado por cada pessoa da manutenção de uma associação como outra, e que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes para cada uma individualmente, para nela permanecerem*” (GIDDENS, 1993, pp. 68-69).

¹⁰⁰ Ver o texto de Paiva (2007).

¹⁰¹ Segundo Mello (2005), observa-se nas relações conjugais entre homossexuais, que um novo conceito de casamento ganha força, assumindo um significado diferente daquele construído pelo amor romântico no final do século XVIII (ver também GIDDENS, 1993). Esse novo conceito toma forma com a inclusão do amor confluyente na dinâmica das relações afetiva. Portanto, esse amor, evidenciado pelo relacionamento puro, não é necessariamente, segundo o autor, monogâmico. Esse último só se torna presente nos vínculos conjugais, quando a exclusividade afetivo-sexual for caracterizada como importante entre os parceiros.

¹⁰² Aqui destaco as discussões já levantadas ao longo desse estudo de Foucault (2006), Rubin (1989), Heilborn (2004), Mello (2005) e Matos (2000).

¹⁰³ Ver também Matos (2000).

“Pergunto por que acho que é uma forma educada de tratar o outro... já que não vi ele durante o dia então quando encontro pergunto: ‘e aí... como foi hoje na escola?’ (...) Eu acho que faço pra saber mais sobre o caminho que ele fez do trabalho até em casa, porque... sabe... eu tenho muito ciúme dele e tem uma pessoa que passa diariamente pelo mesmo local que ele e que já foi casinho dele, entende? E isso me deixa um pouco apreensivo, se... ele não tava lá esperando ele... pra... conversar... Talvez seja isso... até porque deixo ele tomar o banho dele e depois do jantar conversamos um pouco sobre o dia dele. Tem dia que ele diz: ‘não quero falar sobre o dia na escola, não...’ eu já sei que ele teve contrariedades fortes no trabalho e só vai me contar depois”. (Carlos – 29)

O discurso desse entrevistado traz num primeiro momento a idéia de uma respeitabilidade ao monitorar as atividades do companheiro. Porém, ao longo do depoimento, observa-se que fiscalizar as interações cotidianas do parceiro com outras pessoas é uma forma de administrar as ameaças de infidelidade do companheiro. Segundo o entrevistado foi o seu companheiro que motivou essa cobrança, ao manter uma relação “extraconjugal”¹⁰⁴ há dois anos atrás com outro homem que ele conheceu a caminho do trabalho¹⁰⁵. Em minhas visitas à residência desse casal, observei que o companheiro do entrevistado acima é ciumento (como ele mesmo gosta de se declarar) e também monitora os passos do parceiro através de insistentes ligações para o celular do mesmo. Esse jogo performático (GOFFMAN, 1999) alimenta as suposições e expectativas de continuidade do vínculo conjugal.

Compartilhando dessa visão anterior, outro entrevistado disse cobrar do seu parceiro uma explicação mais detalhada dos acontecimentos diários longe de

¹⁰⁴ Esse termo é empregado em boa parte dos casos pelas Ciências Jurídicas para designar os indivíduos que possuem relações afetivo-sexuais fora da relação estável com seu parceiro. Esse relacionamento é geralmente reconhecido pelo grupo social em que estão inseridos e se chama relação conjugal, enquanto a relação “extraconjugal” é clandestina, desconhecida. Nesse contexto, achei prudente utilizar a expressão entre aspas, pois não se tem uma visão generalizada do reconhecimento da díade homossexual como um grupo socialmente familiar (FERNANDES, 2004).

¹⁰⁵ É interessante observar aqui que os espaços ditos públicos como parques, cinemas e, no caso apontado acima, no ônibus ganham um significado no mundo social, que caracteriza esses espaços como lugar de visibilidade de corpos e possibilidades de interações eróticas. Isso permite trazer para a reflexão as abordagens de Parker (1991) acerca do sistema erótico brasileiro, que recebe um entendimento mais aprofundado quando se analisa o conceito de sacanagem. Sobre essa discussão, ver os textos de Parker (1991) e o marco teórico desse trabalho.

sua companhia. Segundo ele, faz esse monitoramento para que possa tirar todas as dúvidas quanto a possíveis paqueras ou imprevistos da relação:

“As minhas perguntas podem ser no momento que chegamos em casa, se for... se esse espaço tiver sido aberto... se não... eu posso esperar um dia, uma semana, um mês, mas eu comento.. eu pergunto e faço minhas observações... né? o que pode acontecer é eu esperar o momento certo... mas o conteúdo do texto, o valor das palavras vai ser passado de acordo com minha visão de mundo... mas apenas se o momento não for propício, eu aprendi a aguardar e depois externar as minhas verdades... Quero muito manter nossa relação tranqüila, mas preciso de respeito”. (Paulo – 38)

Todavia, como já foi sinalizado pelos depoimentos acima, há uma roteirização anterior às conversas de prestação de contas do dia. A formação desses roteiros está baseada de acordo com o nível de energia despendida pelo seu parceiro nas atividades diárias. Isso permite, como apresentam as entrevistas, o aprofundamento ou não das questões levantadas na contabilidade cotidiana. A construção cartográfica desses territórios (PAIVA, 2007) é visualizada na fala do entrevistado a seguir:

“Eu pergunto a fulano sobre seu dia... Também... mas não é chegar e pum! Ele chega em casa troca de roupa, toma um banho, aaaa... ai depois... e ai: como é que foi... né? Ele vai comer alguma coisa e ai como que foi lá no trabalho, não sei o que? Quando ele está cansado eu prefiro deixar para o outro dia... Isso já faz parte de nossa rotina diária, entende?”. (Roberto – 31)

Diante disso, nota-se que a linguagem semântica nesse momento é fundamental para gestar os arranjos conjugais, buscando a construção de uma respeitabilidade e de uma confiança no outro. Essas características são emprestadas das relações heterossexuais (KATZ, 1996) na tentativa de construir os ideais de fidelidade e solidariedade na relação conjugal¹⁰⁶. Porém, algumas questões me envolveram nessas análises. Refletindo acerca de como esses roteiros ganham sentidos nas parcerias que entrevistei, fiquei pensando se os

¹⁰⁶ É importante ver o texto Matos (2000) e Alberoni (1999).

monitoramentos diários, que os meus interlocutores fazem do seu companheiro, não são *scripts* construídos coletivamente para amenizar as dores de um mercado de parceiros competitivo e, em muitos casos, caros para a vida dos pesquisados.

4.3.3 – Vamos discutir a relação? Aspectos importantes

A relação a dois implica numa construção de uma topologia de si (Cf. PAIVA, 2007) que possibilita aos casais de homossexuais masculinos pesquisados elaborarem discursos acerca de suas relações com outro. Esses arranjos trazem à tona um aspecto importante para entender os vínculos amorosos (MATOS, 2000): a intimidade¹⁰⁷. Ela é entendida, pelos meus interlocutores como um bem (moeda) importante na formação conjugal, pois possibilita a construção de um quadro de relações próprias do casal (identidade conjugal¹⁰⁸), que caracteriza a união duradoura. Porém, sua ausência ou seu excesso pode descaracterizar o “casamento” originando um comportamento designando pelos homossexuais como “virar duas amigas¹⁰⁹”. Identificar um problema na relação, construir um roteiro de perguntas e respostas para o seu parceiro acerca das dificuldades encontradas no cotidiano a dois ou, simplesmente, não falar¹¹⁰ nada sobre a relação a dois são aspectos apontados pelos meus interlocutores, ao longo das minhas investigações, como importantes na conversa com seus parceiros acerca do vínculo afetivo-sexual

¹⁰⁷ Heilborn (2004, p. 152) diz que a intimidade “*é o processo de inversão de um conjunto de regras que demarcam distância física e psicológica*”. Essa intimidade traz um relaxamento das regras e normas sociais impostas como forma de civilidade, abolindo as idéias de nojo em relação à determinadas partes do corpo, bem como a substâncias excretadas por esse mesmo corpo.

¹⁰⁸ Sobre identidade social de relações conjugais, ver Heilborn (2004), Foucault (1985), Fry (1982) e Giddens (1993).

¹⁰⁹ Observei em minhas visitas aos espaços considerados homossexuais no Centro do Recife, que esse termo é recorrente entre aqueles que, possuindo uma relação estável com outro homem, estão presentes nesses locais com o objetivo de descontrair e até buscar outras experiências relacionais. O termo nomeia esses sujeitos que, por causa do alto nível de intimidade ou ausência da mesma em suas relações afetivas estáveis, buscam no mundo homossexual noturno outras possibilidades.

¹¹⁰ Acerca da política do silêncio como instrumento na formação de opiniões é importante, ver o texto de Paiva (2007).

que os mantêm unidos. Pode-se observar um pouco desses aspectos nos depoimentos abaixo:

“Conversamos apenas quando brigamos, pois acho que é o momento crítico... é o momento que temos que parar e ver um pouco sobre nós... o que estamos fazendo com a nossa relação... (...) Mas conversamos sobre tudo que fizemos de errado, até que um dos dois se abraça e abraça o outro e aí fazemos as pazes...”. (Carlos – 29)

“Nesse um ano e nove meses, chegamos a conversar umas três vezes, não é?... se estava faltando carinho, se a tesão era a mesma, se o despertar sexual de um para o outro era o mesmo, não é o que estava desagradando, o que está agradando... aspectos práticos, objetivos, não é, uma relação pra mim é pra ser vivenciada, sempre, de alguma forma estamos sempre avaliando ou comparando, mas não precisa externar, né, agora se eu tiver necessidade de externar, se algo está me incomodando, eu falo... educadamente, no momento... que pra mim é o momento certo”. (Paulo – 38)

“A gente chegar e conversar não... um momento de... que ele tá irritado por algum motivo, aí ele começa: não porque isso... É porque o bicho é tihoso, aí depois vem pedir desculpa... tá entendendo? ‘não queria dizer aquilo, né?’ (...) Mas assim discutir a relação... não sei, não sei se vale a pena, não sei se ele vai... eu vou dizer, não vai ser uma discussão, vai ser uma briga, ... vai porque... Não sei como é que vai funcionar isso. Eu tenho ódio, ele também tem... posso ter medo, com certeza tenho medo de ouvir certas... que eu não quero ouvir, mas gostaria de ouvir, ele também... eu tenho medo também de dizer coisa que possam magoar... ele pode entender de uma forma errada, então a gente vai se resolvendo... na medida do possível, geralmente a gente tem uma vida muito assim, a gente tá de bem, né? (...) briga entre a gente, né, então não... a gente se resolve, né? Eu sei que seria mais saudável se, se discutisse, mas não sei até que ponto seria saudável... pra relação, poderia ser saudável pra mim, por meu ego, pro ego dele, mas pra relação, será que seria saudável? Será saudável essa discussão, né? pode ser esse medo dos dois, ele pode ter medo de dizer coisa que possam me magoar e... de eu sair, ir embora, ou vice-versa”. (Roberto – 31)

Observa-se que nos diálogos estabelecidos entre os homossexuais entrevistados e seus companheiros acerca da relação a dois, a conversa é permeada, constantemente, por focos de conflito. Estes são caracterizados pelos mesmos, como *brigas*. Essas discórdias no levantamento das soluções dos problemas que envolvem o vínculo amoroso entre eles, proporcionam um fazer e refazer, dizer e redizer¹¹¹ permanente dentro da relação, na tentativa de equilibrar as

¹¹¹ Ver Paiva (2007) acerca das vidas paralelas.

forças que controlam a estabilidade da parceria. Isso pode ser confirmado com o exemplo a seguir:

“Eu ligo pra ele todos os dias e ele também... não sei, mas talvez seja para manter sempre informado do que estamos fazendo... entende? Agora a gente liga um pra o outro e aí, conversamos um pouco, mas pergunto também pra saber se ele teve algum contratempo como briga no trabalho e também pra ele lembrar se por acaso precisa me dizer alguma coisa, mas não lembra, né, ele diz sempre que não disse isso ou aquilo porque não lembrava....”. (Carlos – 29)

Enfim, é a partir da conversa que travam sobre suas ligações afetivas, que os homossexuais pesquisados reconstróem o espaço de gestão da intimidade, operacionalizando roteiros que permitem cuidar de si e do outro, formulando através disso uma história de vida conjugal. Essa maturação sócio-psicológica possibilita uma formação de opiniões sobre o casamento e família homossexual, que refletem as representações construídas socialmente e dentro do próprio casal sobre ligações homoafetivas¹¹² e/ou homoeróticas¹¹³.

4.4 – Fiel ou Leal? Eis a questão! As várias opiniões

Vários estudos têm se debruçado na tentativa de compreender a diferença entre fidelidade e lealdade nas interações amorosas e como esses se articulam na formação dos laços afetivos entre os sujeitos. Nas Ciências Jurídicas¹¹⁴, a fidelidade figura entre os deveres pertencentes ao casamento e à união estável, ou seja, nas sociedades ocidentais o termo fidelidade é utilizada para caracterizar um dos deveres que os parceiros devem cumprir em suas trajetórias a dois. Já a

¹¹² Ver o texto de Dias (2003), onde autora faz uma explanação acerca do conceito de homoafetividade.

¹¹³ Esse termo é bastante utilizado nos trabalhos de Paiva (2007), Matos (2000), Alberoni (1999) e Parker (1991). Costa (1998), utiliza esse termo, pois, segundo o autor, ele é descritivo e clinicamente mais rico. Isso demonstra uma apropriação do termo pela psicanálise.

¹¹⁴ Acerca dessas conceituações, acima apresentadas, é importante ver o trabalho de Fernandes (2004), que traz a visão das Ciências Jurídicas sobre o casamento homossexual no Brasil e as políticas de Homoparentalidade (ver também UZIEL, 2002 e MELLO, 2005).

lealdade é uma palavra, que tem sido utilizada para designar as relações estáveis, embora seja notório que esses dois termos sirvam a um projeto social de formação de comportamentos moralmente permitidos aos casais.

Falar de fidelidade e/ou lealdade é algo ousado demais para um trabalho como esse, que não possui como foco de pesquisa essas temáticas. Porém, acho que, o principal problema enfrentando nessa empreitada, é o fato de se tratar de dois campos que trazem consigo as relações dicotômicas de seu corpo empírico: fidelidade/infidelidade e lealdade/deslealdade; além disso, os interlocutores (FAIRCLOUGH, 2001) possuem uma visão bastante fragmentada e obscura dos dois temas a que estou me propondo escrever. Portanto, nesta seção, vou trazer um pouco da fala de cada um dos entrevistados tentando me aproximar de suas opiniões acerca da fidelidade e da lealdade que construíram, constroem ou construirão com seus atuais companheiros.

Trilhando esse caminho ainda invisível¹¹⁵, inicio esta seção apresentando três depoimentos dos entrevistados acerca do conceito que eles constroem da expressão fidelidade:

“Eu acho que fidelidade é... uma coisa que não existe, melhor, nunca existiu. Ser fiel é muito difícil, porque fidelidade é ter total atenção no seu companheiro, nada mais pode mexer com você que não seja o seu companheiro, mas... não dá... sempre tem um homem bonito na televisão, na revista, no jornal que chama atenção tirando ela do seu companheiro, né? Fidelidade é muito difícil...”. (Carlos – 29)

“Tá, primeiro é uma coisa que não existe... certo? Nunca coloquei a mão no fogo por ninguém e nem pretendo... até porque eu gosto bastante das minhas mãos, né?”. (Paulo – 38)

*“Eu vejo a fidelidade como uma instituição utópica, ta entendendo? As pessoas buscam, as pessoas **flam**¹¹⁶, as pessoas desejam, mas... ela ta... acima, ela ta, é um conceito que ta mais pra moral, pra ética, né, uma coisa que ta, que... a gente sabe que tem que ter mais é uma coisa sobre-humana, né? que a gente não consegue alcançar, existe, ta no campo da moral e da ética que rege, mas, que a gente ta sempre, né, tentando alcançar mais que não consegue, então eu vejo a fidelidade como... uma*

¹¹⁵ É importante observar como o invisível e o visível é trabalhado no estudo de Paiva (2007) acerca dos casais homossexuais por ele pesquisado.

¹¹⁶ Termo que significa sonhar na fala nativa.

coisa... como eu dizer.. É como se fosse uma nuvem que fica pairando o tempo todo, a gente olha, vê a nuvem ali, mas não consegue alcançar, eu acho que fidelidade ta nesse campo assim da... que parte pra ética, pra moral, ta acima do bem e do mal, que a gente tenta, tenta, tenta, tenta, tenta, mas não consegue alcançar e faz por onde, mas não conseguir, mas tenta seguir, na medida do possível como a ética". (Roberto – 31)

Observa-se que as falas expostas acima trazem no início de suas definições, acerca da fidelidade, uma idéia desacreditada da existência dessas práticas nas relações homoafetivas, além do mesmo ser associado a idéia de exclusividade na relações afetivo-sexuais. Dizem os homossexuais entrevistados, que a fidelidade é algo ilusório, onde os sujeitos sonham que seu parceiro é exclusivo. O último depoimento traz algumas pequenas comparações acerca da fidelidade, mas, nota-se que sua fala é partida e muito repetitiva¹¹⁷, demonstrando ainda insegurança ao tratar dessa questão. Porém, ele traz uma compreensão bastante significativa sobre fidelidade, que se encaixa nas discussões levantadas por este estudo. Para meu entrevistado a fidelidade está no plano moral e ético. Esse posicionamento diante do comportamento de fidelidade nas relações conjugais chama a atenção para a função das instituições sociais como dispositivos de socialização de uma monogamia baseada na fidelidade, para a “mulher” e uma infidelidade como um atributo da masculinidade. Diante disso, o homossexual é socializado nos dois aspectos restando a ele a gestão daquele que melhor julgar importante para sua inserção numa relação de conjugalidade com outro homem¹¹⁸.

Mas, em contra partida, um entrevistado trouxe um depoimento interessante acerca da infidelidade, ou seja, ele tentou conceituar a fidelidade partindo do seu antônimo. Veja-se o que ele fala sobre o conceito de fidelidade:

“(...) A infidelidade, visualizo como algo bastante... subjetivo, circunstancial: seu companheiro vai fazer uma viagem de trabalho, antes da viagem, você briga com ele e no decorrer desse tempo, que ele está viajando, uma

¹¹⁷ Acerca dos instrumentos de análise dos elementos da fala como possibilidade de análise qualitativa, ver o texto de Alencar (2007).

¹¹⁸ Aqui se faz necessário visitar os textos de Foucault (2006), Perlonghe (1987), Fry (1982) e Ariès (1987).

semana ou duas, aparece aquele amigo loiro, olhos azuis, carinhoso, cheio de atenções, cheios de boas intenções, vocês terminam indo pro bar, uma penumbra, um vinho, e aí, quem é o lobo mau, quem é o chapeuzinho, é circunstancial, mas é... o... a incoerência discursiva... você abriu... articulou seu aparelho fonador pra dizer algo, que não bata, que não coincida com sua forma de pensar, é muito vulgar, por isso, meus amigos me designam rapariga romântica, quando estou só, eu sou rapariga, quando estou casado, eu sou romântico... é adequação a situação". (Paulo – 38)

Esse discurso traz um aspecto importante para compreender um pouco da diferença entre ser fiel ou infiel para o casal pesquisado. Para o entrevistado, fidelidade/infidelidade são práticas circunstanciais, ou seja, dependendo do estado emocional em que você se encontra e dos valores conjugais que você adquiriu ao longo de sua socialização na família de origem, o sujeito pode construir estilos próprios de contratos conjugais de fidelidade. Mas, segundo o mesmo pesquisado e de acordo com as observações que realizei em bares e boates homossexuais, os homossexuais masculinos possuem uma vida noturna mais assídua, quando estão sós. Ao contrário, quando estão envolvidos numa relação de conjugalidade com outro homossexual, buscam a tranqüilidade “emocional¹¹⁹” e atividades que envolvam o casal como festas de amigos, de familiares, carnaval, etc. Todavia, quero deixar claro, que o fato dos homossexuais apresentarem um discurso em que os estilos de vida para o solteiro e para o casado são distanciados, não implica que a infidelidade esteja em um e a fidelidade no outro. Como disse meu entrevistado tanto um quanto o outro são circunstanciais. Além disso, não se pode generalizar, pois os arranjos conjugais estão muitas vezes associados ao tempo de duração da parceria.

¹¹⁹ O termo está entre aspas, pois segundo meus interlocutores essa tranqüilidade emocional é relativa, pois há momentos no casal em que os conflitos são intermitentes, caracterizando os problemas de uma convivência a dois. Porém, os mesmos pesquisados são categóricos ao afirmarem que esses momentos conflituosos entre eles são saudáveis, pois “*não há casamento sem brigas*”. Na seção desse trabalho que trata do relatório cotidiano das atividades do companheiro, faço uma explanação mais específica acerca desses conflitos na relação a dois.

Outro termo recorrente nas relações conjugais¹²⁰ é a lealdade. No caso das díades homossexuais, os meus entrevistados definiram essa expressão da seguinte forma:

“Lealdade é você estar... é você ter uma coerência discursiva, é você... praticar aquilo que você fala... certo? Eu posso ser leal com você, me relacionando com você e todo dia, estando, transando com outras pessoas, mas nosso código do relacionamento vai ser esse: ‘Olha! Estou com você, mas tenho outras necessidades de procurar outras pessoas, diariamente’. Eu estarei sendo fiel ao relatar isso, não é, a fazer ou não fazer, ter ou não ter relações extraconjugais, mas todo relacionamento tem um código de atitudes, certo, e você tem que ser coerente com aquilo que diz e verificar se aquele código satisfaz suas necessidades ou não...”. (Paulo – 38)

“A lealdade é mais simples... é você respeitar o outro como ele é. Eu sou leal ao meu companheiro... Lealdade é dizer a verdade... é mostrar quem você realmente é e não ficar enganando ele dizendo o que não fez... sabe.... não gosto disso acho que fazendo assim você ta pedindo pra o outro trair você com o primeiro que olhar na rua, mas ao ser verdadeiro ele vai pensar antes de ir pra cama com outro, pois sabe que ao sair daquele local vai encontrar você, que é sincero e verdadeiro com tudo que faz e divide com você... acho que a lealdade é importante pra que a relação entre homens seja duradoura, pois sem isso o que vamos ter é brigas, traições e mais brigas e mais traições e depois de dois ou três meses vem a separação de uma relação que começou com tanta alegria e carinho e, sinceramente, sou contra a separação por motivos que dependiam de uma conversa ou um “abrir mão” para continuar”. (Carlos – 29)

“Lealdade já é mais prático, mais humano, né? Então lealdade é respeitar no sentido de... por exemplo: você ta num lugar, né, aí aparece uma pessoa interessante, se interessa por você e por ser interessante você se interessa, né, mas aí... a partir desse momento não há mais fidelidade, você se interessou, a fidelidade já subiu, né, aí a lealdade é quando você vai, a pessoa chega te... você começa a conversar tal e assim... porque tem muita gente que já começa a destratar o companheiro: olha sou casado, mas meu relacionamento ta assim, não sei o que, porque o outro é assim, e assado, é assado... eu acho isso falta de lealdade, sabe? É aproveitar a ausência pra fazer determinadas coisas, né? Se aproveitar da ausência... levar pra casa do casal, e não sei o que, isso pra mim é falta de lealdade... né? Posso não ser fiel, mas leal... né? Eu acho que sou”. (Roberto – 31)

“A lealdade é importante porque mostra a verdade”. (Fernando – 31)

Os conceitos de lealdade trazidos pelos meus interlocutores trazem valores compartilhados socialmente como respeito à figura e à função dos companheiros em suas vidas, e solidariedade ao serem verdadeiros na exposição de relações extraconjugais. Esses valores morais são incorporados pelos casais

¹²⁰ Heilborn (2004) identifica essa terminologia tanto em casais heterossexuais como em casais homossexuais.

investigados não só nos momentos de constituição da relação, mas principalmente ao longo da mesma, pois de acordo com as conversas informais, os homossexuais estão sempre em busca de uma lealdade “perfeita”.

Olhando para essas impressões acerca da fidelidade e lealdade, busquei perceber a importância que os homossexuais dão a esses dois aspectos da vida conjugal como tentativa de empreender o levantamento de questões importantes na roteirização homoconjugal.

O grau de importância e de presença desses dois aspectos na vida dos homossexuais entrevistados foram bastante dispares. A fidelidade ganhou menos sentido nas relações conjugais que a lealdade. Não trair o companheiro é algo difícil e não tem tanto sentido na vida a dois, pois o mundo impõe vários estímulos visuais e como, bem coloca Paiva (2007, p. 41), *“o olho, além de fonte de visão é fonte de libido, e que, portanto, o olhar implica presença no visível e presença no desejo”*, dando vazão a prazeres¹²¹ ainda não sentidos. Porém, ser leal ao parceiro está, sobretudo, ligado à idéia de liberdade¹²², que ganha forma com a possibilidade de construção de novas interações sociais sem o impedimento do “ciúme”.

Enfim, os valores de fidelidade e lealdade estiveram sempre presentes nas relações afetivo-sexuais dos meus investigados, mas a ênfase foi sempre depositada, como sinalizei anteriormente, na lealdade por estar ligada à idéia de negociação dos arranjos conjugais. Os vínculos entre eles ganham força, porque os mesmos descobriram através da lealdade, que certas necessidades físicas e/ou culturais são satisfeitas na companhia de outro ser humano¹²³.

¹²¹ Ver o texto de Foucault (1985).

¹²² Essa mesma impressão aparece nas discussões que já levantei no capítulo 4, quando tratei do relatório cotidiano das atividades que os companheiros executam longe de sua visão.

¹²³ Sobre formação de laços afetivos é importante ver o texto de Bowlby (1990).

CAPÍTULO V

REPRESENTAÇÕES DO RECONHECIMENTO SOCIAL DO CASAL HOMOSSEXUAL: AS HOMOSSOCIALIDADES

(...) As palavras, mesmo antes do momento em que elas entram em nossas mentes e deixam nossas bocas, estão saturadas com as identidades e as intenções de outras pessoas.

Britzman (1996, apud LIMA, 2006, p. 61)

Buscando situar a visão que os homossexuais constroem das suas sociabilidades nos diferentes grupos em que os casais investigados estão inseridos, este capítulo traz um pouco das discussões empreendidas em torno dos elementos de reconhecimento das parcerias homossexuais por parte desses mesmos grupos de sociabilidade.

Para compreender essa dinâmica é importante trazer neste momento um pouco das abordagens, que tratam do casamento homossexual e do reconhecimento político-social dessas parcerias. Para estruturar melhor essa discussão, retomar o conceito de conjugalidade¹²⁴ é fundamental, pois é a partir dessa definição que as concepções de casamento homossexual ganham sentido diante das relações afetivo-sexuais estabelecidas pelos meus interlocutores.

Para os termos deste trabalho, conjugalidade deve ser entendida como uma forma possível de gestão da sexualidade, dos afetos e das ideologias e práticas cotidianas presentes no amor conjugal, que se expressam nas cenas de interações diárias. Essas últimas são identificadas mediante as trocas afetivas, sexuais e cognitivas entre os sujeitos envolvidos na relação.

Mello (2005) diz que a aceitação social das relações amorosas entre pessoas do mesmo sexo é influenciada pelas idéias difundidas e generalizantes do divórcio e da monoparentalidade. Essas mudanças nas práticas e papéis conjugais estão presentes nas representações construídas atualmente em torno da nova família brasileira, possibilitando a legitimação de novos arranjos. O casamento homossexual é um elemento contribuidor dessa nova estrutura familiar. Ele se

¹²⁴ O conceito de Conjugalidade Homossexual foi apresentado na Introdução desse trabalho. Ele norteia todo o estudo sobre homoconjugalidade masculina e se baseia nos estudos de Heilborn (2004) e Matos (2000).

tornou uma possibilidade, mas evocou temores com relação à sobrevivência da instituição em seu papel de mantenedora de uma ordem social, hierarquizada pelo sexo, possibilitadora de transmissão da propriedade e, principalmente, transmissora de valores tradicionais.

Assim, se a rejeição ao casamento gay reside na crença de que a mudança social será catastrófica, isto se dá porque nossa sociedade construiu historicamente uma imagem de homossexuais transgressores e liberados sexualmente, ameaçando o “estado natural” dos grupos sociais. Por isso, a luta por uma parceria civil¹²⁵ entre pessoas do mesmo sexo é uma causa com grande poder de mobilização, mas também uma forma de “domesticação” das demandas de um movimento social que se depara com uma atmosfera de intolerância crescente¹²⁶.

Diante dessas reflexões, percebe-se que o reconhecimento social dos casais formados por pessoas do mesmo sexo se torna “respeitável” a partir do momento em que os mesmos adotam um estilo de vida semelhante ao modelo heterossexual monogâmico estável¹²⁷. Quando se assume que a homoconjugalidade é semelhante à relação heterossexual nos deparamos com a heteronormatividade¹²⁸ (heterossexualidade compulsória). Se os homossexuais não podem se tornar heterossexuais, então, a ordem social encontrou um meio de fazê-los viver com se fossem: devem se aproximar do topo da pirâmide sexual, discutida por Rubin (1989), pois ela garante que os indivíduos serão aceitos socialmente.

¹²⁵ Ver Mello (2005) acerca dos movimentos políticos em torno da parceria civil entre homossexuais. Paiva (2007) também traz essa discussão no final do seu trabalho.

¹²⁶ Ver Miskolci, R. (2007) *Pânicos morais e controle social – reflexões sobre o casamento gay*. Cadernos PAGU, n. 28. Campinas: jan/jun, 2007.

¹²⁷ Não poderia deixar de enfatizar aqui, as abordagens de Rubin (1989) acerca das hierarquizações da sexualidade na sociedade ocidental. Para uma aprofundamento dessa discussão, ver as análises que fiz no marco teórico.

¹²⁸ Ver o texto de Butler (2003), que além de tratar da heteronormatividade, destaca como se constrói as relações de parentalidade nas relações conjugais entre homossexuais.

Nota-se, portanto, que a sociedade rejeita a parceria civil entre homossexuais não apenas por causa da sexualidade, mas, principalmente, pelo seu estilo de vida que pode ameaçar as instituições e formas tradicionais de relacionamento. Por isso, o casamento entre pessoas do mesmo sexo, que se aproxima desse modelo, contribui para formação de uma visão positiva, quando os casais constituídos se revelam e adotam um estilo de vida comprometido com a manutenção da ordem social, das hierarquias de gênero e com práticas cotidianas convencionais.

Por fim, abordarei nas seções abaixo, como os homossexuais masculinos que entrevistei visualizam o reconhecimento de suas parcerias diante das relações de sociabilidade próxima e ampliada que esses estabelecem com os familiares, vizinhos e amigos. Por último, apresentarei uma síntese de como se processa o reconhecimento social dos casais que investiguei, partindo de suas próprias opiniões.

5.1 – Relação do casal homossexual com as famílias

Esta seção propõe o levantamento de algumas discussões acerca das relações que meus entrevistados constroem com sua família de origem, bem como, a família dos seus companheiros. Destacarei também como essas famílias percebem a relação conjugal que eles estabelecem, partindo da visão que eles próprios formulam dessa representação.

Todos os meus pesquisados afirmaram, que as suas famílias de origem sabem da sua orientação sexual. Porém, apresentaram em seus discursos roteiros bastante diversificados quando perguntados como a família ficou sabendo da sua preferência por relações homossexuais. Vejam-se os exemplos abaixo:

“Eles desconfiavam de mim desde que eu era criança... eu sempre gostei de ficar em casa e gostava muito de brincar com os meninos escondido... até que um dia (eu acho que eu tinha 7 anos) minha mãe me pegou fazendo carinho no pênis do meu primo (ele devia ter 12 anos) no quarto da minha tia. Ela disse ao meu pai e ele me bateu muito.... mas continuei desejando homens... então... eu... tinha 17 anos quando comecei a sair muito de casa à noite e dormia fora (estava nesses momentos com o meu primeiro namorado, no motel) e meus pais começaram a me perguntar com quem eu estava saindo e eu, com muito medo dizia, que era com uma namorada e que ia pra o motel, mas depois não agüentei mais e disse a verdade. Cheguei na sala e disse: -olha tenho uma coisa pra dizer, eu sou homossexual e vocês gostem ou não vou continuar assim. Minha mãe levantou e disse que não aceitava aquilo, o que as pessoas iam dizer (acho que ela tinha medo que eu me tornasse um travesti ou algo assim); já o meu pai disse que a vida era minha, que eu apenas tivesse cuidado com o mundo, e pronto... comecei a viver sem ficar escondido. Foi uma maravilha”. (Carlos – 29)

“É... num primeiro momento foi pra minha mãe, né, ela procurou me encaminhar pra... pra psicólogo, psiquiatra, junta médica, não aceitou. Num segundo momento foi aquela situação que eu disse que cheguei tarde, meu pai foi chamado e então assumi para os dois... ‘tá... esperei uma reação mais bruta do meu pai, mas foi uma total, é... compreensão... me surpreendi, de lá para cá não assumi nem relacionamentos e nem posturas que viesse a mesclar, a disfarçar a minha opção... ou seja, não procurei”. (Paulo – 38)

Nota-se nos trechos acima que as trajetórias percorridas pelos meus entrevistados ao longo do “revelar-se” homossexual para as suas respectivas famílias de origem foram marcadas por situações de repulsa/aceitação da orientação. Carlos (29) e Paulo (38) tiveram uma resposta mais positiva por parte dos pais e não das mães. Em conversas informais com esses dois entrevistados os mesmo consideram esse comportamento controverso, pois possuíam a idéia de que a mãe deveria ser mais flexível em aceitar a orientação sexual deles já que ela, ao longo de sua vida conjugal, havia passado por dificuldades de integração com outros grupos por causa de seus respectivos pais: *“meu pai nunca deixava minha mãe sair, se divertir, não gosta de mulheres liberais demais”* (Carlos – 29).

Encontramos de contrapartida dois interlocutores que afirmaram não ter comentado com suas famílias acerca da relação que mantêm com seus respectivos companheiros:

“Eu nunca cheguei pra nenhum deles... aliás, quem sabe mesmo assim... que eu cheguei pra dizer é minha cunhada, esposa do meu irmão, que eu conversei com ela, e disse. Isso já faz um bom tempo bem antes de Elias... é... as minhas duas cunhadas sabem, pelas perguntas que são feitas... Uma eu conversei mesmo com ela. Abri o jogo porque foi num momento que eu tava muito mal, que um cara tinha acabado a relação, então eu tava... precisava de um apoio... precisava conversar com alguém que me conhecesse, que conhecesse ele também, que ele já tinha ido lá em casa... essas coisas... pra ouvir, eu precisava botar pra fora o que eu tava sentido. Não adiantava esconder... Ah! Porque não como um amigo? Não sei, né, então cheguei e falei abertamente pra ela, foi ótimo, eu me senti... né? Mas com a outra não, também eu não disse nada, mas... ela é uma pessoa que já tem uma certa vivência, então, percebeu como é que funciona a dinâmica, então, eu não cheguei pra ela disse, como também não disse pra ninguém da minha família, mas óbvio os meus irmãos não são bestas, mas pai... minha mãe, mãe... é a desgraça do mundo, né? mãe... não damos um passo que a bicha não saiba o que agente faz, não perceba, né? meu pai é... é uma mosca morta, meu pai se ilude, não sei se é uma defesa dele pra não encarar a realidade ou ele é um iludido mesmo, mas minha mãe... eu tenho certeza que ela sabe, mas não de minha boca”. (Roberto – 31)

“Quando a família entende a coisa fica mais forte. Quando eu conheci Mateus eu fiquei na clandestinidade. Não queria que minha família soubesse do meu desejo por homens. Fui noivo de uma mulher e todos sabiam que eu era hetero, mas, depois que conheci Mateus mudou um pouco. Passei a andar muito com ele, ia muito no trabalho dele. Até que um dia uma amiga da minha irmã esteve no trabalho de Mateus para fazer uso dos serviços prestados por ele e disse a minha irmã que me viu lá. Não teve dúvida ela foi lá e conferiu de perto o que estava acontecendo. Eu nunca disse a família, mas acho que eles sabem. Tive alguns problemas com isso, mas agora “tá tudo bem, ninguém comenta e nem eu comento”. (Fernando – 31)

Roberto (31) e Fernando (31) disseram não ter comunicado diretamente às suas famílias acerca de sua orientação homossexual, mas, segundo eles, os parentes mais próximos sabem de suas escolhas baseados no estilo de vida que possuem no dia-a-dia: *“só o fato de está morando com outro homem já demonstra uma preferência diferente, não é?”* (Fernando – 37).

Por fim, Gilvan (37) traz em seu discurso aspectos singulares sobre esse tema. Ele diz que a sua família tem conhecimento de sua relação conjugal com Bruno (28) através dos vizinhos e outras pessoas ligadas a sua família por laços de amizade, mas segundo esse entrevistado, seus parentes não aceitam essa parceria por considerar “anormal”. Veja-se o trecho abaixo, que exemplifica:

“Minha família sabe através da boca dos outros. Sabem, mas não aceitam. Nunca cheguei pra contar nem cheguei para perguntar se eles sabem”.
(Gilvan – 37)

Esse discurso faz retomar as idéias médico-higienistas do século XX, onde a homossexualidade era considerada patológica mental que deveria receber tratamento especializado como o objetivo de curá-la.

Partindo desse resgate do “afirmar-se” homossexual diante da família de origem, outro aspecto levantado ao longo da pesquisa diz respeito à relação que os meus entrevistados estabelecem com suas famílias. Esse aspecto é importante, pois traz uma reflexão acerca da visão que esse grupo social faz da conjugalidade homossexual e, em especial, da homoconjugalidade dos entrevistados. Vejam-se os discursos dos mesmos a respeito desse aspecto:

“Jááááá assimilaram a idéia, já não há muita, já não há resistência. Como eu disse: sou filho de pais separados, então na casa da minha mãe, é... eu passei a ter livre acesso, embora não esteja... embora vá lá uma vez por mês ou menos, às vezes até vou duas ou três vezes seguidas, não é, na quinzena, mas... ele [parceiro] tem acesso livre, ele pode fazer um bolo e mandar pra ela, ela faz um doce e manda pra ele... Com o meu pai, ele sabe, não é doido, eu falei... mas eu não comento. Eu não vou na casa dele acompanhado, também não acho que tenha que ir acompanhado. Não acho que ele tenha que me receber com a companhia de quem quer que eu esteja... Ele é meu pai, sou filho dele, a relação de um para o outro e do outro para... dele para comigo, então... quando eu vou na casa dele, eu vou só, às vezes é... vou três, quatro, cinco vezes ao ano, mas é... quando estou só na minha casa ele também vem, ele se limita... por vezes liga antes para saber se é o momento... existe um respeito... uma sutil preocupação de não ter uma invasão do espaço e uma agressão, embora já aconteceu de um encontro casual, não é, e aí a apresentação: esse aqui é meu amigo, esse daqui é meu pai, pronto... as conclusões... até porque sempre vai ser meu amigo porque eu não transo com inimigo”. (Paulo – 38)

“Agora tá ótimo. Dez. Tive momento difícil, até por causa da minha opção sexual, mas isso passou. Sou adulto e independente. Posso agora ajudar eles”. (Roberto – 31)

“Minha relação com meus familiares é mais afastada. Não é como era quando era adolescente. O olhar para mim é diferente. É mais fechada, quando eu ligo para casa da minha mãe me tratam como se fosse um vizinho”. (Gilvan – 37)

“Minha família não frequenta minha atual casa, mas também não atrapalham minha relação com Mateus... Quem participa mais de perto é minha mãe. Ela me visita algumas vezes e gosta muito de Mateus. O restante da minha família não entende e não aceitam minha relação, pois

me viram muitos anos, noivo de uma mulher e acham um disparate a minha relação com um homem, mas... tudo bem". (Fernando – 31)

Percebe-se, de forma geral, nos discursos dos meus interlocutores uma relação contratual de silêncio com suas respectivas famílias de origem, ou seja, os parentes sabem das relações conjugais que eles estabelecem com outro homem, mas não se comenta sobre o assunto com o objetivo de evitar conflitos oriundos das divergências de opiniões acerca da parceria homossexual. É importante destacar aqui o discurso de Paulo (38). De acordo com esse pesquisado, a relação com sua mãe ficou mais amena depois que ele assumiu sua homossexualidade. Segundo ele, a relação afetivo-sexual dele com Severino (34) é respeitada e vista com muita alegria por sua mãe. Porém, ao longo de seu discurso, nota-se uma ênfase na relação dele com o pai. Paulo (38), durante algumas conversas informais, disse não gostar que seu pai o veja em situações de intimidade com seu companheiro, pois não acha prudente coloca-lo diante de situações constrangedoras. Afirma ainda que, já aconteceram encontros casuais do seu companheiro com seu pai, mas Severino foi apresentado por Paulo como um grande amigo. Isso demonstra a “proteção”, que meu interlocutor procura estabelecer evitando conflitos entre os familiares e seu companheiro.

Todavia, é importante perceber o que diz Carlos (29). Esse pesquisado traz em seu depoimento uma visão positiva da relação que ele estabeleceu com sua família depois de sua parceria com Antônio (30). Segundo ele:

“(...) depois que assumi minha relação com Antônio minha família começou a me respeitar mais, não sei... não sei se foi pela quantidade de responsabilidade que assumi, não sei... Só sei que temos hoje uma relação aberta e saudável, graças a Deus...”. (Carlos – 29)

Isso demonstra como a família de origem ocupa um lugar importante na formação de relações sociais para grande maioria dos homens (MATOS, 2000). Ela funciona como uma instância formadora e encarrega-se da produção de sujeitos

necessários a vida social, adaptando os indivíduos para a conduta orientada em função da autoridade, da qual depende em grande parte a ordem burguesa (MATOS, 2000; THERBORN, 2006 e COSTA, 1999). Porém, de acordo com Roberto (31), quando sua família de origem tomou conhecimento que ele estava morando com Elias (48) mudaram a forma de olhar para a homossexualidade. Talvez esse seja um acordo interno da família (consciente ou inconsciente) na tentativa de manter o quadro relacional com o entrevistado, anterior a sua parceria afetivo-sexual com outro homem. Veja-se o que ele diz:

“Eu acho, eu acho que contribuiu... porque não se faz mais brincadeiras de gays, eu percebi isso... não se faz... tu ta entendendo? Porque antes era assim: Ah! fulano, ai no sei o que, tira! Agora não! não se faz, se faz quando eu faço. Como se dissessem: ele permitiu. Mas quando é o contrário, não... Eu percebi isso, que eles antes... eles brincavam e tiravam onda, ridicularizavam, agora não... não fazem... brincam, mas aquela coisa... leve, tu ta entendendo? Leve, ai aproveito e entro na brincadeira, ai beleza, né. Ele não se ofendeu então... tu ta entendendo? Porque eu tento passar que... eu continuo sendo a mesma pessoa... ta entendendo? Eu não deixei de ser homem, porque eu durmo com outro homem, transo com outro homem. Eu tenho a mesma virilidade, eu tenho a mesma... né? então, quando eu chego em casa eu também tento fazer as mesmas coisas que fazia quando morava lá... faço as mesmas coisas... continuo... fazendo o mesmo... Eu quero mostrar que não muda nada. Aos poucos eu tô conseguindo que eles vejam com outros olhos, percebam diferenças. A partir do momento que não fazem mais brincadeiras, então se deram conta que posso ofender... né? e se não fazem mais brincadeiras porque acham que podem ofender. Se deram conta da minha condição... né? então... Você pode perguntar: foi tão natural... assim? Foi gradativo, porque eles viram também que Elias não é nenhuma louca,... não é nenhuma... não é nenhum desvairado que tem pinta. Elias trabalha, Elias tem... pêlos, é todo peludo, fala grosso, então: pêra ai... tem nada de errado nisso...”. (Roberto – 31)

Quando questionados acerca das relações que estabelecem com a família de seus companheiros, Carlos (29) e Roberto (31) se destacam, pois trazem um discurso voltado para a positivação do reconhecimento da relação conjugal que construíram com outro homem. Vejam-se os trechos abaixo:

“Ah! Você precisa ver a reação da família dele quando me ver... todos me adoram. As tias dele me tratam como sobrinho de tal forma que só querem que eu trate elas como tias: tia fulana de tal, tia beltrana e assim por diante... A vovó dele é outra... quando chego na casa dela ela me abraça, me beija, me acolhe como se eu fosse Antônio... É maravilhosa a relação da gente... mas... a gente não nos visitamos sempre. O encontro com a

família de Antônio se dá quando temos as grandes festas... ou quando vamos visitar alguém doente ou porque resolvemos visitar e pronto...". (Carlos – 29)

"Ah! Tranquilo. Relação de família mesmo... sem conflito, sem nada. Eu tinha muita vontade de conhecer o Rio de Grande do Sul, então... né, Elias me levou numa viagem pra conhecer o Estado e ficamos hospedados na casa da mãe dele e lá todos me viam como o mais novo companheiro de Elias. Foi assim, simples sem muitas cerimônias". (Roberto – 31)

Observa-se neste ponto que a família do companheiro de ambos os entrevistados compartilham da relação e reforçam os laços de parentesco ao criarem uma nova categoria: o companheiro de um parente consangüíneo. Pensar no vínculo parental, que esses sujeitos possuem nessas famílias possibilita levantar uma discussão acerca da dualidade entre a afirmação do que se pode fazer e do que não se pode (LÉVI-STRAUSS, 1976). Essa construção permite ao casal formular um conjunto de esquemas de socialização da relação no contexto familiar de ambos os envolvidos na parceria. Mas, isso foi percebido com maior desenvoltura na relação com a família dos companheiros. Quando se trata da relação com sua própria família, as estratégias mudam e tomam outros caminhos. Esses últimos são destacados como formas próprias de viver as relações de conjugalidade.

Por fim, a família de cada um dos homossexuais envolvidos numa relação conjugal possui um papel importante no processo de reconhecimento da parceria, pois é nesse grupo de socialização primária que laços e vínculos vão se formando dando consistência aos valores fundantes das vivências familiares contemporâneas (MELLO, 2005).

5.2 – Casal homossexual e suas relações de vizinhança

As relações de vizinhança são formas de associação que remetem às idéias de solidariedade e cooperação social importante para inserção dos sujeitos

nos grupos de sociabilidade. Porém, falar das relações estabelecidas entre casais homossexuais e os seus vizinhos requer um cuidado especial, pois os próprios homossexuais pesquisados evitam comentários mais detalhados acerca desses vínculos. De acordo com os entrevistados, os vizinhos formam um grupo que permite um reconhecimento do espaço onde residem: *“Nossos vizinhos nos ajudou muito a conhecer os espaços oferecidos pelo bairro”* (Roberto – 31).

Mas, quando se referem aos vizinhos como contribuidores para a socialização de suas parcerias, costumam ser mais resguardados enfatizando os elementos que os afasta do convívio direto com esse grupo de sociabilidade.

Questionados acerca das relações com os vizinhos e como eles vêm a parceria conjugal construída pelos casais pesquisados, quatro dos entrevistados destacaram um discurso bastante significativo no levantamento de algumas questões importantes para a análise e reflexão desse processo:

“Tirando a briga que Antônio teve com a vizinha do outro apartamento... A nossa vizinhança sabe que a gente é um casal gay e nos respeita muito... Todos falam com a gente, mas só através dos cumprimentos... bom dia, boa tarde, boa noite... a gente não gosta de ficar batendo papo com os vizinhos nos corredores e calçadas do prédio, porque temos a idéia que essas conversas só trazem problemas,... entende? Então, gostamos de cumprimentar os vizinhos e nada mais... Mesmo assim nossa relação com os vizinhos é uma relação amigável... de paz... Ninguém procurou nos expulsar de nossas casas!”. (Carlos – 29)

“Moramos num prédio, único. Não é aquele conjunto com blocos. É um prédio só. Só quatro apartamentos por andar. Nossos três vizinhos, um chegou há pouco tempo, uma segunda vizinha eu consigo me encontrar com ela uma vez por mês, normalmente, eu estou descendo o elevador, ela está subindo, vice-versa, a terceira que uma relação mais íntima, mas é limitada, não é? (...) Desconfiamos que os vizinhos saibam, mas não temos a necessidade de pendurar a bandeira do arco-íris na janela ou de ‘tá trocando carícias num... no carro na garagem, né? Fechou a porta do apartamento, também não temos a preocupação de nos policiarmos ao nos chamarmos de uma forma mais carinhosa, se tem ou não alguém no corredor... haja vista, tem um combongó na cozinha, uma ventilação no corredor e tudo que se fala na cozinha se escuta no corredor. Não temos essa preocupação, né? Se queremos ouvir I will survive, Edson Cordeiro, qualquer coisa assim, que possa ser um indicativo... ouvimos, né? Somos umbandistas e saímos de casa de kafita, que tem uma semelhança com um vestido, não é, não temos essa preocupação, mas também não temos porque ficar, é... cultuando determinados carinhos na frente dos outros. A vizinha que entrou para ver o apartamento viu que em quarto era o guarda-roupas, livros, o quarto da bagunça, o outro é tem uma única cama de

casal, então... Mas esse é o nosso mundo sem, não temos a necessidade de 'tá divulgando'. (Paulo – 38)

“É o mais social possível: bom dia, boa tarde, boa noite, como vai. A gente não tem intimidade com os vizinhos, não tem... não dá intimidade com os vizinhos, né? Algumas pessoas do prédio como nós, também formam casais homossexuais, olham para gente e percebem... mas... A gente se visita de vez em quando, não é uma coisa de 'tá o tempo todo na casa do outro. Quando tem... por exemplo, vem pra cá que eu vou fazer um jantazinho, a gente desce, Ah! Vem pra cá... eles sobem... Ah! Vamos pra tal lugar... vamo... os quatro, mas não é essa coisa de 'tá o tempo todo no gueto, sabe? Mesmo com o vizinho, a gente prefere estabelecer limites de convivência, que a gente... é uma coisa que a gente presa muito é isso... essa individualidade do casal e a... a descrição, a intimidade. Mesmo quando a gente 'tá no meio de pessoas que sabem, essas coisas, o mais normal possível, a gente não fica se agarrando”. (Roberto – 31)

“Os vizinhos visitam a gente às vezes, pois são clientes de ambos. Porém, acho que eles possuem muitas curiosidades sobre nós dois e vêm para cortar o cabelo ou para ver os novos móveis que adquiri para meu antiquário com o interesse de matar um pouco da curiosidade, mas isso não me afeta e acho que a Mateus também. A intimidade maior eles não vêem porque não somos de mostrar a intimidade para vizinhos. O que é privado entre nós é só nosso. Uma relação de intimidade com os vizinhos só traz brigas, inveja e rompimentos desnecessários... então... não! A convivência é normal e continuamos nos falando: Oi, tudo bem! Bom dia...”. (Fernando – 31)

Os entrevistados destacados acima disseram em seus depoimentos que não mantêm relações de intimidade com os vizinhos por achar esse aspecto formador de conflitos sociais entre os grupos (o casal e a vizinhança). Por isso, enfatizam as relações de cordialidade do casal para com os vizinhos e vice-versa: *“Bom dia, Boa tarde, Como vai?”*. Além disso, em conversas informais com os casais acerca da visão que seus respectivos vizinhos constroem das suas parcerias destacaram aspectos sociais negativos. Disseram que a maioria dos vizinhos gosta de fiscalizar as suas vidas, fazendo imposições e exigências comportamentais, que não estão dispostos a atender por terem uma vida independente das opiniões alheias.

No discurso de Roberto (31) percebe-se algo bastante interessante: os vizinhos que o casal possui maior contato são também parcerias homoconjugais. Isso demonstra uma sociabilidade com grupos de igual orientação sexual, talvez por

uma ausência de uma consciência social de reconhecimento/aceitação da díade homossexual.

Fernando (31) destacou que seus vizinhos procuram o casal, pois são em sua maioria clientes dele e do seu companheiro. Fernando (31) possui um antiquário em casa e vende móveis antigos; Mateus (38) é cabeleireiro e, às vezes, atende em casa. Mas, essas visitas são interpretadas pelo meu interlocutor como uma estratégia dos vizinhos em se aproximar do casal, pois possuem curiosidades acerca da convivência de dois homossexuais.

Segundo Heilborn (2004), a ordenação do mundo público gay, mostra-se fundada em relações múltiplas com diferentes grupos de sociabilidade, ainda que se possa considerar, como o faz Pollak (1987), que tal estruturação tenha se inspirado num modelo de mercado.

Todavia, Gilvan (37) teve um discurso diferente quando inquirido sobre a relação do casal (ele e Bruno) com os vizinhos. Para esse entrevistado seu contato com os vizinhos é melhor do que com os familiares:

“Os vizinhos nos tratam bem, sabem sobre nosso ‘casamento’ e gostam de mim e de Bruno, pois somos bastante prestativos... Temos a nossa jurema em casa e de vez em quando nos visitam para saber sobre nós e sobre nossos santos. Eles nos vêem como um casal... igual um homem e uma mulher, mas não gostamos de demonstrar carinhos na frente deles, pois achamos, que isso é só nosso, entende? Mas meus vizinhos são bons e... fofocas existem em qualquer canto, é só não provoca-las e se ajudar sempre...”. (Gilvan – 37)

A relação que Gilvan e Bruno estabelecem com a vizinhança ainda constitui uma relação de cordialidade, porém com um diferencial, observado por mim ao longo das minhas visitas na residência do casal: a parceria em questão percebe entre os seus vizinhos uma consciência social de que eles formam uma relação homoconjugal. Além disso, o entrevistado destaca aspectos positivos em sua relação com os vizinhos baseada na solidariedade. Ele faz essa reflexão tomando como referencial sua relação conflituosa com sua família de origem.

Diante disso, o reconhecimento dos casais homossexuais pesquisados por parte da vizinhança é um tema que exige um aprofundamento maior, pois como o foco desse trabalho foi a visão que os entrevistados possuíam da aceitação/reconhecimento de suas parcerias partindo da relação/convívio com os vizinhos, não se pode concluir como os vizinhos percebem essas parcerias em sua dinamicidade. Porém, pode-se afirmar que os homossexuais entrevistados consideram que são reconhecidos como casal por parte dos vizinhos, já que não observam manifestações de repúdio dos vizinhos em relação ao fato de perceberem que dois homens moram juntos.

Todavia, notam-se nos depoimentos que essa relação pode ser conflituosa ou pacífica dependendo dos objetivos formulados em torno da sociabilidade de ambos os grupos (casal/vizinho). Isso ocorre, pois, segundo Miskolci (2007), a reação social a um fenômeno como a homoconjugalidade surge tanto do perigo real quanto do temor de que ele ameace posições, interesses, ideologias e valores. Além disso, esse perigo é puramente moral, porque o que se teme é uma suposta concepção idealizada da parte dela, ou seja, as instituições históricas detêm graus de valorização importantes na formação da família e do casamento. Portanto, o casal homossexual é segundo Barthes (2003), um pequeno sistema prático e afetivo de ligações contratuais ente ele e os demais grupos de sociabilidade. Talvez assim, a visibilidade ocorra e com isso o reconhecimento social se processe na busca da aceitação da homoconjugalidade masculina.

5.3 – Relações de amizade do casal homossexual

A relação com os amigos é outra forma de sociabilidade importante para refletir sobre a visão que os homossexuais podem construir acerca do

reconhecimento de suas parcerias por parte de todos que formam o grupo de amizade da díade.

Primeiramente, os entrevistados foram questionados sobre as pessoas com as quais o casal costumava se relacionar além da família e dos vizinhos. Todos os interlocutores disseram se relacionar com amigos de trabalho, amigos de amigos, professores, alunos, etc. Porém, pedi para que eles relatassem um pouco como se davam essas relações e com que frequência o casal visitava e recebiam visitas desse ciclo de amizade. Vejam-se os depoimentos mais significativos desse aspecto da vida a dois:

“Nós temos muitas amiGAS e não amiGOS, não sei por quê, mas... temos muitas amigas e poucos amigos... o interessante é que os nossos amigos não nos visitam, talvez... sei lá... seja porque não damos espaço para essas visitas por causa do ciúme que pode existir... não sei, acho que é uma necessidade de proteger.... entende? A frequência que a gente é visitado pela nossa amigas é difícil dizer ao certo, porque elas não chegam na nossa casa assim... primeiro elas ligam pra saber se a gente tá em casa e depois marcamos o dia e a hora pra visita, preparamos uma comida ou lanche e esperamos as amigas. Porém, elas nos visitam uma ou duas vezes por mês. É legal, a gente ri muito, a gente fala da vida d'outros e assistimos muitos filmes...”. (Carlos – 29)

“Ah! Sim... é... do meu trabalho: não temos. Os meus companheiros de trabalho não têm infiltração nas minhas horas de lazer. Eu não compartilho das minhas horas de lazer para com eles, os da faculdade sim... não é? Nós temos amigos em comum, a gente se encontra, bate papo, ah! Eu vi fulano, ah! Eu vi cicrano, não é? Já do meu trabalho não, do universo dele, universo acadêmico, recebo muitos beijos, sempre recebo lembranças, não é, até porque é uma convivência assim: pouco alegre, pouco festiva. Tá... é com pouca frequência que eles nos visitam, né, o espaço é nosso, até porque por vezes, não temos horário ritual pra transar, pode ser de manhã cedo, daqui há uma hora de novo e não tem hora certa (...).” (Paulo – 38)

“Sim, a gente tem... outros amigos em comum, que a gente sai, essas coisa, mas também não é muito freqüente. Não tem uma sistematização, vai... depende muito da disponibilidade das pessoas. Depende da disponibilidade de ambos os casais. Às vezes eles chamam, a gente não pode porque já tem outro compromisso, né? Ai às vezes a gente chama, também eles não podem porque tem outras coisas. É disponibilidade, mas... telefone, sempre se falando: olha vamo pra tal lugar, tal dia no seio o que? Como ta? Se mantém. Agora... tanto da minha, meus amigos a maioria é hetero. Se eu contar as relações de amizade que eu tenho com gays, meu amigo, eu conto no dedo”. (Roberto – 31)

As relações de amizades dos três entrevistados destacados nos depoimentos acima são baseadas no grau de intimidade que esses possuem em

relação à homoparceria. Carlos (29) destaca que seus laços de amizade são compostos na sua maioria por amigas e não por amigos, pois, segundo ele, a relação de amizade com outros homens pode criar conflitos com o companheiro, oriundo de ciúmes¹²⁹. Quanto à visita dessas amigas, o entrevistado disse ser mediada pela disponibilidade de tempo para os encontros, pois para o casal as relações de amizade precisam ser controladas na tentativa de manter a respeitabilidade entre todos (informação dada pelo interlocutor durante as conversas informais). Essa idéia é compartilhada por Roberto (31) em suas relações de amizade.

Nota-se no depoimento de Paulo (38), que as relações de amizade do casal são centradas mais nos amigos do companheiro do que nos seus. Quando se referem aos amigos do trabalho a relação do casal com esses é ainda mais difícil, pois Paulo (38) é militar e a aceitação de relações homossexuais nesses espaços é considerada um tabu¹³⁰. O casal em questão não gosta da presença constante de amigos em sua residência, pois essa freqüência cria uma relação de intimidade que ofusca a intimidade do próprio casal (GIDDENS, 1999 e PAIVA, 2007).

Após essa breve descrição desses aspectos que envolvem a relação dos casais pesquisados com seus amigos foi hora de questionar como os meus interlocutores percebem a visão que seus amigos têm da sua relação conjugal com outro homem. Os trechos abaixo permitem observar alguns desses aspectos e outros, que analiticamente são relevantes:

¹²⁹ Alberoni (1999, p. 65) diz que *ciumento é aquele que se dá conta de que a pessoa amada encontra em outra algo da mesma natureza daquilo que encontra nele: um detalhe, um gesto, um talento ou uma virtude. (...) O ciúme surge com a descoberta de que a pessoa que amamos se sente atraída, fascinada por algo que não temos, e que outra pessoa possui*".

¹³⁰ Aqui é importante fazer um comentário. Embora os espaços destinados ao trabalho militar seja um local predominantemente controlado pelos códigos da relação masculina, a mídia e outros meios de propagação divulgam constantemente casos de relações homossexuais entre os integrantes dos quartéis das forças armadas. Diante disso, a homossexualidade ganha, nesses espaços, o tabu a sua não visibilidade.

“Olha, poucas pessoas sabem que eu tenho uma relação com ele, sabe? Não são idiotas, sabem que eu sou gay. Algumas pessoas nunca disseram. Mas não preciso dizer, né?... Ai, mas aqueles que sabem, na maior, tranquilos, sem... Eles perceberam que os gays não são tão diferentes, né, eles pensam, choram, são inteligentes, sabem buscar, sabem respeitar; que é o principal, não é? Que não é todo gay que fica tirando onda, que fica pegando, que fica... não é?” (Roberto – 31)

“Eles nos consideram como duas senhoras bem comportadas... porque... porque nós somos calmos, não gostamos de badalações, não gostamos de estar em boates, nem de... grande festas com muita gente... a gente gosta de cinema, teatro, barzinho, com as amigas mais próximas... São elas que dizem que somos muito comportados, pois os casais gays que elas conhecem são promíscuos, vivem uma relação aberta e gostam de curtidão e noitadas...”. (Carlos – 29)

“Tá!... eles vêem como mais uma história, que teve um começo, um meio e terá um fim. O prazo de duração, esse meio tempo, é que às vezes eles se espantam, não é? Com o casal homossexual, que não tem bens compartilhados, que não deve satisfação a sociedade, a sociedade às vezes os condenam. Quem da família sabe mais? Não devemos satisfação nem a nossa família e nem a... uma a família do outro, não é, então as raízes não são, as raízes ou empecilhos pra separação não são tão grandes como no casal hetero”. (Paulo – 38)

Observa-se nas falas de Carlos (29) e Roberto (31), que seus amigos os vêem como casais constituídos sob um “ar” de seriedade e compromisso de um para outro, pouco percebido entre outros homossexuais que conhecem. Carlos cita o afastamento dos guetos como importante para manter a “tranqüilidade” da relação a dois. Sobre isso Paiva (2007, p. 267) afirma que:

A descoberta do “ser” homossexual, em todos os sujeitos entrevistados, está associada a essa experimentação, mas pouco a pouco, à medida em que iniciam seus relacionamentos e passam a sentirem-se “casados”, tendem a fazer um uso mais comedido dos guetos (quando não os abandonam) e da socialidade noturna. Muitos referem-se aos lugares “gays” como lugares de conquista, lugares para quem está solteiro, e portanto migram dos guetos para lugares menos saturados sexualmente”.

Portanto, nas minhas observações (conversas) com os casais, percebo analiticamente que o reconhecimento/aceitação da homoparceria por parte dos amigos dos entrevistados é um processo valoroso para o casal, pois eles permitem um contato com aspectos e relações exteriores à residência (DAMATTA, 1997). Isso é possibilitado pelas festas, passeios e viagens com amigos como forma de interação social com outros grupos.

5.4 – Representações do reconhecimento social do casal: uma análise

O reconhecimento social e jurídico das relações duradoura entre homossexuais vem ganhando espaço no campo político-social internacional desde o final da década de 1960. Mas, foi no final da década de 1980, que esta questão adquiriu uma visibilidade significativa, trazendo resultados positivos para as díades homossexuais (MELLO, 2005; FERNANDES, 2004 e POLLAK, 1987). No Brasil, observa-se até a metade da década de 1990 uma reivindicação dos grupos homossexuais organizados voltados para a proibição da discriminação por orientação sexual e não por direitos civis para as homoparcerias (MELLO, 2005).

Com o objetivo de lutar pelos direitos sociais e civis dos casais homossexuais, o grupo organizado Triângulo Rosa, do Rio de Janeiro, mobilizou-se politicamente para garantir o direito de igualdade diante da Constituição de 1988. Esses movimentos motivaram outros segmentos e grupos a construir uma pauta de reivindicação para as parcerias afetivas estáveis entre homossexuais. Em 1995, depois da Primeira Conferência de Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis (ABGLT), a deputada Marta Suplicy, reunida com especialistas e lideranças, formulou as propostas para construção do Projeto de Lei nº. 1.151, que propõe as regras de união civil entre pessoas do mesmo sexo e dá outras providências. Essa é uma tentativa de reconhecer e legalizar as uniões estáveis entre homossexuais, propondo a sociedade um novo conceito de casamento, de família e de conjugalidade. Reações contrárias às idéias propostas surgiram de diferentes instituições em defesa da família e da moralização da sociedade brasileira

(MELLO, 2004), mas isso só aumentou a luta dos movimentos homossexuais por direitos de cidadão.

Ao longo do século XX, a criminalização e a psiquiatrização da homossexualidade se fazia necessária para construir esta zona de exclusão, mantendo a legitimação da heterossexualidade. Portanto, o reconhecimento social e jurídico do casamento homossexual produz um deslocamento das fronteiras da institucionalização dessas parcerias. Esta conquista não representa apenas a ruptura com a discriminação por orientação sexual, mas, sobretudo o reconhecimento do laço afetivo-sexual e social homossexual, faz da homossexualidade uma forma de sociabilidade¹³¹.

Miskolci (2007, p. 123-124) afirma que,

A luta pela parceria civil faz pensar em uma observação de Foucault (2007), a de que a sociedade rejeitava gays e lésbicas não por causa de sua sexualidade, antes porque seu estilo de vida ameaçava as instituições e formas convencionais de relacionamento. A possibilidade do casamento entre pessoas do mesmo sexo corrobora essa visão, pois casais assim formados revelam-se aceitáveis quando adotam um modelo de relação comprometido com a manutenção da ordem social, das hierarquias de gênero e com práticas sexuais convencionais.

Continuando, o autor diz que o reconhecimento legal das parcerias homossexuais se torna respeitável quando essas díades se igualam ao modelo heterossexual monogâmico estável. Isso remete às discussões já empreendidas anteriormente sobre as hierarquias de sexualidade levantadas por Rubin (1989).

Partindo dessa discussão teórica, passo agora a refletir um pouco sobre as opiniões que os meus entrevistados possuem acerca do casal homossexual em geral. Essa é uma oportunidade significativa, pois permite uma análise dos elementos mais destacados pelos interlocutores na constituição de um casal com possibilidades de reconhecimento de suas parcerias. É importante

¹³¹ Ver o texto de Arán (2007, p. 2), *Políticas do desejo na atualidade: o reconhecimento social do casal homossexual*, apresentado no IV Encontro Latino Americano dos Estudos Gerais de Psicanálise. Disponível em: <http://www.estadosgerais.org>. Acesso em: 17/01/2008.

destacar que esses depoimentos podem não corresponder às características presentes em suas próprias relações, mas como as representações são, segundo Jodelet (1989), modalidades de conhecimento prático orientadas para compreensão de um fragmento da realidade social, observa-se nas falas dos meus entrevistados visões de um dado momento acerca da homoconjugalidade masculina. Vejam-se os trechos abaixo:

“Eu vejo como uma concepção de família, né? É... eu vejo que é ... têm casais [homossexuais] que são mais estáveis do que casal hetero, né? Eu acho que a cumplicidade entre eles é maior que um casal hetero, o respeito é maior... Eu não vejo negatividade, muito pelo contrário, eu vejo que é uma coisa positiva que... contribui pra o crescimento de cada um, porque assim... é como se fosse uma sensação de equiparação, por exemplo: quando eu comecei a namorar com Elias, não tinha emprego, tinha acabado o 2º. Grau, não... queria fazer o vestibular, mas,... né? Elias disse: não, vamos, você consegue um emprego, a gente, você vai correr atrás, eu - vou lhe ajudar e você vai fazer vestibular sim... eu quero que você seja alguém, né? E é isso... porque eu vejo que... quando a pessoa... uma relação gay eu acho que... tenta trazer... se você tem um nível melhor tenta acudir o outro, né? A cumplicidade mesmo, no casamento hetero, o teu nível é superior, mas se minha mulher não tiver... tanto faz, né? sabendo cozinhar, cuidar das crianças ta ótimo,... tu ta entendendo? Eu vejo que é uma coisa positiva, essa relação gay-homem, pode ser que a sociedade ache uma coisa... uma aberração, mas pra quem vivencia é positivo, porque um quer sempre o melhor do outro... ta entendendo? Puxa sempre pelo melhor, isso vai desenvolvendo relações de cumplicidade, relações de lealdade, relações de fidelidade, também por que não? Vai pra esse princípio”. (Roberto – 31)

“Eu acho que é importante pra que a sociedade veja que nós somos pessoas boas e que queremos apenas viver como qualquer um deles e não queremos chocar a sociedade com a nossa relação.... Acho também que o casal gay que possui uma relação séria mostra que nós não queremos apenas trepar e sim dividir nossa vida com outra pessoa que amamos e desejamos... entende? Por isso, acho que... o casal gay aparecendo na sociedade vai deixar as pessoas pensando se resolverem discriminar esses dois seres que se amam sem... sem... medo de ser feliz, sabe?”. (Carlos – 29)

Os entrevistados acima mostram em seus discursos uma idéia positiva da conjugalidade homossexual. Segundo esses interlocutores a relação afetivo-sexual entre homens é uma oportunidade singular para mostrar a sociedade o lado pouco conhecido dos homossexuais: uma parceria cúmplice, que busca na lealdade e na seriedade os instrumentos para uma boa convivência social. Roberto (31) destaca que o casal homossexual possui uma cumplicidade pouco percebida entre

os heterossexuais. Mas, ele destaca em seu discurso também a desigualdade de gênero como elemento de distanciamento do casal heterossexual. Isso pode ser característico de uma forma de sociabilidade que possibilita segundo Carlos (29), uma compreensão de que a intenção do par homossexual não é apenas relacionar-se sexualmente com vários homens e, sim, criar novas formas de relacionamento entre homens e dessas com a sociedade. Todavia, Paulo (38) mostra um discurso desacreditado em relação a parceria homossexual romântica (GIDDENS, 1993). Para ele, o casal homossexual não precisa construir um romantismo exagerado para ser visto e reconhecido como casal pela sociedade. Para esse interlocutor, o relacionamento entre homossexuais é baseado no contrato, no acordo entre ambos. Isso caracteriza o que Giddens (1993) chama de amor confluyente, ou seja, um envolvimento afetivo-sexual que não se caracteriza pelas idéias de eternidade e de unicidade. Esse amor confluyente estaria manifestado num relacionamento puro, onde são valorizadas as satisfações intrínsecas ao casal. Veja-se o trecho do discurso desse entrevistado:

“O casal que fala do amor eterno... pra mim... não gosto, não curto essa idéia por não acreditar em alma gêmea, que ao mesmo tempo se transforma em algema, não é? Cara metade que se transforma em metade cara, então amor eterno não concordo. Não gosto do casal que defende uma forma de agir e procede de outra forma... eu sou fiel e nas costas, às vezes até chega: ah! Fulano é tão bonzinho não merece, mas EU FAÇO. Não gosto dessa incoerência discursiva, né, mas um casal que acha legal manter a fidelidade, tem minha aprovação. Não quer dizer que dependam dela, mas... de alguma forma contam com a minha aprovação. O casal que chega a conclusão que é interessante que fiquem juntos, mas que os dois não se bastam, que busquem, venham a buscar em outras pessoas uma forma alternativa de prazer, mas que existe... ambos estejam compactuando com as mesmas idéias e ideais, também conta com a minha aprovação. A verdade... a verdade estaria ao respeito ao outro, sabe, mesmo que nesse processo observa-se que uma das formas sofre, um pedido, uma imposição da parte A, a parte B no início sofre, mas... bem revelado, tem o direito a saber da nova situação, do novo arranjo, se ele... concorda em permanecer é porque de alguma forma é bom pra ele... certo. Casal que... que sempre tem necessidade de “tá buscando fontes de informações, é... de prazeres compartilhados com amigos, os arranjos são de todos ele, agora desde que haja uma cumplicidade de ambos e não leve... a mentira como fio condutor desse relacionamento...” (Paulo- 38)

Na tentativa de amarrar um pouco o que foi dito até agora, percebi ao longo das discussões teóricas e das entrevistas com os homossexuais, que o reconhecimento social das díades de pessoas do mesmo sexo (homossexuais masculinos) passa por valores fundantes dos modelos de família em que os homossexuais foram socializados. Isso é importante para compreender as mudanças no estilo de vida empreendidas pelos pares na formação de suas parcerias. Mas, segundo Miskolci (2007), a adoção do casamento e a formação de famílias homossexuais levariam ao enquadramento em normas que nem mais condizem com as demandas sociais do presente. Segundo Mello (2007)¹³², os casais homossexuais estariam almejando o reconhecimento de seus casamentos, “igualando-se” aos casais heterossexuais para depois lutarem por direitos civis importantes para as duas formas de parceria. Então, fica aqui uma reflexão: se esse é um dos reais interesses dos casais homossexuais, por que não elaborar formas de reconhecimento social para esses sujeitos na tentativa de acelerar o processo de união entre os grupos para lutarem por um objetivo comum?

¹³² Informações orais dadas na Palestra de abertura do X Encontro de Ciências Sociais, realizado em novembro de 2007 na UFPE.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Estas orientações íntimas correspondem a conjuntos normativos bastante diferenciados, que dão origem a juízos de valor bastante severos sobre os indivíduos cujos comportamentos se inscrevem em orientações diferentes”.

Bozon (2004, p. 138)

Início estas considerações finais que, certamente, não são definitivas, muitos menos a mais pura expressão da verdade, mas são as impressões que me foram possíveis obter neste momento, tendo a certeza e a tranquilidade de que muitas discussões ficaram inacabadas, merecendo mais atenção, aprofundamentos e reflexões em pesquisas mais específicas, desde que haja um interesse por parte dos investigadores em se debruçar sobre a temática.

Muitos outros aspectos que envolvem a homoconjugalidade masculina poderiam ser trazidos para esse debate, mas se impôs um limite, na tentativa de se circunscrever algumas questões para a reflexão. O trabalho não chega à conclusão, mas apenas sugere regularidades, claramente definidas no material coletado, porém, que não devem ser generalizadas, por força mesmo da riqueza das relações sociais e da densidade institucional que envolve o tema.

Portanto, vou tentar apresentar aqui, numa visão retrospectiva do caminho percorrido, as principais questões por mim trabalhadas e ressaltar os achados que aos meus olhos pareceram mais significativos. Estas questões poderiam ser resumidas nos seguintes pontos: primeiramente, a questão das trajetórias do enamoramento e das escolhas dos parceiros que permeia a vida dos homossexuais ao longo de suas interações com outros homossexuais; depois senti a necessidade de trazer para discussão as práticas cotidianas dos casais pesquisados e seus arranjos na relação a dois; e, finalmente, as representações que os homossexuais constroem da relação de conjugalidade entre pessoas do mesmo sexo estão baseadas na visão que possuem do reconhecimento que ganha dos

grupos de sociabilidade ampliada (amigos e vizinhos) em que os casais investigados por mim estão inseridos.

Os percursos tomados pelos homossexuais masculinos na trajetória de sua orientação sexual é marcada por uma variação de conflitos, que proporcionam um “descobrir-se” homossexual. Esses roteiros recebem a contribuição dos diferentes grupos de sociabilidade aos quais os homossexuais são expostos no processo de socialização. Todavia, percebo que as trajetórias de vida dos meus entrevistados são formadas pelos critérios sociais e culturais ligadas aos valores fundantes das famílias de origem de cada um deles. Quanto aos caminhos do enamoramento homossexual, nota-se que após o processo de descoberta e afirmação da orientação sexual, os homossexuais buscam os “guetos” na tentativa de se fazer percebido em espaços e perceber outros homens com a mesma orientação. Esse “perceber-se” e “perceber o outro” é um processo importante na formação de roteiros de encontros entre homossexuais e, posterior, aproximação dos mesmos para formação de parcerias. Porém, à medida que os homossexuais masculinos constroem relacionamentos mais duradouros e estáveis, procuram utilizar os “guetos” com menor frequência, quando não abandonam totalmente esse espaço procurando locais de sociabilidade pública. Por fim, esse processo acarreta uma seleção do parceiro para constituição das relações de conjugalidade. Escolher um sujeito para se relacionar afetivamente e sexualmente é um processo complexo que depende dos roteiros de encontro, de aproximação e de enamoramento influenciados pela cultura do grupo social em que os homossexuais foram previamente socializados.

Escolhido os parceiros, os homossexuais partem para a relação a dois. Ela é permeada por arranjos e práticas cotidianas importantes na administração da

arte de viver em parceria. Aspectos como a escolha da residência e administração das despesas é importante para calcular o grau de intimidade e que posições são tomadas por ambos envolvidos na relação. Heilborn (2004, p. 152) diz que, “*a intimidade contém expressivos aspectos de relaxamento das regras de civilidade relativas ao nojo perante as funções corporais dos integrantes do par*”. Nas parcerias investigadas a presença de papéis é percebida, definindo posições de ativo/passivo no contexto dos casais. Esses últimos não são permanentes ou inegociáveis. Eles são formulados pelo diálogo entre os envolvidos na relação afetivo-sexual. Pode-se visualizar com maior nitidez essa dinâmica através da compreensão do processo de administração da vida a dois e dos arranjos e práticas afetivas já discutidas anteriormente.

A intimidade é construída por diferentes jogos de prazer a dois e por momentos radicais de disputa (FOUCAULT, 2006), conflitos, ruptura, tréguas ou carinhos e afetos (linguagem corporal e verbal da vida íntima). Algumas parcerias destacam esses aspectos como importantes para o sucesso ou fracasso da conjugalidade. Quanto mais rico os arranjos e práticas do casamento entre pessoas do mesmo sexo maior será a possibilitada da relação se fortalecer e se manter duradoura e estável. O trabalho doméstico e a administração das despesas é fator preponderante na diferenciação dos membros de uma díade homossexual. Essas diferenças são instrumentos de formação de uma conjugalidade homossexual, mas, que toma como referência a heterossexualidade hegemônica.

Foi para melhor entender como os casais homossexuais masculinos da Região Metropolitana do Recife constroem suas relações e como representam essa ligação afetivo-sexual que senti a necessidade de trazer para este trabalho uma reflexão acerca das representações e reconhecimento social da homoconjugalidade.

O que me preocupou neste momento foram as diferentes visões que os homossexuais formulam acerca das representações, que os grupos de sociabilidade próxima e ampliada produzem acerca da relação afetivo-sexual entre homens. Fazendo uma análise da literatura sobre o reconhecimento jurídico e social do casamento entre pessoas do mesmo sexo, percebo que ainda há uma forte influência dos modelos tradicionais de família e de conjugalidade vivenciados no Brasil ao longo do século XX. Aqui também, o reconhecimento público é quase sempre conflituoso e doloroso para os homoparceiros, porém ao construírem suas relações buscam elementos de integração social em suas famílias de origem. Os conflitos internos e externos fazem parte das relações sociais e em muitos casos, dependendo da intensidade, são importantes para os vínculos sócio-culturais das ligações afetivo-sexuais.

Por fim, tentei escrever trechos da vida amorosa dos meus interlocutores, porém, o aprofundamento dessas trajetórias está constituído de espaços vazios e escuros incapazes de serem revelados por minha pequena pesquisa, que está composta por um fragmento da realidade dos casais homossexuais. Esse grupo de sociabilidade é bastante diversificado e metamórfico, necessitando de uma grande reflexão em torno dos aspectos levantados por esse trabalho. Outros autores já empreenderam essa tarefa (PAIVA, 2007; MELLO, 2005 e UZIEL, 2004), porém também deixaram lacunas para posteriores estudos acerca das relações homossexuais.

Enfim, a homoconjugalidade masculina é um fenômeno recorrente em nossa sociedade (MELLO, 2004) e ao mesmo tempo reservada e invisível (PAIVA, 2007). O casamento homossexual é uma relação de forças, de arranjos, de práticas

e de roteiros organizados em torno de uma afetividade culturalmente construída na tentativa de criar elementos de aceitação das díades homoconjugais.

Finalmente, não se pode deixar de mencionar que muitos homossexuais mostraram-se bastante receptivos em alguns momentos e em outros, pareciam não gostar das discussões levantadas durante a pesquisa. Mas, creio que as afirmações feitas até aqui são válidas no sentido de mostrar um quadro geral no que se refere ao discurso predominante sobre a homoconjugalidade masculina. Espera-se que este trabalho possa auxiliar na desconstrução dos estereótipos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERNAZ, Lady Selma Ferreira (1996) *Feminismo, porém até certo ponto... Representações do feminismo no contexto das práticas profissionais e de gênero*. Recife, Dissertação de Mestrado em Antropologia Cultural, UFPE.

ALBERNAZ, Lady Selma Ferreira (1999) *Nebulosa feminista: aproximações teóricas sobre as representações do feminismo em Recife – PE*. IN: Revista *Anthropológicas*. Série Família e gênero, Ano IV, vol. 9. Recife: PPGA-UFPE, Editora. Universitária.

ALBERONI, Francesco (1999) *Enamoramento e amor*. Rio de Janeiro: Rocco.

ALBERONI, Francesco (2003) *Amo-te*. Chiado: Bertrand.

ALENCAR, Rosane (2007) *Análise da conversação em interação: uma proposta para a análise das práticas sociais*. IN: WEBER, Silke e LEITHÄUSER, Thomas. *Métodos qualitativos nas Ciências Sociais e na prática social*. Recife: Ed. Universitária da UFPE.

ARIÈS, Philippe (1987) *O amor no casamento*. IN: ARIÈS, Philippe e BÉJIN, André (orgs.) *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo : Brasiliense.

BARBOSA, Sônia Maria Costa (1991) *AIDS: Sexualidade e Família – O mito da relação AIDS e a homossexualidade masculina*. Recife: UFPE.

BARTHES, Roland (2003) *Fragmentos de um discurso amoroso*. São Paulo: Martins Fontes.

BAUMAN, Zygmunt (2004) *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar.

BERQUÓ, Elza (1998) *Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica*. IN: SCHWARCZ, L. (org.) *História da vida privada IV: contrastes à intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras.

BILLOUET, Pierre (2003) *Figuras do Saber: Foucault*. São Paulo: Estação Liberdade.

BOURDIEU, Pierre (1983) *Um esboço da Teoria Prática*. IN: ORTIZ, R. (org.) *Pierre Bourdieu, Col. Grandes Cientistas Sociais*. São Paulo: Ática.

BOURDIEU, Pierre (1993) *À propôs de la famille comme catégorie réalisée*. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 100, p. 32-36, décembre.

BOZON, Michel (2004) *A nova normatividade das condutas sexuais ou a dificuldade de dar coerência às experiências íntimas*. IN: HEILBORN, Maria Luiza (org.). *Família e Sexualidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

BOWLBY, John (1990) *Formação e rompimentos dos laços afetivos*. São Paulo: Martins Fontes.

BUTHLER, Judith (2003) *O parentesco é sempre tido como heterossexual?* Cadernos PAGU (21), Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero – PAGU/Unicamp, pp. 219-260.

CHIZZOTTI, A. (1991) *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez.

CORRÊA, Sonia e ÁVILA, Maria Betânia. (2003) *Direitos sexuais e reprodutivos: pauta global e percursos brasileiros*. IN: BERQUÓ, Elza. *Sexo e Vida: panorama da saúde reprodutiva no Brasil*. Campinas: UNICAMP.

COSTA, Jurandir Freire (1998) *Conjugalidade, ética sexual e parceria homoerótica*. IN: *A Inocência e o Vício: Estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, pp. 77-103.

COSTA, Jurandir Freire (1999) *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco.

COSTA, Jurandir Freire (1999) *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal.

COSTA, Ronaldo Pamplona (1994) *Amor e sexualidade*. São Paulo: Gente.

DAMATTA, Roberto (1991) *A casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

DAMATTA, Roberto (1997) *A casa, a rua e o trabalho*. IN: *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco.

DE CERTEAU, Michel (2003) *A Invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes.

DIAS, Maria Berenice (2003) *Homoafetividade – o que diz a Justiça!* Porto Alegre: Livraria do Advogado.

DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DURHAM, Eunice (1982) *Família e casamento*. IN: *Anais do Terceiro Encontro Nacional de Estudos Populacionais*. São Paulo, pp. 31-48. Disponível em: <http://www.abep.org.br/usuario/GerenciaNavegacao.php?caderno_id=076&nivel=1> Acessado em: 20/10/2007.

FAIRCLOUGH, Norman (2001) *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora da UnB.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. (2001) *Miniaurélio Século XXI: O minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha (1997) *A escolha amorosa e interação conjugal na heterossexualidade e na homossexualidade*. Psicologia: Reflexão e Crítica. Vol. 10, n. 2, Porto Alegre.

FERNANDES, Taísa Ribeiro (2004) *Uniões Homossexuais: efeitos jurídicos*. São Paulo: Editora Método.

FOUCAULT, Michel. *Da amizade como modo de vida*. Disponível em: <<http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/amitie.html>> . Acesso em: 08/04/2007.

FOUCAULT, Michel (2006) *História da Sexualidade I: à vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.

FOUCAULT, Michel (1985) *História da Sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal.

FOUCAULT, Michel (1979) *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal.

FREYRE, Gilberto (2004) *Casa-grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global.

FRY, Peter (1982) *Para Inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar.

FRY, Peter e MACRAE, Edward (1999) *O que é homossexualidade?* São Paulo: Brasiliense.

GAGNON, John (2006) *Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade*. Rio de Janeiro: Garamond.

GEERTZ, Clifford (1999) *A Interpretação da cultura*. Rio de Janeiro: Zahar.

GEERTZ, Clifford (1998) *O Saber Local: Novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Editora Vozes.

GIDDENS, Anthony (1993) *A Transformação da Intimidade*. São Paulo: UNESP.

GOFFMAN, Erving (1999) *A representação do Eu na vida Cotidiana*. Petrópolis: Vozes.

GOMES, Purificacion Barcia (2003) *Vínculos amorosos contemporâneos*. São Paulo: Callis.

GOODE, William. (1970) *A família enquanto componente da estrutura social*. IN: A família. São Paulo: Livraria Pioneira.

GREEN, James (2000) *Além do carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: UNESP.

GUIMARÃES, Carmem Dora (2004) *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond.

HART, John e RICHARDSON, Diana (1983) *Teoria e prática da homossexualidade*. Rio de Janeiro: Zahar.

HARAWAY, Donna (1994) *Um manifesto para o cyborgs: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80*. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco.

HEILBORN, Maria Luiza (1999) *Sexualidade: o olhar das Ciências sociais*. Rio de Janeiro: Zahar.

HEILBORN, Maria Luiza (2004) *Dois é par: conjugalidade, gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond.

HEILBORN, Maria Luiza (1996) *Ser ou estar homossexual: dilemas de construção de identidade social*. IN: PARKER, R. & BARBOSA, R. (org.) *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

HOCQUENGHEM, Guy (1980) *A contestação homossexual*. São Paulo: Brasiliense.

HOLLANDA, Sergio Buarque de. (2004) *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.

JODELET, Denise (1989) *Les représentation sociales*. Paris : Presses Universitaires de France.

JOFFE, H. (1995) “*Eu não*”, “*o meu grupo não*”: *Representações sociais transculturais da AIDS*. IN: GUARESCHI, P. et alli. *Textos em Representações Sociais*. Petrópolis: Vozes.

JUNKER, Buford H. (1991) *A importância do trabalho de campo: uma introdução às ciências sociais*. Rio de Janeiro: Lidador.

KATZ, Jonathan Ned (1996) *A invenção da heterossexualidade*. Rio de Janeiro: Ediouro.

KAUFMANN, Jean-Claude (1989) *La vie ordinaire – voyage au coeur du quotidien*. Paris : Éditions Greco.

KUNZRU, Hari. (2000) “*Você é um ciborgue*”: *um encontro com Donna Haraway*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, pp.19-36

KUPER, Adam. (2002) *Cultura: a visão dos antropólogos*. Bauru: EDUSC.

LARAIA, Roque de Barros (2006) *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar.

LÉVI-STRAUSS, Claude (1976) *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes.

LIMA, Francis Madlener (2006) *O discurso sobre a homossexualidade no universo escolar: um estudo no curso de licenciatura em educação física*. Dissertação de Mestrado em Educação. Curitiba, PPGE-UFPR.

LIMA, Francis Madlener e DINIS, Nilson Fernandes (2007) *A homossexualidade e a perspectiva foucaultiana*. Revista do Departamento de Psicologia – UFF. V.19, n. 1, p. 49-60, jan/jun 2007.

LOURO, Guacira Lopes (1998) *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis: Vozes.

LOURO, Guacira Lopes (1999) (org.) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. (1986) *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU/EDUSP.

LUNA, Dulce (1999) *Gênero e conjugalidade: um estudo antropológico sobre os novos arranjos da atualidade*. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Recife, PPGA-UFPE.

MATOS, Marlise (2000) *Reinvenções do vínculo amoroso: cultura e identidade de gênero na modernidade tardia*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

MEAD, Margaret (2003) *Sexo e Temperamento*. São Paulo: Perspectiva.

MELLO, Luiz (2005) *Novas famílias: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Garamond.

MILL, Stuart (2006) *A sujeição das mulheres*. São Paulo: Editora Escala.

MINAYO, M. C. (1995) *O conceito de Representações Sociais dentro da sociologia clássica*. IN: GUARESCHI, P. et alli. *Textos em Representações Sociais*. Petrópolis: Vozes.

MISKOLCI, Richard (2007) *Pânicos morais e controle social – reflexões sobre o casamento gay*. Cadernos PAGU, n. 28. Campinas: jan./jun. 2007.

MYERS, Greg (2005) *Análise da conversação e da fala*. IN: BAUER, M. e GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 4 ed. Petópolis: Vozes.

ORTEGA, Francisco (1999) *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal.

PÁDUA, Elisabete Matallo (2005) *Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática*. Campinas: Papirus.

PAIVA, Antonio Crístian Saraiva (2007) *Reservados e invisíveis: o ethos íntimo das parcerias homoeróticas*. Campinas: Pontes Editores.

PAKER, Richard (1991) *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best Seller.

PAKER, Richard (2002) *Abaixo do Equador*. Rio de Janeiro: Record.

PERLONGHER, Nestor (1987) *O negócio do Michê: a prostituição viril*. São Paulo: Brasiliense.

POLLAK, Michel (1987) *A homossexualidade masculina ou: a felicidade no gueto?* IN: ARIËS, P. e BÉJIN, A. (orgs.) *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, pp. 54-76.

QUADROS, Marion Teodósio de (1998) *Participação paterna no trabalho doméstico*. IN: BRANDRÃO, Maria do Carmo et alli. *Revista Antropológicas: Antropologia, memória, tradição e perspectivas*. Ano 3 vol. 7, PPGA-UFPE, pp.559-563.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de (1991) *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: T.A. Queiroz, Editor.

RIOS, Luís Felipe (1997) *Locê, Locê, Meta Rê Lê! Homossexualidade e transe(tividade) de gênero no Candomblé de nação*. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Recife, PPGA-UFPE.

RIOS, Luís Felipe (2003) *Parcerias e práticas sexuais de jovens homossexuais no Rio de Janeiro*. *Cad. Saúde Pública*, vol.19 supl.2, p.223-232.

RIOS, Luís Felipe (2004a) *O Feitiço de Exu: um estudo comparativo sobre parcerias e práticas homossexuais entre homens jovens candomblesistas e/ou integrantes da comunidade entendida do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado em Saúde Coletiva. Rio de Janeiro: UERJ.

RIOS, Luís Felipe (2004b) *Parcerias sexuais na comunidade entendida do Rio de Janeiro: notas etnográficas em torno de questões etárias e do amor romântico*. IN: RIOS, L. F. et alli. *Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde*. Rio de Janeiro: ABIA.

ROGERS, Paulo (2006) *Os afetos malditos: o indizível das sexualidades camponesas*. Dissertação de Mestrado. UnB: Brasília.

RUBIN, Gayle (1993) *O tráfico de mulheres: notas sobre a "economia política" do sexo*. Recife, SOS Corpo.

RUBIN, Gayle (1989). "*Reflexionando sobre el sexo: notas para una teoría radical de la sexualidad*". In: VANCE, Carole (Org.). *Placer y peligro: explorando la sexualidad femenina*. Madrid: Revolución Madrid, pp. 113-190.

SALEM, Tânia. (1989) *Casal igualitário: princípios e impasses*. IN: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. n. 9, vol. 3. fevereiro. Rio de Janeiro, pp. 24-37.

SALEM, Tânia (2004) *“Homem... já viu, né?”: representações sobre sexualidade e gênero entre homens de classe popular*. IN: HEILBORN, Maria Luiza (org.) *Família e Sexualidade*. Rio de Janeiro: FGV.

SEGALEN, Martine (1981) *Sociologie de la famille*. Paris : Armand, pp. 7-30.

SCOTT, Parry. (2005) *A família brasileira diante de transformações no cenário histórico global*. IN: *Revista Antropológicas*, ano 9, vol. 16 (1), pp. 217-242.

SILVA, Anderson Vicente da. (2004) *Relacionamentos Homossexuais – emoção, afeto, amor e sexo: uma construção social*. Trabalho de Conclusão de Curso – monografia. Mimeo. Recife: UFPE.

SIMON, Willams e GAGNON, John (1999) *Sexual Scripts*. IN: PARKER, R. e AGGLETON, P. (orgs.) *Culture, Society and Sexuality: a reader*. London: UCL.

STOLKE, Verena (2004) *La mujer es puro cuento: la cultura del género*. IN: *Estudos Feministas*, Florianópolis, 12(2): 264, maio-agosto de 2004, pp.77-105.

THERBORN, Göran (2006) *Sexo e poder: a família no mundo, 1900-2000*. São Paulo: Contexto.

VANCE, Carole (1995) *A Antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico*. IN: *Physis – Revista de Saúde Coletiva*, vol. 5, número 1.

VELHO, Gilberto. (1999) *Antropologia Urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Zahar.

VERA FILHO, Raimundo Gomes (2002) *As relações afetivas entre as pessoas do mesmo sexo em face do direito de família*. Dissertação de Mestrado. Recife: UFPE.

VOGT, Carlos et alli (org.) *Caminhos Cruzados*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

UZIEL, Anna Paula (2002) *Família e Homossexualidade: velhas questões, novos problemas*. Tese de doutorado em Antropologia. Campinas: UNICAMP.

WEBER, Max (2002) *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret.

WEEKS, Jeffrey. (1985) *Sexuality and its discontents: meanings, myths, and modern sexualities*. London: Routledge and Kegan Paul.

WEEKS, Jeffrey. (1999) *O corpo e a sexualidade*. IN: LOURO, Guacira Lopes (org.) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.

WERNER, Dennis. (1999) *Sexo, símbolo e solidariedade*. Florianópolis, Ed. UFSC.

APÊNDICES

APÊNDECE A – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

LOCAL DA OBSERVAÇÃO: _____
DATA DA OBSERVAÇÃO: ____/____/____
HORA DE INÍCIO DA OBSERVAÇÃO: _____
DURAÇÃO DA OBSERVAÇÃO: _____
CASAL OBSERVADO: _____

DEVO ATENTAR

A ESSES E OUTROS ASPECTOS DO CASAL HOMOSSEXUAL:

- I. Localização da casa do casal: no subúrbio ou na cidade (existe um anonimato ou partilha de conhecimentos de vizinhança).
- II. Arquitetura da casa e jardins (indica como quer ser visto pelos outros ou pode ser apenas limite financeiro).
- III. Decoração da casa do casal (atentar para os espaços que cada um ocupa na casa).
- IV. Divisão das atividades domésticas (o que é feito junto o que é feito separado e, ainda que atribuições cada um possui).
- V. Quando estão em casa quais as atividades do cotidiano são realizadas juntas (exemplo: refeições, leituras, ver TV, ouvir música, etc.).
- VI. O modo como tratam um ao outro.
- VII. A cobrança que fazem das atividades realizadas fora das vistas do casal.
- VIII. Planos do casal para o futuro.
- IX. Atividades do final de semana do casal (inclusive atividades de lazer e com quem é executada).
- X. A relação dos membros do casal e suas respectivas famílias de origem e com a do companheiro.
- XI. A relação com os vizinhos.
- XII. O modo como recebem os amigos e a freqüência com que recebem esses. Observar se são heterossexuais ou homossexuais.

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Nome: _____

Data de Nascimento: ____/____/____

Grau de Instrução: _____

Profissão: _____

Atividade profissional atual: _____

Renda mensal:

() menos de R\$ 500,00

() De R\$ 500,00 à R\$ 1.000,00

() De R\$ 1.000,00 à R\$ 1.500,00

() De R\$ 1.500,00 à R\$ 2.000,00

() mais de R\$ 2.000,00

Religião: _____

Pessoas que moram com o casal (se houver): _____

BLOCO UM

1. Como foi sua adolescência, relação com pai e mãe, dentro da sua família?
2. Na sua adolescência, o que você lembra de como era a divisão de atividades domésticas. Você participava de alguma delas?
3. Como descobriu a homossexualidade – descrever um pouco esta trajetória de descoberta. Quais as dificuldades, que questões você fez sobre isso?
4. Conte-me sobre seus namoros e outros relacionamentos.
5. Quando você se considera envolvido numa relação de namoro, casamento?
6. Dentro desses namoros você pensou em se casar com outras pessoas, em que situação?
7. Já se casou outras vezes?

BLOCO DOIS

1. Onde você conheceu seu companheiro? Como foi que se conheceram (por exemplo, foram apresentados, etc.)?
2. Como você percebeu o interesse dele por você?
3. O que chamou sua atenção nele?
4. Como foi a primeira conversa para iniciar esse envolvimento?
5. O que chamou a atenção para pensar em casamento com o atual companheiro? (por exemplo, a personalidade dele, a beleza, etc.).
6. Levou quanto tempo para tomarem esta decisão desde que a relação começou?
7. O que levou a tomar esta decisão?
8. Há quanto tempo vocês estão juntos?
9. Na sua opinião, o que motiva vocês estarem juntos até hoje?
10. Quais as dificuldades e as facilidades que você percebe nesta relação?
11. Vocês conversam sobre a relação?
12. Quais as situações e temas motivam este tipo de conversa? Qual delas você destacaria?
13. Para você o que é fidelidade?
14. E o que significa lealdade?
15. Qual a importância da fidelidade para a relação conjugal? E da lealdade?
16. Fidelidade e lealdade são valores e práticas que integram sua relação? Como isso se dá?
17. Fidelidade e lealdade estiveram presentes em sua relação anterior? De que forma?
18. Quais são as atividades de lazer de vocês?
19. Quais as atividades você considera adequada para fazer junto e qual pode ser feita separado?

20. Como vocês negociam quando um de vocês deseja sair sozinho?
21. Quando decidem sair juntos, como vocês resolvem se não houver concordância sobre o que fazer?

III

BLOCO TRÊS

1. Desde que decidiram morarem juntos vocês moram neste mesmo lugar?
2. Como foi a escolha desta residência? E das demais – se houver?
3. Como é sua rotina diária com seu companheiro? (por ex. quem faz o café, quem forra a cama, etc.)
4. Quais são os hábitos e rotinas diários? (por ex. o que come, quem prepara o almoço, se almoça em casa, jantam, etc.)
5. Os dois trabalham, ou alguém fica em casa? Quais são as responsabilidades de quem fica em casa?
6. Se os dois saem fica alguém em casa? Quem?
7. Se tiver empregada ou faxineira quem orienta sobre as atividades diárias?
8. Como vocês decidem sobre quem faz o que dentro de casa?
9. E as despesas da casa, como são administradas?
10. Quem é que paga e o que é pago por cada um?
11. Ao fazer esta distribuição de atividades e de despesas tem algum conflito? Como você explica este conflito?

BLOCO QUATRO

1. Sua família sabe de sua opção sexual? Desde quando eles sabem?
2. Sua família sabe que você é casado? Como eles vêem sua relação?
3. Como sua família ficou sabendo?
4. Como é a relação que vocês matem com a sua família? E com a do seu companheiro?
5. Vocês se vestem? Qual a frequência?
6. Há uma aceitação do seu casamento? Ou você percebe uma tensão ou mal estar em relação ao seu casamento?
7. **(Se a família souber perguntar)**: depois que você casou sua família mudou a forma de aceitar sua opção sexual?
8. Como é a relação de vocês com os vizinhos?
9. Eles sabem que vocês formam um casal?
10. Vocês costumam se relacionar com outras pessoas além da família e dos vizinhos, por exemplo, colegas de trabalho, faculdade, amigos...?
11. Vocês se visitam? Com qual frequência?
12. Depois que você se casou mudou a forma de amigos e colegas – se eles já sabiam da sua opção – perceber sua opção sexual?
13. Vocês conhecem outros casais homossexuais com relação estável e que coabitam juntos? Qual sua opinião sobre eles? E qual sua opinião sobre o casal homossexual em geral? Por quê?
14. Você deseja fazer algum comentário sobre os temas que foram tratados na entrevista?

APÊNDICE C – QUADRO REFERENCIAL PARA ANÁLISE DOS DADOS

Modelo:

	CATEGORIA	
	ENTREVISTA	SINTESE DO PESQUISADOR
Informante 1: Idade: Renda: Religião: Profissão: Atividade profissional:		
	ENTREVISTA	SINTESE DO PESQUISADOR
Informante 2: Idade: Renda: Religião: Profissão: Atividade profissional:		
	ENTREVISTA	SINTESE DO PESQUISADOR
Informante 3: Idade: Renda: Religião: Profissão: Atividade profissional:		
	ENTREVISTA	SINTESE DO PESQUISADOR
Informante 4: Idade: Renda: Religião: Profissão: Atividade profissional:		

OBSERVAÇÕES:

APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA
CURSO DE MESTRADO EM ANTROPOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado como voluntário a participar da pesquisa: **VIVER A DOIS É UMA ARTE: Um estudo antropológico da homoconjugalidade na Região Metropolitana do Recife.** Pesquisa essa orientada pela professora doutora e pesquisadora Lady Selma Ferreira Albernaz do Programa de Pós-Graduação em Antropologia.

O motivo que me levou a estudar o problema dos fatores que os casais homossexuais masculinos consideram como determinantes para estabelecer uma relação estável, além de compreender se o estabelecimento desse tipo de união pode estar relacionado com estratégias de aceitação e/ou reconhecimento do casal homossexual por parte da sociedade; foi a necessidade de compreender o que representa estabilidade nas relações amorosas entre pessoas do mesmo sexo, pois essa é uma oportunidade singular para entender que fatores da heterossexualidade são incorporados pelo casal homossexual e que fatores são construídos pelo próprio casal para a criação de condições que assegurem o bem-estar físico e emocional do mesmo.

Esta questão ganha relevância porque há no senso comum uma associação entre homossexualidade e promiscuidade, sendo esta última significada como a múltipla-parceria sexual. O objetivo desse projeto é investigar os elementos constitutivos da relação homossexual estável e como eles estão ou não relacionados com a necessidade de reconhecimento e aceitação social do homossexual. Utilizarei a entrevista como técnica de coleta de dados da seguinte forma: farei algumas perguntas e você responderá se quiser cada uma delas que será devidamente registrado no gravador. As suas respostas serão tratadas de forma sigilosa. Você não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

Você será esclarecido sobre qualquer aspecto da pesquisa que desejar em qualquer período dessa investigação. Você é livre para recusar-se a participar. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade.

DECLARAÇÃO

Eu, _____ fui informado do objetivo da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e motivar minha decisão se assim o desejar. Sei também que por necessidade do pesquisador poderei ser convocado a dar maiores esclarecimentos de questões pontuais levantadas pelo mesmo. Em caso de dúvidas poderei chamar o pesquisador ANDERSON VICENTE DA SILVA pelo telefones 3372-5895 / 9211-0641, ou pelo e-mail: andervicensil@yahoo.com.br ou pelo telefone do Programa de Pós-Graduação em Antropologia: 2126-8286.

Declaro que concordo em participar deste estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Recife, ___ de _____ de 2007.

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador

ANEXOS

ANEXO 1 - PROJETO DE LEI ORDINÁRIA Nº. 1016/2005



ESTADO DE PERNAMBUCO
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
Legislatura 15º Ano 2005

Projeto de Lei Ordinária Nº 1016/2005

Ementa: Dispõe sobre a promoção e reconhecimento da liberdade de orientação, prática, manifestação, identidade sexual e dá outras providências.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE PERNAMBUCO DECRETA:

Art. 1º - O Estado de Pernambuco, por sua administração direta e indireta, reconhece o respeito à igual dignidade da pessoa de todos os seus cidadãos, devendo, para tanto, promover sua integração e reprimir os atos atentatórios a esta dignidade, especialmente toda forma de discriminação fundada na orientação, práticas, manifestação, identidade sexual, exercidas dentro dos limites da liberdade de cada um e sem prejuízos a terceiros.

§ 1º - Estão abrangidos nos efeitos protetivos desta Lei todas as pessoas, naturais e jurídicas, que sofrerem qualquer medida discriminatória em virtude de sua ligação, pública ou privada, com integrantes de grupos discriminados, suas organizações ou órgãos encarregados do desenvolvimento das políticas promotoras dos direitos humanos.

§ 2º - Equiparam-se aos órgãos e organizações acima referidos a coletividade de pessoas, ainda que indetermináveis, e sem personalidade jurídica, que colabore, de qualquer forma, na promoção dos direitos humanos.

§ 3º - Sujeitam-se a esta Lei todas as pessoas, físicas ou jurídicas, que mantêm relação com a Administração Pública Estadual, direta ou indireta, abrangendo situações tais como relação jurídica funcional, convênios, acordos, parcerias, empresas e pessoas contratadas pela Administração e o exercício de atividade econômica ou profissional sujeita à fiscalização estadual.

§ 4º - Possuindo as ofensas mais de um autor, todos responderão solidariamente, seja pela reparação dos danos, seja pelo dever de evitar sua propagação ou continuidade.

§ 5º - A proteção prevista nesta Lei alcança não somente ofensas individuais, como também ofensas coletivas e difusas, ensejadoras de danos morais coletivos e difusos.

§ 6º - A Administração Pública Estadual, direta e indireta, promoverá, dentre seus servidores e empregados, educação para os direitos humanos, enfatizando as situações abrangidas nesta Lei.

Art. 2º - Consideram-se atos atentatórios à dignidade humana e discriminatórios, relativos às situações mencionadas no art. 1º, dentre outros:

I - a prática de qualquer tipo de ação violenta, constrangedora, intimidatória ou vexatória, de ordem moral, ética, filosófica ou psicológica;

II - proibir o ingresso ou permanência em qualquer ambiente ou estabelecimento público ou privado, aberto ao público;

III - praticar atendimento selecionado que não esteja devidamente determinado em lei;

IV - preterir, sobretaxar ou impedir a hospedagem em hotéis, motéis, pensões ou similares;

V - preterir, sobretaxar ou impedir a locação, compra, aquisição, arrendamento ou empréstimo de bens móveis ou imóveis de qualquer finalidade;

VI - praticar o empregador, ou seu preposto, atos de demissão direta ou indireta, em função da orientação sexual do empregado;

VII - a restrição à expressão e à manifestação de afetividade em locais públicos ou privados abertos ao público, em virtude das características previstas no art. 1º;

VIII - proibir a livre expressão e manifestação de afetividade do cidadão homossexual, bissexual ou transgênero, sendo estas expressões e manifestações permitidas aos demais cidadãos; e

IX - preterir, prejudicar, retardar ou excluir, em qualquer sistema de seleção, recrutamento ou promoção funcional ou profissional, desenvolvido no interior da Administração Pública Estadual direta ou indireta.

Parágrafo único - A recusa de emprego, impedimento de acesso a cargo público, promoção, treinamento, crédito, recusa de fornecimento de bens e serviços ofertados publicamente, e de qualquer outro direito ou benefício legal ou contratual ou a demissão, exclusão, destituição ou exoneração fundados em motivação discriminatória.

Art. 3º - Nos contratos, convênios, acordos, parcerias ou quaisquer relações mantidas entre a Administração Estadual, direta ou indireta, deverão as partes observar os termos desta Lei, sob pena da imposição das penalidades previstas no art. 9º desta Lei.

§ 1º - Nos instrumentos contratuais, acordos, convênios, parcerias assim como qualquer espécie de vínculo formal estabelecido entre as partes, deverá constar cláusula referindo expressamente a observância desta Lei.

§ 2º - A eventual omissão, todavia, não afasta a obrigatoriedade de sua observância.

Art. 4º - A Administração Pública, direta e indireta, bem como os prestadores de serviço, conveniados ou contratados, não poderão discriminar seus servidores, empregados, colaboradores, prestadores de serviços, bem como deverão promover condições de trabalho que respeitem a dignidade e os direitos fundamentais ameaçados ou violados em virtude da condição ou das situações referidas no art. 1º desta Lei.

Art. 5º - Não são consideradas discriminações injustas as distinções, exclusões ou preferências fundadas somente em consideração de qualificação técnica, informações cadastrais, e referências exigidas e pertinentes para o exercício de determinada atividade pública ou privada, oportunidade social, cultural ou econômica.

§ 1º - A licitude de tais discriminações condiciona-se, de forma absoluta, à demonstração, acessível a todos interessados, da relação de pertinência entre o critério distintivo eleito e as funções, atividades ou oportunidades objeto de discriminação.

§ 2º - As informações cadastrais e as referências invocadas como justificadoras da discriminação serão sempre acessíveis a todos aqueles que se sujeitarem a processo seletivo, no que se refere à sua participação.

Art. 6º - São passíveis de punição o cidadão, inclusive o detentor de função pública, civil ou militar, e toda e qualquer organização social ou empresa, com ou sem fins lucrativos, de caráter privado ou público, instaladas neste Estado, que intentarem contra o que dispõe esta Lei.

Art. 7º - A prática dos atos discriminatórios a que se refere esta Lei será apurada em processo administrativo, que terá início mediante:

I - reclamação do ofendido;

II - ato ou ofício de autoridade competente; e

III - comunicado de organizações não governamentais de defesa da cidadania e direitos humanos.

Art. 8º - As denúncias de infrações serão apuradas, mediante manifestação do ofendido ou seu representante legal, pelos órgãos governamentais competentes envolvidos na denúncia que deverão seguir os seguintes procedimentos:

I - a autoridade competente tomará o depoimento pessoal do reclamante no prazo de 10 (dez) dias;

II - a fase instrutória, na qual produzirá as provas pertinentes e realizará as diligências cabíveis, terá o prazo de conclusão de 60 (sessenta) dias, garantida a ciência das partes e a possibilidade da produção probatória e do contraditório;

III - é facultada a oitiva do reclamante e do reclamado, em qualquer fase deste procedimento;

IV - finda a fase instrutória, será facultada a manifestação do reclamante e do reclamado;

V - por fim, será proferido relatório conclusivo no prazo máximo de 30 (trinta) dias do último ato processual, sendo encaminhado para decisão da autoridade competente;

VI - os prazos ora previstos admitem prorrogação, desde que justificada devidamente;

VII - as pessoas jurídicas são apresentadas por seus administradores ou prepostos, sendo válida a ciência dos atos procedimentais feita pela entrega de Aviso de Recebimento na sede da pessoa jurídica; e

VIII - a instauração do procedimento e a prática de seus atos serão comunicados ao Ministério Público, bem como àquelas entidades de defesa dos direitos humanos que se habilitarem, durante qualquer fase do procedimento.

Art. 9º - As penalidades aplicáveis aos que praticarem atos de discriminação ou qualquer outro ato atentatório aos direitos e garantias fundamentais da pessoa humana serão as seguintes:

I - advertência;

II - multa de R\$ 5.000 (cinco mil reais);

III - multa de R\$ 25.000 (vinte e cinco mil reais) em casos de reincidência;

IV - rescisão do contrato, convênio, acordo ou qualquer modalidade de compromisso celebrado com a Administração Pública direta ou indireta;

V - suspensão da licença estadual para funcionamento por 30 (trinta) dias; e

VI - cassação da licença estadual para funcionamento.

§ 1º - As penas mencionadas nos incisos II a VI deste artigo não se aplicam aos órgãos e empresas públicas, cujos responsáveis serão punidos na forma do Estatuto dos Funcionários Públicos ou da legislação específica reguladora da carreira do servidor envolvido.

§ 2º - Os valores das multas poderão ser elevados em até 10 (dez) vezes quando for verificado que, em razão do porte do estabelecimento, resultarão inócuas.

§ 3º - Quando for imposta a pena prevista no inciso VI supra, deverá ser comunicada à autoridade responsável pela emissão da licença, que providenciará a sua cassação, comunicando-se, igualmente, à autoridade municipal para eventuais providências no âmbito de sua competência.

§ 4º - Os recursos provenientes das multas estabelecidas por esta Lei serão destinados para campanhas educativas contra a discriminação.

Art. 10 - Aos servidores públicos que, no exercício de suas funções e/ou em repartição pública, por ação ou omissão deixarem de cumprir os dispositivos da presente Lei, serão aplicadas as penalidades cabíveis nos termos do Estatuto do Servidor Público ou da legislação específica reguladora da carreira do servidor envolvido.

Art. 11 - A interpretação dos dispositivos dessa Lei e de todos os instrumentos normativos de proteção dos direitos de igualdade, de oportunidade e de tratamento, atenderá ao princípio da mais ampla proteção dos direitos humanos.

§ 1º - Nesse intuito, serão observados, além dos princípios e direitos previstos nessa Lei, todas as disposições decorrentes de tratados ou convenções internacionais das quais o Brasil seja signatário, da legislação interna e das disposições administrativas.

§ 2º - Para fins de interpretação e aplicação dessa Lei, serão observadas, sempre que mais benéficas, as diretrizes traçadas pelas Cortes Internacionais de Direitos Humanos, devidamente reconhecidas pelo Brasil.

Art. 12 - O Poder Público disponibilizará cópias desta Lei para que sejam afixadas nos estabelecimentos e em locais de fácil leitura pelo público em geral.

Art. 13 - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 14 - Revogam-se as disposições em contrário.

Justificativa

Toda e qualquer forma de discriminação é atentatória ao Estado Democrático e deve ser repelida pelos órgãos estatais, sendo que neste sentido, a discriminação fundada em preconceitos deve ser totalmente banida.

Desta forma, entendemos que a discriminação de pessoas em virtude de sua identidade sexual representa uma grave doença social e a presente proposição objetiva proporcionar a criação de ferramentas capazes de impedir a proliferação desta doença e punir as pessoas que pratiquem a citada discriminação.

Os Estados da Bahia, Rio de Janeiro (Lei 3.406/2002), Rio Grande do Sul (Lei 11.872/2002), Minas Gerais (Lei 144.170/2002), Mato Grosso (consta na Constituição Estadual), São Paulo (Lei 10.948/2001), Santa Catarina (Lei 12.574/2003), Sergipe (consta na Constituição Estadual) e Distrito Federal (Lei 2.615/2000) e os seguintes Municípios já regulamentaram a expressa proibição de discriminação por orientação sexual:

Amapá – Macapá; Bahia – América Dourada, Araci, Caravelas, Conceição da Feira, Cordeiros, Cruz das Almas, Igaporá, Itapicuru, Rio Antônio, Rodelas, Salvador, São José da Vitória, Sátiro Dias e Wagner; Ceará – Barro, Farias de Brito, Granjeiro e Novo Oriente; Espírito Santo – Guarapari, Mantenópolis e Santa Leopoldina; Goiás – Alvorada do Norte; Maranhão – São Raimundo das Mangabeiras; Mato Grosso – Pedra Preta; Minas Gerais – Cataguases, Elói Mendes, Indianópolis, Itabirinha de Mantena, Maravilhas, Ouro Fino, São João Nepomuceno e Visconde do Rio Branco; Paraíba – Aguiar; Paraná – Atalaia, Cruzeiro do Oeste, Ivaiporá, Laranjeiras do Sul e Miraselva; Pernambuco – Recife, Olinda e Bom Conselho; Piauí – Pio e Teresina; Rio de Janeiro – Arraial do Cabo, Barra Mansa, Cachoeiras de Macacu, Cordeiro, Italva, Itaocara, Itatiaia, Laje do Muriaé, Niterói, Paty Alferes, Rio de Janeiro, São Gonçalo, São Sebastião do Alto, Silva Jardim e Três Rios; Rio Grande do Norte – Grossos e São Tomé; Rio Grande do Sul – Sapucaia do Sul; Santa Catarina – Abelardo Luz e Brusque; São Paulo – Cabreúva, São Bernardo do Campo e São Paulo; Sergipe – Amparo de São Francisco, Canhoba, Itabaianinha, Mato Alegre de Sergipe, Poço Redondo e Riachuelo; Tocantins – Peixe e Porto Alegre do Tocantins.

Como se vê este é um tema que vem sendo regulamentado em diversos Estados e Municípios do Brasil, e o Estado de Pernambuco não pode esquivar-se deste debate, sendo que contamos com o indispensável apoio de todos os Ilustres Parlamentares desta Casa para a aprovação da presente proposição.

Sala das Reuniões, em 1 de agosto de 2005.

Teresa Leitão
Deputada

ANEXO 2 – PROJETO LEI DA DEPUTADA MARTA SUPPLY

PROJETO DE LEI Nº 1.151, DE 1995

Disciplina a união civil entre pessoas do mesmo sexo e dá outras providências.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º - É assegurado a duas pessoas do mesmo sexo o reconhecimento de sua união civil, visando a proteção dos direitos à propriedade, à sucessão e dos demais assegurados nesta Lei.

Art. 2º - A união civil entre pessoas do mesmo sexo constitui-se mediante registro em livro próprio, nos Cartórios de Registro de Pessoas Naturais.

§ 1º - Os interessados e interessadas comparecerão perante os oficiais de Registro Civil exibindo:

I - prova de serem solteiros ou solteiras, viúvos ou viúvas, divorciados ou divorciadas;

II - prova de capacidade civil plena;

III - instrumento público de contrato de união civil.

§ 2º - O estado civil dos contratantes não poderá ser alterado na vigência do contrato de união civil.

Art. 3º O contrato de união civil será lavrado em Ofício de Notas, sendo livremente pactuado. Deverá versar sobre disposições patrimoniais, deveres, impedimentos e obrigações mútuas.

Parágrafo único - Somente por disposição expressa no contrato, as regras nele estabelecidas também serão aplicadas retroativamente, caso tenha havido concorrência para formação do patrimônio comum.

Art. 4º - A extinção da união civil ocorrerá:

I - pela morte de um dos contratantes;

II - mediante decretação judicial.

Art. 5º - Qualquer das partes poderá requerer a extinção da união civil:

I - demonstrando a infração contratual em que se fundamenta o pedido;

II - alegando desinteresse na sua continuidade.

§ 1º - As partes poderão requerer consensualmente a homologação judicial da extinção da união civil.

§ 2º - O pedido judicial de extinção da união civil, de que tratam o inciso II e o § 1º deste artigo, só será admitido após decorridos 2 (dois) anos de sua constituição.

Art. 6º - A sentença que extinguir a união civil conterá a partilha dos bens dos interessados, de acordo com o disposto no instrumento público.

Art. 7º - O registro de constituição ou extinção da união civil será averbado nos assentos de nascimento e casamento das partes.

Art. 8º É crime, de ação penal pública condicionada à representação, manter o contrato de união civil a que se refere esta lei com mais de uma pessoa, ou infringir o § 2º do art. 2º

Pena - detenção de 6 (seis) meses a 2 (dois) anos.

Art. 9º - Alteram-se os artigos da Lei 6.015, de 31 de dezembro de 1973, que passam a vigorar com as seguintes redações:

"Art. 33 - Haverá em cada cartório os seguintes livros, todos com trezentas folhas cada um:

(...)

III - B - Auxiliar - de registro de casamento religioso para efeitos civis e contratos de união civil entre pessoas do mesmo sexo.

Art. 167 - No Registro de Imóveis, além da matrícula, serão feitos:

I - o registro:

(...)

35 - dos contratos de união civil entre pessoas do mesmo sexo que versarem sobre comunicação patrimonial, nos registros referentes a imóveis ou a direitos reais pertencentes a qualquer das partes, inclusive os adquiridos posteriormente à celebração do contrato.

II - a averbação:

(...)

14 - das sentenças de separação judicial, de divórcio, de nulidade ou anulação do casamento e de extinção de união civil entre pessoas do mesmo sexo, quando nas respectivas partilhas existirem imóveis ou direitos reais sujeitos a registro."

Art. 10 - O bem imóvel próprio e comum dos contratantes de união civil com pessoa do mesmo sexo é impenhorável, nos termos e condições regulados pela Lei 8.009, de 29 de março de 1990.

Art. 11 - Os artigos 16 e 17 da Lei 8.213, de 24 de julho de 1991, passam a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 16 (...)

§ 3º. Considera-se companheiro ou companheira a pessoa que, sem ser casada, mantém com o segurado ou com a segurada, união estável de acordo com o parágrafo 3º do art. 226 da Constituição Federal, ou união civil com pessoa do mesmo sexo nos termos da lei.

Art. 17 (...)

§ 2º. O cancelamento da inscrição do cônjuge e do companheiro ou companheira do mesmo sexo se processa em face de separação judicial ou divórcio sem direito a alimentos, certidão de anulação de casamento, certidão de óbito ou sentença judicial, transitada em julgado".

Art. 12 Os artigos 217 e 241 da Lei 8.112, de 11 de dezembro de 1990, passam a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 217. (...)

c) a companheira ou companheiro designado que comprove a união estável como entidade familiar, ou união civil com pessoa do mesmo sexo, nos termos da lei.

(...)

Art. 241. (...)

Parágrafo único. Equipara-se ao cônjuge a companheira ou companheiro, que comprove a união estável como entidade familiar, ou união civil com pessoa do mesmo sexo, nos termos da lei."

Art. 13 - No âmbito da Administração Pública, os Estados, os Municípios e o Distrito Federal disciplinarão, através de legislação própria, os benefícios previdenciários de seus servidores que mantenham a união civil com pessoa do mesmo sexo.

Art. 14 - São garantidos aos contratantes de união civil entre pessoas do mesmo sexo, desde a data de sua constituição, os direitos à sucessão regulados pela Lei nº 8.971, de 28 de novembro de 1994.

Art. 15 - Em havendo perda da capacidade civil de qualquer um dos contratantes de união civil ente pessoas do mesmo sexo, terá a outra parte a preferência para exercer a curatela.

Art. 16 - O inciso I do art. 113 da Lei 6.815, de 19 de agosto de 1980 passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 113. (...)

I - ter filho, cônjuge, companheira ou companheiro de união civil ente pessoas do mesmo sexo, brasileiro ou brasileira".

Art. 17 - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 18 - Revogam-se as disposições em contrário.

ANEXO 3 - LEI CONTRA DISCRIMINAÇÃO À ORIENTAÇÃO SEXUAL NA CIDADE DO RECIFE

LEI Nº. 16780/2002

Toda forma de discriminação é odiosa e constitui crime contra a pessoa e aos direitos humanos como um todo. A discriminação com base na prática e comportamento sexual do indivíduo é crime e deve ser tratado e punido como tal, na forma da presente lei. O POVO DA CIDADE DO RECIFE, POR SEUS REPRESENTANTES, DECRETOU, E EU, EM SEU NOME, SANCIONO A SEGUINTE LEI:

Art. 1º - É proibida qualquer forma de discriminação ao cidadão com base em sua orientação sexual.

§ 1º - Para efeito desta lei, entende-se por orientação sexual a liberdade do cidadão de expressar abertamente seus afetos e relacionar-se emocional e sexualmente com pessoas do mesmo sexo ou oposto, sejam eles homossexuais masculino ou feminino, independente de seus trajés, acessórios, postura corporal, tonalidade da voz ou aparência.

§ 2º - Para efeito desta lei, entende-se por discriminação qualquer ato ou omissão que caracterize constrangimento, proibição de ingresso ou permanência, exposição a situação vexatória, tratamento diferenciado, cobrança de valores adicionais ou preterimento no atendimento.

Art. 2º - Constitui ato discriminação em razão da orientação sexual, dentre outros:

I - Impedir ou dificultar o acesso, recusar atendimento a usuário, cliente ou comprador, em estabelecimento públicos ou particulares;

II - Recusar, negar ou impedir a inscrição ou ingresso de aluno (a) em estabelecimento de ensino públicos ou privado de qualquer grau;

III - Impedir o acesso as entradas sociais em edifícios públicos ou residenciais e elevados ou escala de acesso aos mesmos;

IV - Impedir acesso ou uso de transportes públicos tais como ônibus, trens, metrô, carros de aluguel, aeronaves, barcos ou outro meio de transporte de concessão pública;

V - negar ou dificultar o aluguel ou aquisição de imóvel ou criar embaraços à utilização de dependências comuns ao proprietário ou locatário bem como, seus familiares e amigos;

VI - Recusar, dificultar ou preferir atendimento médico ou ambulatorial em estabelecimento público ou privado destinado a este fim;

VII - Praticar, induzir ou incitar pelos meios de comunicação social ou por publicação de qualquer natureza, a discriminação ou o preconceito com base na orientação sexual;

VIII - Fabricar, comercializar, distribuir ou veicular símbolos, emblemas, ornamentos, distintivos ou propaganda que incite ou induza a discriminação, o preconceito, o ódio e a violência com base na orientação sexual;

IX - Negar emprego, demitir sem justa causa ou impedir ou dificultar a ascensão profissional em empresa privada;

X - Impedir ou obstar o acesso de alguém devidamente habilitado a qualquer cargo da Administração Direta ou Indireta do município, bem como das concessionárias de serviços públicos municipais.

Art. 3º - É vedada à administração municipal, direta ou indireta, a contratação de empresas que reproduzem as práticas discriminatórias relacionadas nesta lei.

Art. 4º - A inobservância, ainda que por desconhecimento, ou descumprimento consciente ao disposto nesta lei sujeitará o infrator às seguintes sanções:

I Multa;

II -Suspensão temporária do alvará ou autorização de funcionamento;

III Cassação do alvará ou autorização de funcionamento.

Art. 5º - Na aplicação de multa, será levada em consideração a capacidade econômica do estabelecimento infrator. Quando associada a atos de violência ou outras formas de preconceito baseada na raça ou cor, gênero, portadora de necessidades especiais, convicção religiosa ou política e condição social ou econômica, a multa será triplicada devendo ser aplicada conjuntamente a suspensão temporária do funcionamento.

Art. 6º - Os casos de comprovada reincidência implicarão na punição máxima, isto é a cassação definitiva do alvará de funcionamento.

Art. 7º - Num prazo máximo de 90 (noventa) dias, a contar de sua publicação, o Poder Executivo Municipal regulamentará a presente Lei, incorporado à mesma e nela definindo os seguintes dispositivos:

I - Indicação do (s) órgãos(s) municipal (is) com competência para colher as denúncias de infração;

II - Procedimentos na forma de processo administrativo para apuração das denúncias, inclusive quanto a prazos e tramitação;

III - Critérios de punição tais como valores de multas, formas e prazos de recolhimento e anúncio público das sanções;

IV - Destinar o valor da multa para ONGs (Organização Não Governamental) que tratem de questões relacionadas com a discriminação da vítima;

V - Garantia de ampla defesa aos acusados por denúncia;

VI - Campanha de divulgação e conscientização no âmbito dos órgãos públicos municipais, a funcionários e contribuintes, do teor desta lei e sua regulamentação.

Art. 8º Não poderá a autoridade municipal recusar-se a determinar a abertura de processo administração sempre que a denúncia for apresentada por meio de requerimento escrito ao órgão municipal definido pela regulamentação, sob pena de responsabilização funcional. Tal requerimento poderá ser apresentado por qualquer cidadão, mesmo que o requerente não tenha sido a pessoa diretamente prejudicada pelo ato discriminatório.

Art. 9º - Ficando constatada a incitação ao ódio e à violência, a autoridade pública municipal deverá comunicar o ocorrido à autoridade policial e ao Ministério Público para que sejam tomadas as providências cabíveis.

Art. 10 - No caso de produções de materiais com caráter discriminatório, apreensão dos mesmos e, quando considerado procedente a denúncia, a destruição de tais materiais.

João Paulo Lima e Silva Prefeito

Projeto de Lei de Autoria do Vereador Isaltino Nascimento

Recife, 28 de junho de 2002.

ANEXO 4 – REPORTAGEM DO DIÁRIO DE PERNAMBUCO (11/11/2007)



d
domingo

A nova FAMÍLIA BRASILEIRA

Olhe ao seu redor. A família tradicional, formada e consolidada nas figuras de pai, mãe e filhos é cada vez mais rara. Enumere quantos diferentes arranjos familiares existem. A avó dá à luz gêmeos que são filhos de sua filha, por meio da fertilização *in vitro*. Pais ganham a guarda compartilhada dos filhos. Casais homossexuais conquistam direitos na Justiça. A formação clássica pai, mãe e filhos já

não é onipresente na sociedade. Esses novos modelos de famílias surgiram por razões diversas, como os avanços na genética, o novo papel da mulher na economia, a liberdade sexual, a maior autonomia dos indivíduos. Veja como o Legislativo e o Judiciário têm agido para proteger os envolvidos nessa história, já que o Código Civil está longe de acompanhar a realidade. Páginas 2 e 3

ANEXO 5 – REPORTAGEM DO DIÁRIO DE PERNAMBUCO – RECIFE/PERNAMBUCO

6 • DIÁRIO DE PERNAMBUCO • Recife, segunda-feira, 10 de setembro de 2007

Amor entre IGUAIS

Galera mostra que a solução para driblar o preconceito é encarar a homossexualidade como algo natural e tocar a vida com orgulho de si mesmo

PARA NATHALIA DOMITILA, É INQUEBRAR O BLOQUEIO IMPOSTO PELA

RAITZA VIEIRA// ESPECIAL PARA O DIÁRIO

Seria bom se a gente pudesse escolher por quem se apaixonar. Com certeza, teríamos muito menos dores de cabeça por conta de um amor não correspondido. Mas os sentimentos não funcionam bem assim. E quando o assunto é gostar de alguém do mesmo sexo, o problema aumenta, afinal, além de correr o risco de não ser correspondido, há o preconceito de outras pessoas que acham que homossexualidade é uma perversão, doença ou opção. Para combater essa indiferença, o estado - com apoio de ONGs e movimentos sociais - comemora a Semana do Orgulho Gay, a partir de hoje.

Nathalia Mesquita, 19 anos, é uma garota como qualquer outra. Ela estuda, quer concluir a graduação, arranjar um emprego e construir uma família. A jovem tem sonhos e, acima de tudo, também tem o direito de ser feliz. Aos 13 anos, Nathalia percebeu que gostava de meninas e por isso sofreu um bocadinho. "Quando dei o meu primeiro beijo numa garota fiquei super chocada. Me senti uma anormal, acho que até por conta da minha educação familiar que foi bem tradicional", conta. Ela sofreu um bocadinho, principalmente, por ela

mesma não aceitar o fato de ser lésbica.

A aceitação e o orgulho de ser gay surgiram quando ela entrou na universidade, onde se engajou no movimento estudantil. "No grupo, conheci pessoas que não me tratavam de um forma diferente por eu ser lésbica. Foi um processo de amadurecimento mesmo. No movimento, dentro de uma área política, encontrei liberdade e argumentação e tento passar isso para a sociedade", comenta.

Os amigos sempre a apoiaram bastante e a família não implica por conta disso. "Só no começo é que minha mãe não aceitava e interferia bastante, mas agora ela aceita", confessa. O segredo do apoio é entender o espaço de cada um: "Eu respeito a individualidade dos meus pais, assim como eles a minha", diz.

Atualmente, Nathalia está namorando com Domitila Miranda, 20 anos, e assume isso numa boa. Elas não têm medo de ser felizes e não é à toa que estão muito bem (juntas!) e ninguém tem nada a ver com isso. "É interessante que a sua sexualidade seja vivida. É importante destruir esse bloqueio imposto pela sociedade. A forma de acabar com isso é se assumindo, encarando como algo natural", conclui Domitila.

Auto-aceitação: o começo

Se assumir não é fácil. Medo da reação dos pais, parentes e amigos é o que impera nessas horas. Algumas vezes, a solução encontrada por muitos é sair de casa e viajar para outro país, onde o preconceito não exista.

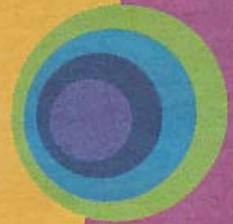
Mas a melhor solução para combater essa indiferença e se aceitar, segundo a psicóloga Amparo Caridade, é se valorizar, sem estabelecer nenhuma comparação entre homo e o heterossexual ou achando que ser gay é ser inferior. "Ele é como qualquer ser humano, mas sendo ele mesmo, desenvolvendo as suas atividades da melhor forma possível", diz.

É assim que Glauber Estringline, 18 anos, leva a sua vida. Ele "faz o melhor que é capaz só para viver em paz". Desde os 11, se deu conta de que era gay. Namorou escondido na adolescência até que, há dois anos, a sua família descobriu. A reação foi normal, aceitaram numa boa, menos o avô que deixou de falar com ele por um tempo.

A aceitação foi boa dentro de casa, mas fora dela não. Certo dia, Glauber e seus amigos levaram uma surra de um grupo de homofóbicos. Depois disso, com força e coragem, ele e seus amigos formaram o grupo Gaymado que tenta com-

bater a homofobia e promover ações sociais na comunidade da Várzea.

Preconceito também vivido por Bruno Mesquita, 17, na própria escola. Ele conta que o diretor havia expulsado alunos do colégio pelo fato deles serem gays. "Só não fui expulso porque era um bom aluno e os professores gostavam de mim", conta Bruno, que "saiu do armário" para a família aos 15. "Quando abri o jogo, minha mãe estilou um pouco, mas meu pai reagiu normal", confessa o garoto, que é irmão de Nathalia. "Eu decidi dizer por conta própria. Mas claro que a minha irmã é uma força que tenho, mas sempre fui esclarecido nesse ponto. Nunca neguei para mim quem realmente sou".



GLAUBER JÁ APANHOU DE HOMOFÓBICOS E HOJE LUTA PELOS DIREITOS DOS GAYS

DIVERSIDADE NA AVENIDA

Neste domingo (16), a Avenida Boa Viagem vai pegar fogo. É quando acontece a 6ª Parada da Diversidade, que deve reunir cerca de 100 mil pessoas.

A festa, que tem como tema "Amor entre iguais, eu respeito", terá várias atrações, a partir das 10h, como terá apresentação de grupos teatrais, de dança e o show da cantora Zélia Duncan durante a concentração. E não vá pensando que só gays e lésbicas participam da mobilização. O evento é aberto a todos que apoiem a causa e estejam dispostos a acompanhar os 11 trios-elétricos.

Diferente das outras edições, este ano a parada não acontecerá na Avenida Conde da Boa Vista, por conta das obras de revitalização. Outra mudança é o dia da festa - um domingo. "Mudamos o dia para que mais pessoas possam ir à parada. Quando acontecia numa sexta-feira, muitos não iam porque estavam no trabalho. O pessoal do interior e de outros estados, por exemplo, tinham a dificuldade da locomoção durante a semana", explica Welington Medeiros, da ONG Leões do Norte.

SERVIÇO

6ª Parada da Diversidade do Recife
Percurso - Cerca de 2 quilômetros da Avenida Boa Viagem
10h - Concentração, ao lado do Hospital da Aeronáutica
13h - Show da cantora Zélia Duncan
14h30 - Saída dos trios-elétricos
19h - Término do trajeto, ao lado da Pracinha da Boa Viagem

